



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO:
CURRÍCULO, LINGUAGENS E INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS



ROSÁLIA GOIS DE SOUZA

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PRÁTICAS COTIDIANAS E
POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÕES DOS/NOS ESPAÇOS
FORMATIVOS DA ESCOLA MUNICIPAL MARCIONÍLIO ROSA**

SALVADOR
2018

ROSÁLIA GOIS DE SOUZA

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PRÁTICAS COTIDIANAS E
POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÕES DOS/NOS ESPAÇOS
FORMATIVOS DA ESCOLA MUNICIPAL MARCIONÍLIO ROSA**

Projeto de Intervenção apresentado ao Mestrado Profissional em Educação: Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. M^a Roseli G. B. de Sá

SALVADOR
2018

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Souza, Rosália Gois de.

Educação de Jovens e Adultos: práticas cotidianas possibilidades de intervenções dos/nos espaços formativos da Escola Municipal Marcionílio Rosa / Rosália Gois de Souza. - 2018.

134 f. : il.

Orientadora: Profa. Dr.a Ma Roseli G. B. de Sá.

Projeto de intervenção (Mestrado Profissional em Educação, Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2018.

1. Educação de jovens e adultos. 2. Estudantes de educação de jovens adultos. 3. Professor de educação de jovens e adultos. 4. Prática de ensino. I. Se, Ma Roseli G. B. de. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. Mestrado Profissional em Educação, Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas III. Título.

CDD 374. 23. ed.

ROSÁLIA GOIS DE SOUZA

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PRÁTICAS COTIDIANAS E
POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÕES DOS/NOS ESPAÇOS
FORMATIVOS DA ESCOLA MUNICIPAL MARCIONÍLIO ROSA**

Projeto de Intervenção apresentado como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

Aprovado em: 30 de agosto de 2018

Dra. Maria Roseli Gomes Brito de Sá – Orientadora
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Dra. Gilvanice Barbosa da Silva Musial
Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Dra. Idalina Souza Mascarenhas Borghi
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB)

Dra. Verônica Domingues Almeida
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Dedico este trabalho aos alunos e professores da Escola Marcionílio Rosa (EJA), a todos os envolvidos nesta modalidade de ensino da Rede Pública Municipal de Educação de Irecê, que acreditam na transformação do sujeito, mesmo frente às adversidades, desde que busque novas possibilidades de inserção, não somente ao direito de estudar, mas, sobretudo ao direito subjetivo que lhe concerne.

AGRADECIMENTOS

Primordialmente a Deus, onisciente e fonte inesgotável de sabedoria, que me permitiu alcançar esta vitória muito desejada, minha eterna gratidão! Mesmo diante de muitos contratempos numa dinâmica dolorida em diversas situações da minha formação profissional e pessoal.

À professora mestra Daiane de Queiroz Carvalho, que me incentivou profundamente a participar dessa formação que considero uma fonte inesgotável de riqueza imensurável, muito obrigada!

Aos professores/as da Marcionílio Rosa, à direção e profissionais da educação de jovens e adultos que me acolheram com muito carinho e respeito.

Aos meus colegas desse Curso de Mestrado Profissional em Educação, em especial aos que estiveram presentes em todos os momentos alegres, difíceis e indecisos, que aconteceram no decorrer desta jornada investigativa.

À minha orientadora, Dr^a Maria Roseli de Sá, pela generosidade, confiança, dialogicidade e orientação necessária durante o percurso desta pesquisa, agradeço imensamente.

Às professoras da Banca Examinadora para a Qualificação, Dr^a Idalina Souza Borghi e Dr^a Gilvanice Barbosa da Silva Musial, pelo cuidado, atenção e leveza nas orientações necessárias para a conclusão deste trabalho, meu muito obrigada.

Aos professores e à coordenadora pedagógica do Instituto Federal da Bahia em Irecê, que participaram dos cursos profissionalizantes da EJA, à coordenadora técnica da Educação de Jovens e Adultos deste município, e a todos que deram apoio e colaboração nessa pesquisa.

Aos meus familiares, essencialmente meus pais (*in memoriam*) e aos que contribuíram e me encorajaram acreditando na minha potencialidade, minha eterna gratidão.

Aos colegas de trabalho, aos amigos e todos que me fortaleceram e apoiaram dando incentivo para a construção deste trabalho.

“[...] sujeitos que, de modo mais visível ou mais sutil, deixam suas marcas, praticam o cotidiano escolar e contribuem para a invenção, a cada dia, da escola pública”.
(Ferraço, 2005)

SOUZA, Rosalia Gois de. *Educação de Jovens e Adultos: práticas cotidianas e possibilidades de intervenções dos/nos espaços formativos da Escola Municipal Marcionílio Rosa*. (Mestrado Profissional em Educação: Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

RESUMO

O presente trabalho apresenta-se em forma de um Projeto de Intervenção, de acordo com o direcionamento do Mestrado Profissional em Educação: Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas, da Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia. Trata-se de um texto em que as descobertas e discussões da pesquisa resultam em propostas concretas de ações interventivas na Educação de jovens e adultos na escola pesquisada, onde também atua a autora. O objetivo geral do estudo foi propor ações interventivas para a Educação de jovens e adultos na Escola Municipal Marcionílio Rosa a partir do levantamento, por meio de observações e das falas de docentes e estudantes, de problemáticas emergentes na dinâmica cotidiana da escola. Como caminho metodológico a opção foi pela pesquisa com inspiração etnográfica, realizada por meio de observações, pesquisa bibliográfica e documental e entrevistas. Os “achados” das observações foram entremeados ao referencial teórico e documental e às falas de docentes e estudantes da EJA, mostrando o cotidiano da escola e as ações emergentes a serem propostas. No cenário da EJA na escola, quatro temáticas básicas foram enfatizadas para compor a dinâmica da EJA na escola: a rejuvenescência no espaço educativo da EJA; a utilização dos espaços da escola; a prática pedagógica e a relação da escola com o mundo do trabalho. Daí surgiram as propostas de revitalização de espaços, da formação continuada de docentes, com a participação de estudantes no planejamento, a ênfase em projetos de leitura e o fortalecimento das relações entre a EJA e o mundo do trabalho.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Prática cotidiana.

SOUZA, Rosalia Gois de. Youth and Adult Education: daily practices and possibilities of interventions of / in the training spaces of the Marcionílio Rosa Municipal School. (Professional Master in Education: Curriculum, Languages and Pedagogical Innovations) - Faculty of Education, Federal University of Bahia, Salvador, 2018.

ABSTRACT

The present work is presented in the form of an Intervention Project, according to the direction of the Professional Master in Education: Curriculum, Languages and Pedagogical Innovations, Faculty of Education, Federal University of Bahia. It is a text in which the findings and discussions of the research result in concrete proposals for intervention actions in the Education of young people and adults in the school researched, where also the author works. The general objective of the study was to propose intervention actions for the Education of young people and adults in the Municipal School Marcionílio Rosa from the survey, through observations and statements of teachers and students, emerging problems in the daily dynamics of the school. As methodological path the option was for research with ethnographic inspiration, made through observations, bibliographical and documentary research and interviews. The "findings" of the observations were intermixed with the theoretical and documentary referential and the statements of teachers and students of the EJA, showing the daily life of the school and the emerging actions to be proposed. In the EJA scenario at school, four basic themes were emphasized to compose the dynamics of EJA in school: rejuvenation in the educational space of the EJA; the use of school spaces; the pedagogical practice and the relation of the school to the world of work. From there came the proposals for the revitalization of spaces, the continuous training of teachers, with the participation of students in planning, the emphasis on reading projects and the strengthening of relations between the EJA and the world of work.

Keywords: Youth and Adult Education. Everyday practice.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	19
1.1 OBJETIVOS	24
2. CAMINHOS METODOLÓGICOS	25
2.1 A OBSERVAÇÃO	26
2.2 A ENTREVISTA.....	28
2.3 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E DOCUMENTAL.....	31
3. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	32
3.1 TEMÁTICA	32
3.2 A EJA NA ESCOLA MUNICIPAL MARCIONÍLIO ROSA	41
3.2.1 A EJA no Projeto Pedagógico	42
3.2.2 A EJA na Marcionilio Rosa sob um primeiro olhar investigativo	44
3.2.3 A EJA na Marcionilio Rosa nas falas de docentes e estudantes	51
3.2.3.1 Falam os/as docentes	51
3.2.3.2 Falam os/as estudantes.....	53
4. A DINÂMICA DA EJA NA ESCOLA MARCIONÍLIO ROSA	56
4.1 REJUVENESCÊNCIA NO ESPAÇO EDUCATIVO DA EJA.....	58
4.2 UTILIZAÇÃO DOS ESPAÇOS	65
4.3 A PRÁTICA PEDAGÓGICA	73
4.3.1 A Formação continuada	77
4.4 A RELAÇÃO DA ESCOLA COM O MUNDO DO TRABALHO	79
4.4.1 Experiências do Curso Profissionalizante	79
5. O PROJETO DE INTERVENÇÃO E SUAS POSSIBILIDADES	84
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
7. REFERÊNCIAS	92
8. APÊNDICES	97

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho que se apresenta como um Projeto de Intervenção parte da realidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), em uma escola pública do município de Irecê, Estado da Bahia, para discutir práticas cotidianas no/do espaço escolar, com foco nas contribuições que possibilitam diversos olhares e conhecimentos ao saber/fazer e o redimensionamento implicado nos processos educativos para essa modalidade da educação brasileira.

O município de Irecê no Estado da Bahia, parceiro da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia FACED-UFBA, proporciona aos profissionais de educação no exercício efetivo de suas funções na rede municipal de ensino, oportunidades formativas por meio de programas de graduação e pós-graduação lato e stricto sensu, o que me possibilitou ingressar na segunda turma do Curso de Mestrado Profissional em Educação: Currículo, linguagens e inovações pedagógicas. A proposta curricular do curso foi elaborada a partir de um projeto ousado com desenho curricular especializado para profissionais em efetivo exercício na educação, realizado no município desde 2004 no âmbito da graduação; de 2009 na pós-graduação *lato sensu* e de 2015 com a pós-graduação *stricto sensu*, com vistas à promoção de formação continuada de professores/as da educação básica para que possam “compreender processos complexos do cotidiano escolar e, mais do que isso, intervir e atuar no desenvolvimento de planos de ação, projetos e programas inovadores voltados para a qualidade dos sistemas de ensino, escolas e organizações encarregadas de processos de formação humana” (SILVA e SÁ, 2016, p. 67).

Com a oportunidade que tive de ingressar neste curso, focalizo não somente a titulação profissional na área educacional, mas também e principalmente, a possibilidade de intervir nas práticas cotidianas dos espaços escolares, objetivando conhecer e dinamizar as concepções intrínsecas entre a teoria e a prática, com a colaboração de professores/as, estudantes, profissionais da educação e equipe gestora da escola, para refletir e redimensionar as práticas pedagógicas da Escola Municipal Marcionílio Rosa, em relação à Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Para focalizar a prática do cotidiano escolar e a atividade docente, o uso da investigação com inspiração etnográfica aborda o trabalho educativo no seu contexto real, segundo André (2012, p. 7) e nessa lógica, assumindo também o meu olhar implicado, já que sou professora nessa escola, considero pertinente trazer referências profissionais da minha atividade docente, desde a década de 1980, quando ainda estudante do Curso de Magistério. Foi a partir dessa

experiência que me inseri no campo de trabalho em educação, após a conclusão do curso em 1985. Prossegui trabalhando na zona rural onde residia, nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Em 1994 participei do primeiro Concurso Público Municipal de João Dourado, período em que assumi a função de professora efetiva da Rede Municipal de Ensino dessa cidade. Fui gestora escolar durante nove anos numa mesma escola, que atende alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental. Muitas experiências consolidadas com a participação da equipe escolar, das famílias e moradores da localidade, transformando o currículo amplo e abrangente às demandas e solicitações de problemas e melhorais para a comunidade.

Desenvolvemos projetos reconhecidos como cultura tradicional local, entre eles a dança e as artes cênicas. Nesse período tive a oportunidade de acompanhar o trabalho da primeira turma de Educação de Jovens e Adultos, que surgiu pela necessidade local e dos povoados circunvizinhos, que a escola atendia. Havia poucas turmas que se completavam com outras classes regulares do ensino fundamental na Escola Municipal Jacó Barbosa, no município de João Dourado-BA. Minha concepção de ensino nessa modalidade educativa desde então foi mudando, inicialmente de forma tímida, porém convidativa e aos poucos se fortalecendo, no entrecruzamento do acesso a obras de autores como Paulo Freire (1983, 1993) e Arroyo (2011), entre outros e a minha própria atuação docente.

Mesmo atuando como gestora escolar continuei exercendo minha função docente ocupando os três turnos de trabalho diário entre dois municípios (Irecê e João Dourado), encontrando muitos desafios para a conciliação de distribuição da carga horária e do trabalho que se intensificou bastante. Assim, desde o ano de 2002, permaneço no exercício da profissão docente nas redes de ensino dessas duas cidades, atuando efetivamente na Educação de Jovens e Adultos, no município de Irecê.

Na minha trajetória docente um grande sonho sempre foi a realização da formação acadêmica que só veio acontecer a partir do ano 2003, com a implementação do Programa de Formação Continuada de Professores em Exercício da Rede Municipal de Irecê em parceria com a Universidade Federal da Bahia (UFBA), o Curso de Pedagogia. Curso que apresentou um fluxograma construído de forma não linear nem disciplinar, alicerçado na Pedagogia do A-con-tecer¹, e que primou pelo atendimento às especificidades dos docentes da Rede Municipal de Irecê, que há muito almejavam a tão desejada “formação superior”. A conclusão do curso se deu em 2007.

¹Termo cunhado pela Professora da Faced-UFBA Maria Inez Carvalho, a partir dos estudos prigoginianos da Teoria das possibilidades/atualizações (CARVALHO, 2008).

No curso de Licenciatura em Pedagogia do ensino fundamental/séries iniciais da UFBA/IRECÊ, coordenado pela Professora Maria Inez Carvalho, desenvolvemos projetos relevantes para nossa formação acadêmica e profissional, com várias pesquisas de campo, incluindo a participação de alunos das escolas da rede municipal de Irecê. Vale salientar que nessa trajetória entre o curso em exercício e a atividade docente, consolidou-se, também sob a coordenação da mesma professora, uma “viagem pela emergência na formação de espaços de aprendizagem” que culminou com o lançamento do livro intitulado *Desvelando a Rede – Cenário das Escolas Municipais de Irecê*, em 2005, do qual participo como autora, juntamente com outros/as colegas do curso, por meio de discussões sobre a escola em que atuava, no texto intitulado “Emergindo no cenário da educação”. (CARVALHO, 2005).

Durante esse curso, vivenciamos aulas de campo em Salvador, no período de uma semana, adentrando em outros espaços dinâmicos e interativos, (cinema, teatro, museus, praças, pontos históricos e turísticos da capital baiana), com os professores/as da FACED-UFBA e de outras instituições universitárias que estavam participando do curso. Com uma vasta programação de atividades lúdicas e prazerosas, construímos novas perspectivas formativas, agregando outros saberes estéticos e artísticos tanto à formação no âmbito profissional, quanto nas práticas pessoais de cada docente da educação básica ali presente.

Outros projetos também merecem destaque, como o Projeto Memórias do Correio do Sertão em que estudamos aspectos históricos e culturais do segundo jornal mais antigo do Estado da Bahia, editado no município vizinho de Morro do Chapéu - BA; o projeto de Leitura e Escrita Resgate às cantigas e brincadeiras de Roda; Rádio WEB no Ponto de Cultura e Tabuleiros Digitais; entre outros realizados com a participação dos alunos nos anos finais do ensino fundamental na área de Língua Portuguesa. O processo curricular, sustentado por uma proposta de flexibilização e de acompanhamento dos percursos formativos de cada professor/a cursista, trouxe grande avanço e descobertas significativas para a formação pessoal e profissional de professores e estudantes, dando outro panorama à educação do município de Irecê e reverberando na prática pedagógica dessas/es professoras/es cursistas.

A conclusão do curso em outubro de 2007 aconteceu em grande estilo, com a Colação de grau seguida do “Baile de Formatura”, envolvendo os cento e quarenta professores cursistas da Rede Municipal de Educação de Irecê cuja turma recebeu o nome de “Memórias”, familiares e inúmeras/os professoras/es que fizeram parte dessas memórias carregadas de subjetividade em busca de promover uma educação integral e contínua aos docentes e discentes da rede.

Já efetivada na Educação de Jovens e Adultos na Escola Municipal Odete Nunes Dourado em Irecê, concluí o Curso de Pós-Graduação em Currículo Escolar pela UFBA, em

2011; em 2012 terminei o Curso de Licenciatura Plena em Letras pelo Programa Especial Docente da Faculdade de Ciências da Bahia (FACIBA). No ano de 2013 participei do Curso de Currículo e Avaliação pelo Programa de Rede Nacional de Formação Docente pela Secretaria Estadual de Educação (SEC) – Instituto Anísio Teixeira (IAT) e recentemente, em 2015, deu-se minha inserção no processo seletivo do Curso de Mestrado Profissional em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Aqui estou entre acertos e desacertos, caminhando em busca de construir outras possibilidades e saberes relevantes para minha vida pessoal e para nossa sociedade, sempre com vistas a novos horizontes, no campo da pesquisa e do conhecimento, objetivando não somente uma aprendizagem significativa, mas, ciente de que preciso fazer muito mais pela educação. A cada passo emerge a necessidade de buscar mais conhecimentos e novas descobertas nas/das linguagens múltiplas do universo educativo.

Iniciei minha trajetória na Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Rede Pública Municipal de Ensino em Irecê-BA a partir de 2008, quando nasceu, entre tantas outras indagações, a inquietação que diz respeito às práticas do cotidiano escolar e ao afastamento temporário dos estudantes dessa modalidade de ensino, entre tantas outras questões. Nesse sentido convido Ferraço (2005, p. 32) que salienta “[...] inúmeros são os caminhos percorridos, os quais, por desafiarem ou se distanciarem ou mesmo negarem aqueles previstos, são considerados inválidos e não dignos de atenção”. Encontramos nesses caminhos, os vários currículos e as diversas formações realizadas e outros modos de se relacionar com as práticas cotidianas no espaço da escola que configura a importância desse espaço para a aprendizagem dos estudantes da EJA.

A partir do curso de Pedagogia, realizado no período de 2004 a 2007, as relações imbricadas no currículo da EJA, seus desafios constantes, as abrangências e suas flexibilidades, indicam novas concepções teóricas e práticas na formação de professores em exercício. Processo que transcende para além da aprendizagem escolar, pois visualiza um campo amplo de ideias, sentidos e possibilidades de aprender a viver melhor em qualquer que seja o ambiente ou espaço onde o sujeito está inserido.

Segundo Arroyo (2011, p. 96), a partir da criação de novas estruturas de funcionamento da Educação Básica (FUNDEB), a EJA se insere no cenário da educação brasileira com estruturas específicas nas Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, além das OGNs, igrejas, cultos afro-brasileiros, sindicatos, movimentos sociais, UNESCO, Abrinq, Natura, SESC e principalmente MST, que se empenham em criar propostas para a educação dos jovens e adultos. Os fóruns de EJA, considerados como novas instituições passaram a ser um novo

espaço promissor, em que o Estado e a sociedade e seus diversos atores sensibilizam quanto ao direito da educação de jovens e adultos na contemporaneidade.

Com um olhar reflexivo sobre essa complexa modalidade de ensino surgiu o grande desafio de trabalhar com mais intensidade, observando a teoria e a prática pedagógica cotidiana nos espaços escolares destinados à EJA. Assim, mesmo diante de momentos de indecisões e incertezas em relação à pesquisa, do objeto e campo a serem pesquisados, houve também a certeza de continuar o estudo e a investigação, mesmo diante de seguidas adversidades. A princípio pretendia pesquisar na Escola Municipal Odete Nunes Dourado, pois ali trabalhei durante nove anos e já me sentia bastante familiarizada com os espaços e práticas escolares da EJA, mas a partir de 2016 fui transferida para a Escola Municipal Marcionílio Rosa² da qual já ouvia comentários positivos sobre sua funcionalidade, sua equipe e os autores que lá fazem o teatro da vida fluir e emergir no campo do conhecimento e dos saberes relevantes para a construção de vida cidadã.

E foi nessa expectativa com muitas indagações – pois o novo causa estranhamento, dúvida e incerteza entre tantas outras suposições– que cheguei à escola e lá encontrei colegas do Curso de Pedagogia, pessoas que já conhecia e com as quais pude realizar conjuntamente, projetos educativos. Aos poucos fui adentrando naqueles espaços, me apropriando da dinâmica de suas práticas, com posicionamento crítico em relação a muitos aspectos da dinâmica da escola, mas instaurando também relações carregadas de afetividade e subjetivismo, dimensões necessárias para o desenvolvimento da ação pedagógica na EJA.

Durante o tempo de atuação na escola exerci diversas funções – professora, coordenadora pedagógica, auxiliar de secretaria, autora e coordenadora do Projeto Biblioteca, professora destacada para acompanhar alunos para as ações profissionalizantes do projeto desenvolvido entre a Rede municipal e o Instituto Federal da Bahia (IFBA). Se essa diversidade de atividades mostra um elemento que merece ser questionado sobre o tratamento dispensado à EJA pelas escolas de uma maneira geral – porque afeta não só a dinâmica das relações e a própria aprendizagem dos estudantes, como também evidencia a precarização do trabalho docente – ao mesmo tempo foi benéfico para minha condição de pesquisadora porque permitiu que eu realizasse os diversos procedimentos de investigação previstos, principalmente a observação, além de criar novas estratégias de abordagem de discentes e docentes para incorporar na metodologia da investigação.

²Doravante a Escola Municipal Marcionílio Rosa, campo empírico do presente estudo será referenciada da forma como é conhecida na cidade de Irecê, a Marcionílio Rosa ou, mais resumidamente, a Marcionílio.

Dessa forma, a inspiração etnográfica que motivou as observações constantes e as descrições do cenário pesquisado contou também com as atividades pedagógicas como procedimentos da investigação. Partindo principalmente das observações in loco, de entrevistas com docentes e estudantes e da análise de documentos, foi possível conhecer melhor a dinâmica da EJA na escola pesquisada e daí levantar temáticas específicas, de onde também surgiram as propostas de intervenção propriamente ditas.

Assim, após a descrição dos Caminhos metodológicos no Capítulo 2, do panorama da EJA a partir da literatura, do Projeto Pedagógico da escola, das primeiras observações da autora e dos depoimentos de docentes e estudantes no Capítulo 3, foi possível levantar as temáticas discutidas no Capítulo 4: Rejuvenescência no espaço educativo da EJA; Utilização dos espaços; A prática pedagógica, enfatizando a formação continuada e por fim A relação da escola com o mundo do trabalho. Os resultados das discussões levaram ao Projeto de intervenção e suas possibilidades apresentado no Capítulo 5 e as Considerações Finais.

1.1 OBJETIVOS

Geral

- ✓ Propor ações interventivas para a Educação de jovens e adultos na Escola Municipal Marcionílio Rosa a partir do levantamento, por meio de observações e das falas de docentes e estudantes, de problemáticas emergentes na dinâmica cotidiana da escola..

Específicos

- ✓ Traçar um panorama sobre a dinâmica dos espaços educativos da EJA na Marcionílio Rosa;
- ✓ Compreender a dinâmica dos espaços escolares e dos sujeitos envolvidos;
- ✓ Discutir as práticas cotidianas dos/nos espaços formativos da Educação de Jovens e adultos na Escola Marcionílio Rosa;
- ✓ Dialogar com os jovens e adultos no intuito de conhecer suas reais trajetórias de vida
- ✓ Discutir as limitações dos espaços escolares não utilizados cotidianamente na dinâmica do contexto local;
- ✓ Identificar as práticas cotidianas relacionadas ao estudo e ao mundo do trabalho com os estudantes desta modalidade de ensino;
- ✓ Levantar desafios e alternativas para o desenvolvimento da prática pedagógica.

2. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Para definir os caminhos metodológicos de uma investigação em um curso de Mestrado profissional em educação é necessário ter em mente a peculiaridade mais marcante desse curso: a de que a pesquisa é considerada “não como um fim em si mesmo, mas como uma possibilidade de intervir diretamente nos processos educativos em que atuam os profissionais em formação”. (SILVA e SÁ, 2016, p. 61).

Procurado um caminho para a dimensão prática das pesquisas realizadas nos mestrados profissionais, André (2016) revisita vários autores, dos quais destaco Bernadete Gatti quando levanta tipos possíveis de pesquisas engajadas, como: “a) pesquisas descritivo-diagnósticas de realidades situadas, visando proposições; b) criação, planejamento ou experimentação de propostas – de metodologias, de ações pedagógicas, de gestão, de softwares, de materiais didáticos; c) estudos avaliativos em pequena escala, com proposições”. (GATTI, 2014 apud ANDRÉ, 2016, p. 34-35).

Considero a alternativa “a” a mais próxima da pesquisa realizada neste estudo, pois a recomendação do Mestrado Profissional em Educação da UFBA é que a pesquisa resulte em um Projeto de Intervenção. Analisando a proposta de pesquisas interventivas, Almeida e Sá (2017, p. 13-14) afirmam que “As concepções de pesquisas propositivas, em suas singularidades, denotam potências formativas a serem engendradas no cotidiano”, sendo que esses projetos, “configurados por esse mote compreensivo, abarcam multirreferências, tratam dos problemas educacionais em suas transversalidades e transitoriedades e entendem os contextos em suas complexidades”.

André (2016, p. 40) informa que esse tipo de pesquisa envolve uma ação, pois está na dimensão da prática; muitos consideram ser a pesquisa-ação o único caminho metodológico, mas ela mostra que não se pode definir que ao prático fica reservada uma única forma de pesquisa, que o interesse do prático pode ser outro, “como por exemplo, elaborar um estudo de caso de uma experiência de formação em contexto, com bons resultados, para inspirar seu trabalho de formador [...]”. Então, nessa linha de pensamento nasce a inspiração metodológica nesta pesquisa de intervenção com a EJA.

Para desenvolver esta pesquisa optei pela metodologia qualitativa inspirada nos estudos etnográficos, implicada, dessa forma, na descrição densa da cultura, da dinâmica das relações entre professores e alunos, dos alunos da EJA entre si, do uso dos espaços, das práticas curriculares no/do contexto escolar onde trabalho. Lembrando que, neste projeto de intervenção procuro aprofundar mais o estudo como pesquisadora da educação de jovens e adultos na Escola

Municipal Marcionílio Rosa, implicada na rede municipal de ensino da qual faço parte há mais de quinze anos consecutivos.

Vidal (2009), em seu artigo O que é a Etnografia afirma que a palavra etnografia deriva da união de dois vocábulos gregos: *ethnos*(significa “povo”) e *graphein*(que significa “grafia”, “escrita”, descrição, ou melhor, “estudo descrito”). Logo, etimologicamente, a etnografia é o estudo descritivo de um povo. E, nesta linha de pensamento metodológico, este estudo etnográfico é imprescindível para a realização desta pesquisa de intervenção.

A pesquisa etnográfica propriamente dita foi criada no campo da antropologia, para acompanhar e analisar a produção simbólica de um determinado ethos. O pesquisador passa a conviver com a comunidade pesquisada, registrando seu universo simbólico, as minúcias do cotidiano, para compor a interpretação daquele espaço cultural. Posteriormente esse tipo de pesquisa foi sendo adotado no campo das ciências humanas, principalmente no campo da educação.

Considerando, a partir da colaboração de André (2012), que se uma das características da etnografia e estudos etnográficos é a descrição densa da cultura, a discussão das práticas, os hábitos, as crenças, os valores, as linguagens utilizadas, os sentidos e os significados para um determinado grupo ou sociedade, a preocupação centraliza-se no processo educativo. Lembrando que, quando o princípio fundamental se baseia no campo da cultura focalizando a educação, os estudiosos fazem uma adaptação desses dois campos intrínsecos ao ensino, chegando à conclusão de que fazemos estudo do tipo etnográfico e não a etnografia no seu sentido restrito.

Então, como caracterizar um trabalho de pesquisa como do tipo etnográfico em educação considerando a cultura local? Que observações são essenciais para o uso dessa abordagem? De acordo com o pensamento de André (2012), um trabalho de pesquisa é considerado do tipo etnográfico, quando as técnicas utilizadas na pesquisa focalizam no campo da observação participante, nas entrevistas intensivas e na análise dos documentos existentes nos espaços afins.

2.1 A OBSERVAÇÃO

Segundo Lüdke e André (2015) a observação ocupa um lugar privilegiado nas abordagens de pesquisa educacional. Para essas autoras, pode ser usada como o principal método de investigação ou associada a outros procedimentos investigativos. Seja qual for o uso

a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens. “Em primeiro lugar, a experiência direta é sem dúvida o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno” e além disso “o observador pode recorrer aos conhecimentos e experiências pessoais como auxiliares no processo de compreensão e interpretação do fenômeno estudado”. (LÜDKE e ANDRÉ, 2015, p. 26).

Essas autoras informam também que existem vários graus de participação do observador, sendo a observação participante a que tem sua tradição na antropologia e na sociologia. Podemos considerar que neste estudo foi praticado esse tipo de observação com o conhecimento prévio da comunidade da escola.

André (2016) reconhece em outro texto que um dos procedimentos mais usados nas pesquisas nos mestrados profissionais é a *observação*, o que veio corroborar a prática investigativa realizada.

As observações tiveram início, como relato, nos primeiros momentos da realização do curso como uma primeira aproximação do fenômeno a ser investigado, tendo em vista uma futura intervenção. Essa prática permaneceu durante todo o estudo, pelo seu papel em uma pesquisa de inspiração etnográfica.

Tinha sempre em mãos um caderno de anotações, mais conhecido nos meios acadêmicos como “diário de campo” ou “diário de bordo”. Nesse caderno estão os registros dos espaços, da dinâmica das relações, a chegada à escola, o olhar atento para o grande número de jovens ao redor da escola. Como a observação passou a ser o procedimento mais utilizado durante todo o estudo, esses registros foram fundamentais para orientar os passos da investigação e em todos os capítulos são retomados para compor as informações levantadas com o uso de outros procedimentos.

A presente pesquisa tem a peculiaridade de contar, previamente, com a implicação da pesquisadora, que já se encontrava imersa nas ações cotidianas da EJA na Marcionílio Rosa. Como foi dito anteriormente, o fato de exercer diversas funções na escola, contribuiu para estar presente e registrar momentos marcantes e também para estabelecer contatos com facilidade, mas por outro lado exigiu o desafio de manter o distanciamento exigido para a realização das análises. Como o projeto trabalha com as práticas cotidianas, muitos procedimentos são ao mesmo tempo pedagógicos e investigativos e aconteceram nos diversos espaços da escola durante a realização de diversas atividades: em sala de aula, substituindo professores, na secretaria, na biblioteca, acompanhando alunos em atividades profissionalizantes.

A observação, porém, não é estática, ela leva a conversas informais que se transformam em rodas de diálogo e em outros recursos procedimentais que foram utilizados como forma de aproximação e maior interação com estudantes e docentes da EJA na Marcionílio durante a pesquisa.

2.2 A ENTREVISTA

A partir de observações e conversas informais percebe-se as marcas do cotidiano escolar bastante presentes nas falas de docentes e estudantes em diversos momentos. Assim, após as primeiras observações levantei os aspectos considerados mais importantes para serem perguntados aos docentes e aos estudantes e elaborei um roteiro das entrevistas que serviu de orientação para as abordagens utilizadas a fim de obter as informações, os depoimentos das/os informantes.

A intenção inicial foi de realizar as entrevistas intensivas recomendadas por André (2012), com docentes e estudantes selecionados de acordo com os “achados” das observações a partir do roteiro que se encontra nos Apêndices, mas a dinâmica da escola fez com que as perguntas e as respostas fossem realizadas em diversos formatos: enquetes, rodas de diálogo e até mesmo questionários.

Ressalto que essas denominações diferentes dizem respeito apenas ao modo como as respostas foram encaminhadas, porque em todas as abordagens de docentes e estudantes havia uma explicação sobre os objetivos da pesquisa e sobre o roteiro. Mas no geral havia uma preferência das pessoas para responderem em casa ou em outro momento. Assim aconteceu com a primeira abordagem que fiz aos docentes, que chamei de enquete para discutir sobre suas práticas cotidianas no ensino da EJA, sobre políticas públicas, políticas de formação. Porém, no primeiro momento apenas cinco dos/as sete professores/as que receberam os questionários se dispuseram a participar e responder por escrito, em tempos diferenciados; ou seja, a escrita foi realizada em suas casas, já que o tempo na escola não foi suficiente para a resolução e devolutiva desta proposta. Foram docentes que atuam nas áreas de Alfabetização, Língua Portuguesa, Matemática, Inglês e História. Aconteceu também com estudantes que declaravam não ter tempo para responder na escola, por isso denominei questionário.

É importante também registrar que o roteiro nem sempre foi seguido em sua totalidade. Algumas pessoas respondiam a alguns pontos, outras respondiam outros. Mas de alguma forma procurei atender a recomendação de Lüdke e André (2015, p. 33) de realizar “entrevistas não

totalmente estruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém”.

As rodas de diálogo de modo (in)formal, consideramos de suma importância para dar continuidade à investigação e obter elementos mais significativos na proposta de intervenção dos espaços formativos da Marcionílio com o público EJA.

Seja qual for a denominação, as respostas foram individuais e agrupadas em dois blocos, de acordo com os roteiros elaborados previamente, como pode ser visto no Apêndice 1:

1- Falam os/as docentes

Cabe esclarecer que a denominação docentes inclui a direção, vice-direção, coordenação pedagógica, além das/os professoras/es; ou seja, profissionais da educação em atuação na escola de uma maneira geral. No processo inicial de levantamentos e análises, houve uma separação das funções de cada profissional, mas como não houve nenhuma peculiaridade marcante nas respostas pelo exercício da função, agrupamos como uma mesma categoria e fizemos uma análise geral das respostas.

Como foi dito, nem todos/as responderam a todos os pontos do roteiro, então foram apenas enumeradas as respostas em bloco. A “chamada” dessas falas durante as análises iniciais no Capítulo 4 referem-se apenas à categoria “docentes”, mas quando são tratadas no contexto das observações ou em temáticas específicas no Capítulo 4, alguns nomes são citados a partir dos registros das observações. Esclareço que todos os nomes são fictícios.

Este foi o Roteiro geral de Entrevista para docentes da EJA na Marcionílio Rosa, apresentado nos Apêndices, contendo o quadro de respostas das entrevistas durante a realização da pesquisa:

1. Principais desafios encontrados atualmente na EJA da Escola Marcionílio Rosa;
2. O que motiva o/a estudante a procurar essa unidade de ensino e possíveis razões para permanecer ou não na escola;
3. Necessidades formativas de docentes para enfrentar os desafios;
4. Políticas públicas necessárias a um efetivo desenvolvimento da EJA na Marcionílio;
5. Políticas mais específicas sobre a prática pedagógica;
6. Sobre os projetos desenvolvidos na escola

2- Falam os/as estudantes

As respostas dos/as estudantes foram agrupadas pela sua condição de aluno/a de um determinado segmento. Mesmo sabendo da importância de considerar as subjetividades, as

singularidades, da forma como aparecem nas observações, da mesma maneira que aconteceu com os/as docentes, não houve nenhuma peculiaridade marcante nas respostas às “entrevistas” para fazer uma articulação com as “respostas” dessas pessoas durante as observações. Foi feito um roteiro de pontos específicos para os/as estudantes que participaram dos cursos profissionalizantes como mostra o Apêndice 1.

Da mesma forma como aconteceu com os/as docentes, nem todos/as responderam a todos os pontos do roteiro, então foram apenas enumeradas as respostas em bloco e a “chamada” dessas falas durante as análises iniciais no Capítulo 4 referem-se apenas ao segmento. Também, da mesma forma, quando são tratadas nas observações e nas temáticas específicas no Capítulo 4, alguns nomes fictícios, idades ou outras características são citados a partir dos registros das observações.

Este foi o Roteiro geral de Entrevista para estudantes da EJA na Marcionílio Rosa, que atende as principais indagações e levantamento de dados relevantes para a realização dessa pesquisa de intervenção.

1. Tempo de estudos na Marcionílio Rosa;
2. Como vê a EJA;
3. O que a escola Marcionílio Rosa representa para o/a estudante;
4. Dinâmica das salas de aulas na Marcionílio Rosa;
5. Sobre Repetência;
6. Interrupções e desistências nos/dos estudos na EJA;
7. Utilização dos espaços na Escola;
8. Relações e Convivência na Marcionílio Rosa;
9. Sobre a relação com o mundo do trabalho;
10. Como vêem o mundo;
11. Continuidade dos estudos após a EJA;

E este o Roteiro de Entrevista específico para estudantes da EJA na Marcionílio Rosa que participaram de Cursos Profissionalizantes do IFBA em 2017:

1. De qual curso participa e porque o escolheu;
2. Dificuldades e superações;
3. Participação e Aprendizagens.

Roteiro de Entrevista específico para estudantes da EJA na Marcionílio Rosa que se inscreveram e desistiram de Cursos Profissionalizantes do IFBA em 2017:

1. De qual curso participou e porque o escolheu;
2. Dificuldades encontradas;

3. Aprendizagens;
4. Planos para o futuro.

2.3 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E DOCUMENTAL

A pesquisa bibliográfica é obrigatória em todas as pesquisas e geralmente é apresentada em um capítulo chamado de referencial teórico, revisão de literatura ou outro nome similar. As leituras feitas para este estudos foram referentes principalmente à Educação de Jovens e Adultos, como não poderia deixar de ser, além de leituras sobre o suporte teórico-metodológico e outras feitas durante o curso que ajudaram a compor as interpretações e análises. Mas a opção foi de não apresentar um capítulo específico com a reunião de todas essas leituras. Somente o item 3.1 do Capítulo 3, referente à trajetória da EJA, foi baseado especificamente na revisão de literatura. Nos demais capítulos e seções as referências teóricas foram diluídas nas análises, na tentativa de articular com as referências empíricas.

Quanto à pesquisa documental, segundo Lüdke e André (2015), esta pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema. Os documentos para essas autoras “não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto” (LÜDKE e ANDRÉ, 2015, p. 39).

Neste estudo os documentos pesquisados foram principalmente:

- ✓ a Lei Nº 9394 de 1996, a LDB, enfocando o Título V: Dos níveis e das modalidades de educação e de ensino, dentro deste o Capítulo II: da Educação Básica e, mais especificamente a Seção V: da Educação de jovens e adultos que se encontra nos artigos 37 e 38 da referida lei;
- ✓ o Projeto Político Pedagógico (PPP) da Marcionílio Rosa;
- ✓ a Proposta Curricular do Município de Irecê – 2013;
- ✓ a Constituição Federal do Brasil de 1988;
- ✓ o Plano Nacional de Educação 2014-2022;
- ✓ o Reexame do Parecer CNE/CEB de 2000, entre outros.

3. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

3.1 PONTOS SOBRE A ESCOLARIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

A educação básica de adultos começou a delimitar seu lugar na história da Educação no Brasil, a partir do ano de 1930, conforme Soares e Silva (2009). Após uma década, surgiram as primeiras políticas públicas nacionais de educação escolarizada para adultos, que propagavam campanhas pelo território brasileiro no processo de alfabetização e caracterizavam os movimentos da integração da educação popular.

Durante a gestão de Anísio Teixeira na Secretaria de Instrução Pública do Distrito Federal, nos anos 1930, criou-se o ensino supletivo para adultos organizado por Paschoal Lemme. O Estado Novo suspende as eleições diretas e percebe-se que não há preocupação com a formação de instrução dos sujeitos. Nos anos 1930 e 1940 em Pernambuco, as práticas de leitura oral em folhetos de cordel eram bastante comuns, seja compradas ou emprestadas. Eram lidas pelo próprio vendedor nas feiras. Geralmente os poemas eram lidos várias vezes pela mesma pessoa ou grupo de memorização. Alguns conseguiam se alfabetizar através do cordel, que se dava num processo solitário de reconhecimento das palavras e versos, até o sistema de representação da escrita, que se estendia a outros objetos de leitura. (GALVÃO e SOARES, 2010, p. 40).

Efetivamente após a Revolução de 1930, os brasileiros começaram a enfrentar problemas de uma sociedade burguesa moderna, sendo primordial, a instrução pública popular. “Assim é que, ainda em 1930 logo após a vitória da Revolução, é criado o Ministério da Educação e Saúde”, segundo Saviani (2016, p.7). A partir daí vai surgindo a necessidade e o reconhecimento da educação. Vários manifestos e medidas relativas à educação brasileira, vão emergindo na construção de um sistema de educação nacional. Assim, a Constituição de 1934 exigia a fixação das diretrizes da educação nacional e a elaboração de um plano nacional de educação, bem como, as leis orgânicas do ensino e um conjunto de reformas promulgadas em 1942 e 1946 por Gustavo Capanema, ministro da Educação do Estado Novo Brasileiro. Porém, somente em 1946 tivemos de fato uma lei nacional referente ao ensino primário, é o que nos afirma o autor acima citado.

Conforme Gadotti e Romão (2011, p. 43), a história da educação de jovens e adultos, comumente reconhecida no Brasil, pode ser dividida em três grandes períodos distintos: primeiro, o período de 1946 a 1958, momento em que foram realizadas grandes campanhas nacionais de iniciativa oficial, chamadas de “cruzadas”, principalmente para “erradicar o

analfabetismo no país”, entendido como uma “chaga”, uma doença como a malária. Por isso se falava em “zonas negras de analfabetismo”. Em segundo, o período compreendido entre 1958 a 1964. No ano de 1958 foi realizado o 2º Congresso Nacional de Educação de Adultos, que contou com a participação de Paulo Freire. A partir daí surge a ideia de um programa permanente de enfrentamento do problema da alfabetização que desembocou no Plano Nacional de Alfabetização de Adultos, administrado por Paulo Freire e foi extinto pelo Golpe de Estado de 1964, depois de um ano de funcionamento no país. Os Centros Populares de Cultura (CPCs), também foram extintos logo depois do golpe militar de 1964, e o Movimento de Educação de Base (MEB), com o apoio da Igreja e cuja duração foi até 1969, foi profundamente influenciado por essas ideologias. O terceiro período da educação de jovens e adultos no Brasil tem como base a intervenção do governo militar, que insistia em campanhas como a “Cruzada do ABC” (Ação Básica Cristã) e posteriormente, com o Movimento Brasileiro de Alfabetização, mais conhecido como MOBRAL.

No entendimento de Galvão e Pierro (2012, p. 46) “O analfabetismo é visto não como causa da situação de pobreza, mas como efeito de uma sociedade injusta e não igualitária”. Nesse viés, a alfabetização de adultos precisaria contribuir para transformar a realidade social, preponderando os saberes e a cultura popular, que deveriam ser considerados como produção de conhecimentos dialógicos e não apenas bancários. Essas mesmas autoras salientam que o preconceito contra o analfabeto foi sendo construído em diversas situações e instâncias sociais, durante o percurso e trajetória histórica no Brasil. Contudo esse fenômeno simbólico não ocorreu de forma linear, pois ao longo da história foi fabricado em diversas direções, com significados diferentes quanto ao ato de ler e de escrever.

Conforme notícia publicada no *Jornal do Commercio* (1991, p. 60 apud GALVÃO e PIERRO, 2012): “O adulto analfabeto já encontrou seu lugar na sociedade. Pode não ser um bom lugar, mas é o seu lugar. Vai ser pedreiro, vigia de prédio, lixeiro ou seguir outras profissões que não exigem alfabetização”. Esta realidade tende a mudar consideravelmente, no processo atual, pois de acordo com esta pesquisa de intervenção na Maricônia observa-se adultos com mais de cinquenta anos de idade que voltaram a estudar e fizeram um curso de formação inicial profissionalizante, como é o caso do senhor Franco, de 59 anos, que a cada dia mostra mais entusiasmo e vontade de aprender, como ele mesmo fala durante uma entrevista.

Retomando o processo de alfabetização nos anos 1940 no Brasil, Galvão e Soares (2010, p. 41-42) salientam que houve um novo impulso ao processo de alfabetização de adultos com o fim da Segunda Guerra Mundial e do Estado Novo. A Lei Orgânica do Ensino Primário em 1946 prevê o ensino supletivo que é lançado em campanha nacional em 1947 visando

alfabetizar a população. Altos índices de analfabetismo chegaram a mais da metade da população com 15 anos ou mais, aos 56%. Inicialmente foram criadas dez mil classes de alfabetização em todo o território brasileiro, principalmente com a criação de uma infraestrutura que atendia à educação de jovens e adultos. Produziram cartilhas, livros de leitura, folhetos com orientações higiênicas, saúde, produção e conservação de alimentos. Com a previsão de três meses para alfabetizar-se, seguido do primário em dois períodos de sete meses, e depois, o adulto faria concurso de capacitação profissional e desenvolvimento comunitário. Esses são alguns dos elementos que configuram a história da alfabetização no Brasil, de acordo com os autores ora citados.

Segundo afirmam Galvão e Soares (2010) o Brasil apresenta experiências de alfabetização de adultos desde o período colonial nas capitanias, províncias e Estado, tendo suas fontes espalhadas por diversas instituições no país. Um fator preponderante refere-se ao pouco estudo destinado ao objeto da história da alfabetização de jovens e adultos nos períodos colonial e imperial.

Esses mesmos autores declaram que o processo de escolarização aconteceu com a chegada dos jesuítas ao Brasil, (1549 até 1759), tendo como ação prioritária ensinar os adultos indígenas a ler e a escrever, embora esses agentes se dedicassem também às crianças. Foram os principais educadores no Brasil, contudo, expulsos pelas diretrizes da economia e política portuguesa no Século XVIII.

Estudos mostram que nos primeiros anos houve muito trabalho para os jesuítas aprenderem a língua tupi-guarani e produzir o material para a catequização dos índios. O uso da língua tornou-se natural entre os padres e os nativos, porém, as autoridades portuguesas proibiram sua utilização na educação, exigindo exclusividade para a língua portuguesa. Posteriormente os jesuítas e membros religiosos catequizaram e instruíram escravos, embora essa ação seja pouco difundida. As experiências do mundo escolarizado com as mulheres adultas foram poucas, ao final do período colonial apenas algumas sabiam ler e escrever. (GALVÃO e SOARES, 2010, p. 28 a 30).

Segundo Gadotti e Romão (2011), até os anos 1940 a educação de adultos era apenas uma extensão da escola formal, essencialmente na zona rural; já na década de 1950, duas tendências marcaram essa modalidade de educação: uma compreendida como conscientização por meio de uma “educação libertadora” cunhada por Paulo Freire e a educação entendida como “educação funcional”, ou seja, a educação profissional com o treinamento da mão de obra mais produtiva.

No final da década de 1950 e início de 1960, como informam Galvão e Soares (2010, p. 44) surgiram muitos movimentos na educação e cultura popular, alguns deles inspirados nas ideias de Paulo Freire. Entre esses movimentos destaca-se a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB); o CEPLAR – Campanha de Educação Popular, entre outros já citados neste texto. Com concentração mais no Nordeste, período em que mais de 50% da população brasileira era excluída da vida política nacional pelo fato de ser analfabeta, visto não mais como causa de pobreza, mas como efeito de uma sociedade injusta. Portanto, a alfabetização de adultos deveria contribuir para o desenvolvimento e transformação da realidade social. Vejamos o que diz o Parecer CNE/CEB Nº 11/2000, p. 342:

[...] Considerando que 71% dos jovens de 15 a 17 anos são oriundos de famílias com nível de renda abaixo de um salário mínimo (INEP, 2007) acredita-se que, com esse entendimento os marcos legais podem ser úteis desde que seja flexível à legislação e possibilite condições concretas de acesso à educação aos jovens, pois entende as reais condições de vida e necessidade de trabalho precoce, sua origem pobre, a escolarização marcada pela interrupção, pela repetência e exclusão. Portanto, as possibilidades de exercer a cidadania precisam estar ancoradas no princípio da qualidade de ensino oferecido aos jovens estudantes da EJA. O que poderá ser difícil de aceitar e conviver, diz respeito à ampliação da obrigatoriedade da oferta de ensino concedida até os 17 em matricular-se na EJA. Conforme estudos realizados pelo INEP fundamentado nos dados da PNAD 2007 mostram que na totalidade de 10,2 milhões de jovens compreendendo essa faixa etária, apenas 50% (5,1 milhões) frequentavam a escola na série normal de acordo com a idade certa; enquanto 1,8 milhão de jovens apresentavam de um a dois anos de defasagem e mais de 1 milhão de estudantes tinham mais de três anos de defasagem idade-série. Quanto aos que não frequentavam a escola estão na totalidade de 1,8 milhão de jovens de 15 a 17 anos, contudo, apenas 290 mil estudantes concluíram a última série na idade adequada e cerca de 1,3 milhão já apresentavam um quadro com mais de dois anos defasados a partir do momento que deixaram de frequentar a escola.

Como salientam Galvão e Soares (2010, p. 43), a primeira Campanha Nacional de Alfabetização se fundamentou com base fraca, considerada como ação fácil, simples e rápida a curto prazo. Em final de 1950 houve muitas críticas direcionadas à campanha pelos próprios participantes, principalmente em Pernambuco com um grupo liderado por Paulo Freire, no II Congresso Nacional de Educação de Adultos, realizado em 1958 com indicativo que os cursos deveriam partir da própria realidade dos alunos e que o trabalho deveria ser “com e não para o homem”. Nesse pressuposto, o adulto analfabeto não poderia mais ser considerado como ignorante e imaturo, mas um sujeito produtor de cultura e saberes relevantes. Daí a famosa proposta de “leitura do mundo” inspirada nas formulações de Paulo Freire. Além da problemática do analfabetismo havia as condições de miséria em que viviam esses sujeitos e que precisavam ser problematizadas.

Para Galvão e Soares (2010, p. 45), Paulo Freire propunha que as cartas de ABC deveriam ser substituídas pela própria realidade do educando no processo de alfabetização. Em

1963 encerra a Campanha Nacional de Alfabetização que iniciou em 1947. Então, Freire assume o compromisso de elaborar o Plano Nacional de Alfabetização em consonância com o Ministério da Educação, que foi interrompido em 31 de março de 1964 com o Golpe Militar.

Segundo Galvão e Soares (2010, p. 46), O MOBREAL foi criado em 1967 e iniciou suas atividades em 1969. Com a proposta “você também é responsável, então me ensine a escrever, eu tenho a minha mão domável, eu sinto a sede do saber”, o movimento traz muitos recursos, recruta alfabetizadores sem muita exigência, qualquer pessoa que soubesse ler e escrever poderia ensinar de qualquer forma e ganhar qualquer coisa. Os métodos e o material didático assemelhavam ao do movimento de educação popular, partindo de palavras-chave do contexto real do sujeito aprendiz. Nos últimos anos do MOBREAL surgiram muitas denúncias que culminaram com a criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que apurava os recursos financeiros destinados ao movimento, bem como a divulgação de falsificação de índices de analfabetismo. Pedagogicamente o MOBREAL foi criticado por não garantir a continuidade dos estudos, pois muitos adultos alfabetizados desaprenderam o ato de ler e escrever pouco tempo depois de “se alfabetizarem” por meio dessa campanha.

O MOBREAL foi extinto em 1985 com o surgimento da Nova República e o fim do Regime Militar. No mesmo ano foi criada então a Fundação Educar que teve curta duração, pois, em 1990 – Ano Internacional da Alfabetização, o governo Collor extinguiu a Fundação e não criou nenhum movimento para substituição. Entretanto, com a promulgação da Constituição Federal de 1988, que concedeu o direito à educação a todos os que não frequentaram ou concluíram o ensino fundamental, os municípios ampliam a oferta de educação para adultos. (GALVÃO e SOARES, 2010, p. 47).

O Movimento de Alfabetização (MOVA) surgiu no início de 1990 com nova configuração de envolvimento do poder público e iniciativas da sociedade civil. Em 1996, cria o Programa Alfabetização Solidária em Natal.

Segundo Gadotti e Romão (2011, p. 41-42), o conceito evolutivo da educação popular pode ser descrito da seguinte forma:

I Conferência Internacional sobre Educação de Adultos: Dinamarca (1949), a educação foi concebida como educação moral. (p. 41) “Contribuir para o respeito aos direitos humanos e para a construção da paz duradoura, que seria uma educação continuada para jovens e adultos...”

II Conferência Internacional sobre Educação de Adultos realizada em Montreal (1963). Aparece dois objetivos: sendo o primeiro, a educação de adultos concebida como continuação da educação formal, educação permanente e como educação de base ou comunitária.

III Conferência Internacional sobre a Educação de Adultos, em Tóquio (1972), voltou a ser entendida como suplência da educação fundamental, ou seja escola formal. Seu objetivo era reintroduzir jovens e adultos, principalmente os analfabetos, no sistema formal de educação no país.

IV Conferência Internacional sobre a Educação de Adultos em Paris (1985), que se caracterizou pelo pluralismo de conceitos, com discussão de vários temas como: alfabetização de adultos, pós-alfabetização, educação rural, educação na família, educação da mulher, educação em saúde e nutrição, educação cooperativa, educação vocacional, educação técnica, que provocou um grande colapso no conceito de educação de adultos universalmente.

Já em 1989, com a intencionalidade de preparar para o Ano Internacional da Alfabetização (1990), criou-se no Brasil uma Comissão Nacional de Alfabetização, coordenada a princípio por Paulo Freire e posteriormente por José Eustáquio Romão. Com o objetivo de elaborar diretrizes para formular políticas de alfabetização, mesmo que, a longo prazo que nem sempre são assumidas pelo governo federal como afirma Gadotti (2011). Portanto, há de se convir um certo distanciamento entre a sociedade civil e o Estado no Brasil no tocante aos problemas educacionais.

A LDB considera as estratégias da EJA como campo de valores, de sentido do bem ou do mal; das possibilidades e limites da humanização marcante nas histórias de vida desses sujeitos. Desde os anos 1960 a Educação Popular já era vista como a formação do povo e não meramente o ensino, tendo como base prioritária a emancipação libertadora de justiça, igualdade, da cultura, da ética e dos valores. Informa (ARROYO, 2009, p. 111).

Logo, a educação de qualidade é assegurada a todos, conforme a Constituição Federal, no Capítulo III em seu Art. 205, quando diz que a educação é um direito de todos e dever do Estado e da família:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, p. 137).

De modo que a efetivação desse direito ao estudo na educação de jovens e adultos vai além da oferta concedida pelas escolas públicas de ensino e pela qualidade de vagas oferecidas, pois é preciso reestruturar e adequar sua proposta curricular primando pela permanência desses alunos na escola.

Um dos grandes desafios é a contribuição para que todos os brasileiros e brasileiras, independentemente da idade que possam ter, venham concluir no mínimo o ensino fundamental, assegurando o direito social à educação, considerado como um direito à cidadania, como diz a Constituição Federal de 1988.

Conforme estudos, Galvão e Soares (2010, p.30/31), a institucionalização da escola no Brasil aconteceu no século XIX, que difundia aos poucos, os tempos, espaços, os saberes, os materiais escolares e a formação e profissionalização do professor. Durante a colonização diversas discussões nas assembleias, províncias sobre a inserção das “camadas inferiores da sociedade” (homens e mulheres pobres livres, negros/as, escravos/as), no processo formal de instrução primária e secundária como política de educação para jovens adultos.

Para Brunel (2004, p. 78), são muitas as situações difíceis ou não pelas quais passam os alunos da EJA, e que, de certa forma interferem na vida escolar deles consideradas como sucesso ou fracasso. Por sua vez essas referências não estão restritas aos aspectos cognitivos, mas também, interferem na vida social e econômica desses sujeitos. Essa mesma autora sugere que a escola precisa ter sentido para o aluno, então ela deve ser atrativa e prazerosa. Não importa os métodos utilizados na prática pedagógica, e sim, despertar o sentido e o prazer de estar e permanecer no espaço escolar.

Nas informações apresentadas pelos alunos da EJA durante a pesquisa realizada, eles trazem um pouco de suas histórias de vidas, marcadas pelos desafios e dilemas de afastamento temporário, suas identidades construídas nos contextos socioculturais e o que a escola representa para eles/as na contemporaneidade. A esse respeito, Arroyo (2011, p. 119) salienta que não foi a EJA que se distanciou da seriedade do sistema escolar; mas, foi este que se distanciou da realidade de vida dos setores populares. Para crescer sua configuração como campo público de direitos à educação de jovens adultos, o sistema escolar precisa avançar nessa configuração como campo público de direito conforme as reais condições de vida e sobrevivência humana. Precisa acontecer a adaptação dos sistemas à concretude social.

Ao longo da história educativa no Brasil o processo de exclusão social sempre esteve presente para muitos indivíduos, embora de forma implícita, porém marcante nas demandas socioculturais, desencadeando uma série de distorções que invadiu diversos níveis e faixas etárias, atingindo os sujeitos que não tiveram oportunidade de concluir o ensino fundamental na idade certa e causando uma série de transtornos e desafios. Entre eles estão jovens, adultos e idosos. Em decorrência de fatores negativos no passado, esses sujeitos tiveram seus direitos negados, de modo que na contemporaneidade ainda existem muitos brasileiros que não estão inseridos na escola e que ainda se encontram na zona de analfabetismo, seja funcional ou não. Assegurar-lhes esse direito é um dever do estado brasileiro e da sociedade. Em favor dessa dívida social que continua em débito para esses sujeitos precisamos consolidar políticas públicas que possibilitem integração escolarizada, respeitando a realidade e a singularidade de cada sujeito. Para essa reflexão muitos teóricos dialogam conosco no decorrer deste texto, com a participação de alunos/as, professores/as e profissionais da Educação de Jovens e Adultos.

Conforme dados de “O Globo” por Paula Ferreira (2017), o Brasil ainda apresenta cerca de 11,8 milhões de analfabetos correspondentes à população de 15 anos ou mais. Esses dados foram divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), referente ao ano de 2016, com indicativo de que o Brasil não conseguiu alcançar uma das metas intermediárias que

estabeleceu o Plano Nacional de Educação (PNE) em relação a população com 15 anos ou mais no processo de alfabetização.

Este índice é de 7,2% enquanto na faixa etária de 60 anos ou mais é quase três vezes maior chegando alcançar 20,4%. Sendo que, a Região Nordeste é considerada a área com maior taxa de analfabetismo no país, ou seja, 14,8%. Na Região Sul é apresentado o menor índice, com 3,6% de analfabetismo. Portanto, segundo o jornal O Globo, somente as regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste conseguiram alcançar a meta fixada pelo PNE. Que medidas e que políticas públicas estão sendo tomadas para a meta desejada? É um questionamento que muitos brasileiros fazem na contemporaneidade.

Fator relevante e de grande preocupação para que, de fato possamos alcançar a meta desejada, não apenas por vaidade, mas essencialmente por considerar que todo/a brasileiro/a tem o direito de estudar e aprender.

Nesse entendimento precisamos conhecer esse público ativo que frequenta a escola, seja o jovem, o adulto ou o idoso. Embora a EJA tenha um perfil bastante jovem, como discutiremos posteriormente, o idoso marca lugar de destaque, principalmente pela sua ousadia, coragem e disposição para procurar a escola. Por isso tive a curiosidade de ler um pouco sobre essa etapa de vida humana e convido autores que falam sobre o idoso na contemporaneidade. Segundo Carvalho (2011, p. 6’):

O termo “Terceira Idade”, de acordo com diversos autores, surgiu na França, no final dos anos sessenta, para simbolizar uma nova etapa da vida dos idosos. Para expressar novos padrões de comportamento de uma geração que se aposenta e envelhece ativamente. O conjunto de representações em torno de envelhecer de modo ativo, associada ao lazer, à autonomia, e à autossatisfação.

Em 2016 a Marcionílio recebeu mais idosos do que jovens e adultos no primeiro segmento, ou seja, no processo de alfabetização. Muitos desses alunos/as continuaram em 2017 na mesma turma, e segundo os professores que lecionam, o avanço é pouco, pois eles/as trazem consigo muitas dificuldades na aprendizagem cognitiva; porém, com muitos conhecimentos culturais. Já em 2017, aumentou bastante o número de alunos com o mesmo perfil de faixa etária. Muitos deles quando conseguem ser promovidos para outra turma se recusam a ir, alegando que não vão gostar do professor/a daquela turma, que imaginam os professores/as não irão ensinar-lhes com paciência nem ter tolerância, e então, preferem continuar na mesma turma porque também estão sempre aprendendo a cada dia algo novo e interessante para suas vidas.

Observa-se que eles são assíduos e demonstram criticidade, argumentam, concordam, discordam e participam ativamente com relatos das suas histórias de vida e do contexto em que vivem. É perceptível nesta turma questionamentos referentes à vida pessoal dos colegas,

vizinhos e as experiências que trazem de outros contextos, que costumam socializar na sala de aula. Assim, eles vão despertando o interesse em participar da vida social, da política e principalmente dos eventos culturais regionais. E nessa dinâmica interativa que a escola oferece e oportuniza, eles/as se alegram se encantam e vivem esses momentos com muita intensidade, principalmente nos eventos quando eles estão participando diretamente com apresentações culturais (fotos em anexo).

Lembrando que essa fase deve ser vivida de acordo com os interesses e desejo de cada pessoa, Carvalho (2011, p. 61) afirma que:

A partir de então, a terceira idade não estaria associada à miséria e doença, e, sim, a uma premente realidade de envelhecer. Além da aposentadoria, os idosos teriam a possibilidade de resgatar o controle de suas próprias vidas agindo por conta própria, realizando sonhos da juventude, inserindo-se em novos modelos de espaços sociais, e voltando ao banco escolar.

Em 1994, os idosos buscam fortalecimento no espaço público, nos fóruns de debate com vistas à concretização de ideais democráticos, fundamentados na conquista da cidadania e reinventando uma nova velhice: a Política Nacional do Idoso (Lei nº 8842 de 4 de janeiro de 1994), regulamentada em 3 de junho de 1996 pelo Decreto nº 1948”. “O Estatuto do Idoso, criado pela Lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003, estabelece prioridades às normas protetoras do idoso. O artigo 3º dessa lei contempla um conjunto de direitos em seus vários aspectos:

É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

No capítulo V, que trata da Educação, Cultura, Esporte e Lazer, limitando aos preceitos dos artigos 20 e 21: Art. 20. O idoso tem direito à educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitam sua peculiar condição de idade. Art. 21. O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados. Carvalho (2011, p. 61).

Para Carvalho (2011, p. 61/62), a educação permanente precisa garantir princípios básicos e fundamentais pode incorporar-se no processo de formação em qualquer momento de sua vida. Logo, pensar a educação como formação contínua que transforma a vida pessoal e socialmente cultural dos seus indivíduos, sustenta em quatro pilares fundamentais. Ainda afirma: “A diminuição da mortalidade e do índice de natalidade, bem como o rápido

crescimento de novas tecnologias nas comunicações e também no implemento à saúde, fomentou o aumento da expectativa de vida do brasileiro”. Entretanto, a sociedade não estava preparada para esse envelhecimento e, a partir daí, nasceram novos problemas sociais que afetaram a sociedade como um todo. O que fazer com os velhos? O que fazer com a expectativa de vida? O que fazer com a aposentadoria? Quem vai cuidar dos velhos?

Será preciso criar e investir em espaço de acolhimento de idosos e família, numa expectativa de sociabilidade, tolerância e respeito aos mais velhos. Com isso, os espaços de acesso à educação formal devem garantir a coexistência harmônica das diferentes categorias de idade, através de ações educativas que incentivem a sociabilidade, a troca de experiências e o respeito entre as gerações.

Embora a discussão acerca dos idosos é fundamental, muitos deles não quiseram participar das entrevistas, se recusaram a responder os questionamentos alegando que não sabiam falar bem. Diante dessa premissa faltou uma interação que julgo essencial no campo da pesquisa.

A educação permanente deve estar sempre voltada à realidade da vida. A experiência traz um interessante resultado, fazendo com que alunos de diversas gerações, culturas e perfis, construam sua própria aprendizagem. (CARVALHO, 2011, p. 63)

É preciso dialogar e trocar experiências das marcas e trajetórias de vida escolar dos sujeitos da EJA, para que de fato, possa formular políticas que venham garantir o direito à educação para jovens adultos, pois a educação sobrevive nos sistemas escolares com os indivíduos que ali se encontram à espera de conseguir inserir no sistema educativo conforme suas necessidade e peculiaridades expressa em seus contextos de vida coletiva ou na sua singularidade.

3.2 A EJA NA ESCOLA MUNICIPAL MARCIONÍLIO ROSA

Retomando o cenário da EJA com o qual convivo diariamente, não há diferenças significativas entre a Marcionílio Rosa e outros espaços educativos em que acontece nessa modalidade de ensino. Pela experiência na Escola Municipal Odete Nunes Dourado e agora na Marcionílio, há semelhanças que mostram a baixa frequência e ao afastamento temporário dos alunos, entre outros aspectos similares.

3.2.1 A EJA no Projeto Pedagógico

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola escolhida como *lócus* do presente estudo diz que esta nasceu como projeto de educação no ano de 1968, a partir da realização do sonho de um grande idealizador, o senhor Marcionílio Rosa, que percebeu a carência e necessidade de uma escola na comunidade, do bairro Boa Vista em Irecê e resolveu dedicar parte de sua vida a esse projeto. Com recursos próprios procurou e contratou uma professora, alugou um depósito que foi transformado em uma escola, que posteriormente recebeu o seu nome. Assim, durante vários anos foi ampliando e fazendo alterações na estrutura do depósito, além de conseguir contratar mais professoras para ensinar as crianças da localidade.

Em 1982 a Prefeitura Municipal de Irecê assume a responsabilidade da educação nessa comunidade construindo uma escola e administrando-a. A partir de 1997 começou a investir mais no setor educacional, propondo formação para professores, coordenadores, pessoal de apoio e equipe gestora das unidades de ensino, bem como a ampliação da estrutura nas escolas e aquisição de novos recursos tecnológicos e pedagógicos para as escolas da Rede Municipal de Ensino. Novos investimentos foram concedidos e com a adesão das políticas públicas de investimento na formação continuada e na capacitação de professores/as e profissionais da educação na cidade de Irecê, cresceu bastante a procura e o número de alunos matriculados aumentou. Com isso ampliou a estrutura física e suas dependências para garantir o direito à educação básica na comunidade local.

Situada na Praça Marcionílio Rosa, s/n, no bairro Boa Vista, cidade de Irecê-Bahia, a Marcionílio Rosa atende aos anos iniciais do ensino fundamental durante o diurno e, no noturno, a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Atualmente, em termos de infraestrutura, a Marcionílio Rosa conta com nove salas de aula, uma sala para professores, uma sala para a coordenação pedagógica e sistema mecanográfico; uma sala para a direção, uma secretaria, uma cantina (pequena), um depósito para armazenar a merenda escolar, uma sala multifuncional (com atendimento no diurno), um almoxarifado, um arquivo morto; uma sala para recursos audiovisuais; cinco banheiros, um pequeno pátio coberto, um refeitório, uma quadra poliesportiva que é usada diariamente no turno noturno pela comunidade e um pequeno parque infantil.

A Biblioteca Otacílio Marques Dourado Sobrinho, funcionou somente no turno diurno em 2016, ficando a EJA desassistida desse espaço, bem como o Info Centro que corresponde à sala de recursos tecnológicos da Marcionílio, sendo que a biblioteca foi disponibilizada para a Educação de Jovens e Adultos de 2017, algumas vezes na semana, para atender aos professores

e estudantes que precisavam desses espaços para garantir a utilização de outras linguagens e expressões comunicativas no processo leitor/a. Também a quadra poliesportiva não era utilizada no turno noturno, como questionam alguns jovens em suas narrativas.

Sobre isso pronunciam-se Rodrigues e Carvalho (2012, p.129):

Entendemos que analisar as práticas na EJA no Brasil implica pensar não apenas a escolaridade tardia, com ênfase para as especificidades da faixa etária, mas também as especificidades culturais, compreendendo a heterogeneidade e a diversidade social e cognitiva, na qual jovens e adultos estão inseridos.

Precisamos discutir mais essas questões, pois o que se propaga primordialmente é o acesso ou a falta desses sujeitos na educação sistematizada, que impera nas instituições educacionais no país, seja ele jovem ou adulto. As autoras acima mencionadas afirmam que, precisamos discutir mais a complexidade da organização do trabalho docente na EJA.

Conforme apresenta o Projeto Político Pedagógico(PPP), da Marcionílio, o Regimento Interno foi construído com base legal, amparada na Constituição Federal (1988), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), no Plano Municipal de Educação e na Lei Orgânica Municipal. O Colegiado Escolar dá base e sustentação para as decisões legais da escola, principalmente no que tange às questões relevantes de finanças e recursos públicos que recebe. Outra instância criada para garantir, legitimar e representar a continuidade das ações educativas é o Conselho de Classe em que os professores participam ativamente do processo, buscando trazer a realidade contextual, o perfil de cada turma e de cada aluno na sua singularidade, sem desconsiderar as aprendizagens e objetivos alcançados, numa proposição de redimensionar o que precisa ser desenvolvido para que haja de fato a aprendizagem satisfatória. Esse conselho também direciona o processo de avaliação coletiva, de forma a contemplar a educação oferecida na escola e o que precisa oferecer modificar, acrescentar nas práticas do “fazer pedagógico e do ensino ofertado em sua totalidade.

Vale ressaltar que o PPP da Marcionílio Rosa traz referências vagas que não condizem com as práticas cotidianas desta escola na Educação de Jovens e Adultos. Esse projeto foi atualizado no ano de 2013, porém não contemplou a Educação de Jovens e Adultos, ficando para ser revisado pelos professores e profissionais dessa modalidade de ensino. Essa atualização não aconteceu porque não foi disponibilizado tempo para essa prática.

3.2.2A EJA na Marcionilio Rosa sob um primeiro olhar investigativo

De acordo com o pensamento de Oliveira (1996, p. 19 a 21), o olhar pode ser considerado como a primeira experiência do pesquisador no campo. “Seja qual for esse objeto,

ele não escapa de ser apreendido pelo esquema conceitual da disciplina formadora de nossa maneira de ver a realidade”. A partir do olhar para o objeto da investigação empírica, esse sofre refração, em função da compreensão e do modo que visualizamos. Então para conseguir penetrar e situar-se nas relações sociais imbricadas na investigação, o etnólogo precisa apropriar-se de um recurso imprescindível: “o ouvir”.

Com o olhar e também o ouvir para as observações feitas no ambiente escolar, compreendendo o mês de fevereiro de 2016, a composição da problemática da minha pesquisa começou pelo cenário da escola, na qual exerço diariamente minha atividade docente no turno noturno, vista por mim como uma escola desassociada do turno diurno; as relações e diferenças entre os jovens, adultos e idosos; os espaços existentes não utilizados pela EJA; e os desafios enfrentados pelos/as professores/as para lidar com estes e outros problemas.

Uma dessas observações implicadas no cenário e campo da minha pesquisa de intervenção aconteceu logo no início do curso de Mestrado Profissional, sob a orientação da Professora Dra. Maria Inez Carvalho, no mês de março de 2016. Apresento esse relato que diz um pouco do espaço, do tempo cronológico e das práticas cotidianas da escola que escolhi para ser meu campo de pesquisa interventiva.

Cheguei à Escola Marcionílio Rosa, no dia 15 de fevereiro de 2016 às 19 horas, onde encontrei alguns alunos à espera da abertura do portão principal. Pouca claridade (talvez devido a uma grande árvore que há bem perto do muro); o espaço na calçada estreito para acomodar os alunos que aguardavam o sinal para entrar. Naquele exato momento o porteiro abre o portão e alunos/alunas entram calmamente em pares ou individualmente. Alguns proferem: – Boa noite! Outros, não, simplesmente seguem em direção à pequena rampa plana com acessibilidade, através de um corredor um pouco escuro ensombrado pela velha árvore ali existente. Do lado direito está situado um pequeno parque infantil, ao lado esquerdo está localizado o Info centro (sala de informática), um banheiro para utilização dos alunos portadores de necessidades especiais e a sala multifuncional. Nesse pequeno espaço, alguns alunos ou funcionários estacionam suas motos. A poucos metros dali situa-se um pátio coberto com iluminação razoável parecendo um labirinto com tantas entradas para diversos espaços. Os alunos entram aos poucos e pela aparência física alguns não demonstram entusiasmo nem tanta alegria; são jovens e também adultos, entre eles idosos, que se misturam, rejuvenescendo aquele ambiente, talvez novo para alguns e bastante familiarizado para outros. Na fisionomia dos adultos há seriedade, cansaço e preocupação. Será que muitos alunos estão ali, porque são movidos pela esperança de encontrar algumas respostas para as perguntas que supostamente fazem no interior de suas concepções de vida?

Segundo Arroyo (2011, p. 102), o reconhecimento da juventude e da vida adulta desses sujeitos como um tempo específico de direito à educação está muito distante de ser legitimado na sociedade e no Estado, inclusive nos atores mais comprometidos com a educação desses jovens e adultos. No percurso histórico itinerante da EJA, há uma visualização indicando que o direito à educação somente será reconhecido conforme os avanços sociais e políticos que surgem na legitimação dos direitos humanos, pois, a configuração está atrelada a essa legitimação da EJA.

Reconhecer os avanços vem desde a infância dos portadores de necessidades, trabalhadores, jovens e adultos coletivamente de direitos e não de favores e suplências. Nos movimentos sociais e nas ações coletivas encontram-se propostas da EJA, mais próximas da especificidade da vivência dos jovens e adultos; também, pelo fato de ser considerados pobres, desempregados, na economia informal, negros, nos limites de sobrevivência humana. O autor aprofunda a discussão afirmando que o nome genérico “Educação de Jovens e Adultos”, oculta muito da história identitária coletiva desses sujeitos, de negação de direitos, dos processos de exclusão e marginalização, que caracteriza como uma política afirmativa de direito historicamente negada aos indivíduos dessa modalidade de ensino. (ARROYO, 2011, p. 103)

Nessa busca de conhecimentos e informações, ali estão os jovens e adultos que se dirigem para as salas de aula, alguns cabisbaixos, outros de cabeça erguida, que caminham com passos firmes e seguros. Adultos serenos, jovens alegres com aparência bastante diversificada, a começar pelo estilo de alguns, com corte dos cabelos e de algumas vestimentas características como o “estilo *funk* ou algo semelhante”.

Muitas senhoras, senhores e jovens circulam naquele lugar. Uma dessas alunas me chama atenção, pela forma que entra na escola, como se estivesse carregando compulsoriamente uma jovem (pois segura com firmeza o braço); uma garota alta, morena, cabelos longos e trançados, olhos claros, aparentando peso acima do limite para sua idade (aproximadamente 20 anos de idade); de olhar vago e distante, distraída, indicando ingenuidade. A senhora que a conduz deve ter uns 55 anos de idade, apresentando estatura baixa; forte, morena, cabelos pretos e longos, presos com um adereço. Fixa o olhar ao redor e se surpreende com o chamado da filha quando balbucia a palavra – mãe... Com um leve sorriso tímido dirige-se para a sala do 1º segmento da EJA, que corresponde aos dois últimos anos iniciais do ensino fundamental.

Alguns jovens caminham em direção ao bebedouro e permanecem lá por alguns minutos, depois vão ao banheiro, parece que hesitam entrar na sala de aula, (poucos agem dessa forma); procurando ganhar tempo para um breve bate-papo... Quando de repente são surpreendidos por uma voz grave, mas firme que desperta temerosidade. – Ei, vocês aí?! – Vão

para a sala de aula! – As professoras já estão lá... É a voz do vice-diretor que brada com “ar de relevância” naquele espaço educativo que soa com autoridade afetiva, porém com muita propriedade. Nisso os alunos, levantam a cabeça instantaneamente, olham em volta e se deparam com ele; homem alto, calmo, jovem, moreno, bonito, olhos claros, cabelos pretos. Naquele momento os olhares se encontram simultaneamente, os jovens dirigem-se para suas respectivas salas de aula, pois entendem que esse chamamento é a garantia do compromisso e responsabilidade que devem ter. A presença da inspetora (pessoa que ocupa a função de auxiliar e orientar os alunos/as no pátio da escola, como providenciar recursos didáticos e tecnológicos quando solicitado pelos professores), também é fundamental, pois, auxilia no controle da entrada e saídas dos alunos. Uma senhora calma, tranquila que demonstra paciência e experiência na função que executa.

Ao lado direito, logo na entrada no pátio, está a secretaria da escola, a sala dos professores, a diretoria, as salas de aula que se dividem em lado direito e lado esquerdo. Vale ressaltar que os professores/as chegam à escola, antes dos alunos, indo até seus armários [...], separam o material didático para o uso nas salas de aula; lugar onde buscam dividir seus conhecimentos, experiências e saberes relevantes àqueles que procuram ampliar a aprendizagem desejada – os alunos. Lembrando Freire (1996, p. 29), “Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”. De fato, é um conhecimento que requer mais atenção, densidade, com um olhar suspenso e implicado simultaneamente, convocado pela ontologia das ações e reações dos sujeitos em frenético dinamismo, ou não.

Na secretaria o movimento é intenso, são pais e jovens matriculando-se e já indodireto para as salas de aulas. O atendimento ali é rápido e eficiente, a secretária atende com delicadeza e educação, percebe-se que os pais e/ou responsáveis se sentem bem, pois são tratados com afetividade. Quando o movimento no pátio diminui (pois os alunos se encontram nas salas de aula), o vice-diretor se encontra na secretaria para ajudar no processo efetivo das matrículas ou circulando, nos diversos espaços do ambiente. Nessa dinâmica interativa é notória a percepção das diversas linguagens expressas naquele recinto, muitas vezes não ditas nem percebidas, mas que são carregadas de afetividade, elementos culturais, sociais, políticos, que, simbolicamente transformam o espaço escolar, suas configurações e o sentido que a escola apresenta conforme o olhar de quem observa esse constante devir. Essas possíveis construções e demandas reais incidem, todos que ali estão, seja no ato de aprender ou conduzir alguém para essa finalidade.

A cantina fica um pouco escondida, bem perto do pátio principal. Sua estrutura física é antiga, apresenta espaço pequeno. Boa higienização e cuidado com a alimentação que serve aos estudantes. No intervalo, os alunos se organizam em fila no espaço aberto que dá acesso à

cantina para merendar. A seguir se espalham e cada um procura um cantinho para si; uns sentam nos canteiros que ficam embaixo das árvores, outros permanecem em pé ou procuram outros locais e se acomodam, sendo que a escola dispõe de um refeitório amplo e adequado para servir a merenda para os alunos/as. Por que será que a EJA não se apropria desse espaço escolar como local de pertencimento, de legitimação, que deveria ser aberto para todos os usuários? Observa-se que, durante alguns eventos esse espaço foi utilizado e os estudantes se acomodaram muito bem. Por que não disponibilizar todos os dias? São perguntas que se calam pois quem sabe não fala. Percebe-se que não há cobrança pela equipe docente do uso e ocupação desses espaços como comodidade em diversas situações para encontrar outras possibilidades de ensino e aprendizagem.

Ainda no intervalo muitos alunos/as aproveitam para usar os celulares, conversar e interagir com os colegas, vizinhos, familiares, encontros entre namorados que dialogam [...]. Alguns entram no banheiro para fumar, (esse é um grande desafio) como informa o vice-diretor dizendo: – Sei que quase todos eles são usuários de drogas, porém já os conheço, a maioria vem de outro bairro que está localizado na escola em que sou diretor durante o dia. Então, fica mais fácil controlá-los, como já conheço suas histórias de vida, ajudo quando eles e seus familiares precisam, mas sou severo quando é necessário, porém, também acolho. E ainda fala que: “– Eles precisam de mim e eu preciso deles em muitas situações – contudo ganho confiança. Não tenho dificuldade para lidar com esses jovens”. Assim continua contando fatos e acontecimentos dessa comunidade em que ele trabalha no turno diurno. Para ajudar a compreender o currículo que permeia na educação de jovens e adultos da Marcionílio, trago Silva (2002, p. 150) para este debate, fortalecendo o entendimento quando afirma que o currículo tem significados que vão bem além dos que estão nas teorias tradicionais aprisionadas, pois perpassa por um campo amplo de sentidos diversos e valores explícitos ou implícitos nas relações configuradas no interior das escolas, nas suas dinâmicas interativas do fazer pedagógico.

Naquela aglomeração muitas crianças pequenas acompanham suas mães ou avós, embora algumas professoras se queixam que essas atrapalham o andamento das aulas e inclusive alguns idosos também reclamam. São alunas do 1º segmento (alfabetização). Nesses relatos o vice-diretor é convocado a participar da conversa e afirma que sem dúvida este é mais um dos desafios que encontramos na EJA, pois caso seja proibida a permanência dessas crianças, os pais e/ou responsáveis, desistem de estudar, alegando que não tem com quem deixá-las; então a escola acolhe como forma de garantir a permanência dessas alunas. Conforme Borghi e Sá (2012), “A representação da escola é conflitiva: ora ela é situada como o lugar da

proteção, ora é relatada como espaço de silenciamento, medo reforço da exclusão social.” São configurações ambíguas que se caracterizam como significação que a escola tem, para esses jovens que enfrentam adversidades encontradas em diversas situações do cotidiano escolar. As negociações, como retrata o vice-diretor da Escola Marcionílio Rosa, são favoráveis para manter esses alunos/aspresentes na instituição escolar e nessa perspectiva entre ser e estar, várias relações estão imbricadas na construção de outros saberes e conhecimentos, que vão ampliando à medida que outros olhares e conceitos validados vão se alargando e ganhando espaço e novas formas de identidades entre os sujeitos que ali estão. São situações conflitantes que emergem continuamente nas dinâmicas da EJA.

Após o intervalo os estudantes voltam para as salas de aula, alguns querem demorar para retornar suas atividades escolares, mas, o vice-diretor põe todos para seus respectivos lugares. São quatro aulas, duas antes do intervalo e duas depois. Alguns pedem para ir embora justificando seu pedido, outros não, pois, percebe-se que as justificativas não são convincentes, embora alguns insistentes permaneçam no pátio da escola atrapalhando quem está trabalhando. Com a nova mudança de gestores na escola em 2017, é óbvio que há outra postura e ideologia a ser desenvolvida no currículo vivo das dinâmicas interpessoais. Visto que, as concepções de ensino mudam o processo curricular, pois é outra equipe gestora que articula e dinamiza as práticas cotidianas e seu percurso formativo. Esse novo enfoque de transformações e decisões políticas, causa estranhamento para alguns alunos que precisam de tempo para adaptar-se às mudanças ocorridas e implicadas no processo escolar. Durante a realização de uma entrevista na sala de aula com alunos do 9º ano, duas alunas questionaram o retorno do vice-diretor anterior, alegando ainda que os professores são chatos [...], basta lembrar que esses são os mesmos do ano anterior, mas de certa forma a crítica e as insatisfações recaem sobre os docentes que passam a ser culpados ou responsáveis pelo currículo e transformações advindas de outros fatores implícitos no caminhar educativo. Lembrando que, ao final desta investigação, precisamente no dia 5 de outubro de 2017, esta mesma aluna, que aparece sob o nome fictício de “Paula” elogia os professores e esta escola em seu depoimento. “– As professoras tratam os alunos com carinho. Significa que essa escola é boa, foi a melhor escola que eu estudei”. Para Freire (1983, p. 63), o homem vai se lançando através da criação e recriação que integra nas condições do seu contexto e respondendo aos desafios, discernindo, se autobjetivando no seu domínio histórico cultural.

Ao término das aulas (ainda em 2016) observo que algumas professoras saem conversando e percebo que falam daquela aluna que entrara segurada pela mãe, uma delas diz: – Ela estuda aqui desde criança, sua aprendizagem é lenta, ainda não consegue traçar letras, o

máximo que faz é círculos contínuos, também apresenta medo de ficar com estranhos, até para ir ao banheiro, tomar água e outras necessidades, precisa ser acompanhada.

Acompanhar o avanço desses alunos é algo rico e essencial numa pesquisa de intervenção, pois durante esse processo de investigação acompanhei o desenvolvimento desta aluna acima mencionada e sua evolução. Foi promovida para outra turma, já consegue se relacionar com todos na escola (colegas, professores e funcionários), demonstra profunda afetividade, comunicabilidade através de gestos subjetivos marcados pelos fortes abraços e sorrisos, que transmitem entusiasmo e alegria no espaço escolar cotidianamente, pois é uma aluna muito frequente. Ganhou autonomia, se locomovendo sozinha, exercendo sua independência pessoal para transitar no espaço escolar com dinamismo e confiança.

Segundo Freire (1996, p.54), “Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere”. Nesse diálogo percebe-se que o importante não significa ser objeto no próprio mundo, mas, ser um sujeito construtor da história desse mundo, seja em qualquer circunstância. Mesmo diante das adversidades no campo da economia, da política, da cultura, da ideologia e da sociedade em geral. Ainda reportando o diálogo entre as docentes, outra professora diz: “– São muitos alunos que apresentam dificuldade ou algum tipo de deficiência física e precisa de cuidados de acordo com suas especificidades, porém, somente dois desses alunos têm laudo médico comprovando o problema diagnosticado”. Então, diante dessas observações ainda discutem o assunto afirmando que, muitos alunos apresentam necessidade especiais são desassistidos, pois a própria família muitas vezes se recusa a levá-los ao médico, mesmo com o encaminhamento partindo da escola. No entanto, não se pode confirmar a deficiência porque os estudantes que se encontram nesta situação ainda não apresentam diagnóstico médico. Este é um dos tantos desafios que enfrentamos no dia a dia da EJA, que impede ou retarda o aprendizado dos alunos. É o que diz os docentes em muitos momentos de conversa informal, principalmente na hora do intervalo para o lanche noturno.

Pensando no contexto real daqueles que ali estão em busca de outros sentidos para suas vidas, principalmente na procura de melhores empregos, segundo relatam muitos jovens e principalmente adultos, quando entrevistados ou simplesmente nas conversas paralelas neste ano de 2017, valendo-se da análise e reflexão que buscamos teorizar principalmente em Freire. Em virtude do que foi mencionado pelos estudantes, e dos estudos realizados e discutidos com os teóricos, a escola torna-se um campo amplo e aberto a várias possibilidades de mudanças, significados, avanços e conquistas.

Visto que, são oportunidades de concluir os estudos para aqueles/as que não foi possível na idade normal, ou seja no período da infância; portanto, vejamos o que Freire (1983, p. 31) nos diz: “O animal está sob o tempo. Para ele não há ontem nem amanhã. O homem ao contrário está no tempo e abre uma janela no tempo: dimensiona-se, tem consciência de um ontem e de um amanhã”. E é justamente nesse tempo que o homem ao abrir suas janelas constrói suas relações, sendo a principal delas o ato de refletir. Partindo desse pressuposto, ele pode levantar hipóteses sobre os desafios da própria realidade em busca de soluções para (des)construir e transformar o mundo com seu trabalho, suas reflexões e com suas ações cotidianas.

Com muita tranquilidade, Freire (1983, p.17) fala sobre educação e mudança no sentido de transformar o tempo conforme sua própria realidade imbricada nas ações cotidianas do homem, enfocando o pensamento de quando um ser é capaz de se distanciar do seu contexto real para ficar com ele e ser capaz de professar sua admiração na intenção de transformá-lo no seu próprio tempo, que é considerado seu, e sobretudo um ser histórico capaz de comprometimento; por tudo isso, é um ser chamado homem. Porventura, o compromisso que este homem tem é a capacidade de atuar e refletir, de fazer, de transformar a realidade; conforme suas necessidades, proposições por ele mesmo articuladas. É, portanto essa capacidade de refletir que faz dele um ser de práxis. Então, se considerarmos que ação e reflexão constituem-se inseparavelmente da práxis, pressupõe-se a existência humana que não podemos considerá-las como absolutas pela realidade em que o homem vive.

Nessa relação Freire (1983, p. 17) diz que não há homem sem mundo, nem mundo sem a existência do homem, nem pode haver reflexão e ação fora dessa relação existente entre o homem e sua realidade. Nesse campo implica o processo de transformação do mundo, tendo como produto a reflexão do homem sobre si e sobre o mundo. E nessa reflexão da realidade humana precisamos lembrar que um dos desafios da EJA se reporta ao ato de ler e de compreender.

Nesse sentido precisamos dialogar com Galvão e Soares (2010, p. 49), que nos informa sobre o século XXI, com um índice elevado de brasileiros que não dominam a leitura, a escrita e operações matemáticas básicas. São quase vinte milhões de analfabetos e mais de trinta milhões de analfabetos funcionais que frequentaram uma escola. Cerca de 70 milhões de brasileiros acima de 15 anos de idade, não conseguiram o nível mínimo de escolarização obrigatória na Constituição Federal de 1988.

Os analfabetos não conseguem dominar a leitura e a escrita mesmo frequentando uma escola. Considerando como produto de mais uma exclusão da Educação de Jovens e Adultos. Então, as marcas deixadas em relação ao sujeito analfabeto como ignorante, incapaz, cego,

imbecil, dependente, portador de doença grave precisa ser extraída. O analfabetismo é uma espécie de escravidão, porém, esses não podem ser considerados vítimas ou dignos de piedade. Tornaram-se analfabetos por diversos motivos, entre eles por não existir escolas onde moravam quando crianças, o tempo destinado à escola era destinado ao trabalho, afastado por práticas cotidianas, falta de competência considerado como portadores de saberes culturais. Já para as mulheres, o direito ao estudo em sua trajetória de vida transformada em concessão pelos pais ou maridos. É o que afirma Galvão e Soares (2010, p. 50). Para estes autores na (p. 51), quando se considera que o adulto é produtor de saber e cultura, mesmo não sabendo ler e escrever, está inserido em práticas efetivas de letramento, principalmente nos centros urbanos, tornando-se mais significativos. Então, o adulto não é um mero portador de conhecimentos prévios, mas, um sujeito que construiu uma história de vida, uma identidade e uma produção cultural. E nessa lógica, após o levantamento de dados, podemos constatar essa realidade bem próxima dos alunos/as da EJA da Marcionílio, no capítulo quatro deste projeto.

3.2.3 A EJA na Marcionílio Rosa nas falas de docentes e estudantes

3.2.3.1 Falam os/as docentes

A Marcionílio Rosa contava, no período de execução da pesquisa, com sete professores atuando na EJA. Desse número, apenas cinco aceitaram participar da pesquisa. Com dificuldades de tempo para a realização das entrevistas, solicitaram que o roteiro fosse entregue a cada um/a, como se fosse um questionário. Assim, os/as professores/as receberam os questionários, discutiram as proposições coletivamente no momento de planejamento, e como o tempo não permitia a devolutiva escrita imediata, levaram para casa e entregaram posteriormente.

Os principais desafios apresentados pelos/as docentes em relação à EJA na Marcionílio giram em torno da motivação e valorização, pois muitos alunos trabalham e precisam de atrativos para estudar; a carência de princípios e virtudes em decorrência das práticas cotidianas; procuram a escola para garantir os benefícios sociais com a frequência escolar; a sociabilidade, importância do encontro com o outro. Um grande problema é o envolvimento com o tráfico de drogas. Surpreendente é o questionamento que o professor faz quando diz: “– Como humanizá-los”? Nessa lógica, para este docente, os estudantes não são considerados humanos (...). Outros desafios preponderantes como eles sinalizam: manter a frequência regular, aumentar o rendimento; despertar o desejo de aprender nos alunos que apresentam

dificuldade na aprendizagem; aplicar conteúdos inerentes à realidade do aluno/a; motivar mais, procurar diversificar as aulas, para a permanência do estudante na escola.

Outro ponto preponderante diz respeito à motivação que leva o aluno/a a procurar esta unidade de ensino, e o que o impossibilita de frequentar regularmente. No primeiro tópico os professores/as respondem que, além da aceleração no processo escolar, é a proximidade desta com a residência; a comodidade do ambiente; o comprometimento e empatia da gestão escolar e a organização da escola. No segundo tópico é enfatizada a baixa autoestima do aluno/a; o atrofiamiento; as condutas de déficit doméstico, a falta de acompanhamento familiar; falta de objetivo na vida; comprometimento com as dependências psicoativas e outras limitações antológicas; trabalho; desinteresse, falta de compromisso e motivação por parte de alguns alunos; as viagens e o comodismo, também são considerados como impossibilidade de obter uma frequência regular dos jovens e adultos na escola.

Quanto às necessidades formativas, os/as docentes dizem que: necessitam de formação, com ações planejadas por disciplinas específicas; troca de experiências nas atividades propostas; dinâmicas psicopedagógicas; módulos para todas as categorias; necessidade de estudar para aprimorar as práticas pedagógicas, desde que ocorra no mesmo período de trabalho docente. Sugerem reuniões para estudar, discutir, sugerir, criticar e adequação do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola – para aplicá-lo efetivamente na sala de aula; reconstruir estruturas em muitos sentidos; formação continuada; condições de melhoria e qualidade de ensino na EJA; valorização e mais aproximação com os educandos; criação de novas estratégias de um sistema que possa atender satisfatoriamente um público tão diversificado como acontece na educação de jovens e adultos. E no último questionamento que enfatiza as políticas públicas eles/as responderam: O trabalho com projetos interdisciplinares, considerando a EJA como uma educação especial e diferenciada; trazem com clareza as questões voltadas para o mercado de trabalho, para o campo profissionalizante; o estímulo e orientação como pressupostos básicos, tanto nos centros urbanos quanto na zona rural; políticas de melhoria na estrutura física da escola e compra de equipamento de manutenção escolar, visando melhoria na aprendizagem dos alunos.

Nessa visão e amplitude em que ocupa lugar de destaque, a escola precisa refletir suas concepções de ensino, de mundo e de sociedade; portanto, é preciso atentar para uma investigação das diversas dinâmicas curriculares do seu contexto real, suas dimensões de aprendizagens significativas, principalmente para entender as relações implícitas na Educação de Jovens e Adultos. Para fazer parte desse diálogo apresento Borghi e Sá (2012, p. 119) quando dizem: “Pensar a escola como espaço de gestão da vida, é extrapolar a noção de escola limitada

aos conteúdos escolares, é avançar para compreendê-la como espaço de encontro de saberes, identidades, culturas e diferenças”. Nessa perspectiva vale salientar que a escola precisa rever suas práticas, seu discurso, suas vivências carregadas de outras histórias de vida, de sentidos e significados para a vida daqueles/as que por ali transitam e se aglomeram num universo ímpar da sua singularidade subjetiva implicada na pluralidade do espaço educativo.

3.2.3.2 Falam os/as estudantes

Em Lawn (2011, p. 98), “Um diálogo produtivo tem, muitas vezes, o efeito de nos forçar a ver as coisas de maneira diferente e sob novas perspectivas”. E nesta seção do estudo vamos navegar no mundo das ideias e linguagens comunicativas dos/as estudantes, alunos/as da EJA na Marcionílio Rosa, que dão suporte e sustentação nesta pesquisa.

No geral, os/as estudantes têm uma visão positiva, um pouco romantizada da EJA. Foram ouvidos alguns alunos/as do primeiro segmento, mas a maioria dos depoimentos foi de alunos/as do 8º e do 9º ano.

Eu acho que a EJA tem sim uma grande beleza, em termos de dar possibilidade a todos que não puderam terminar os estudos e ter um futuro melhor.

A EJA é uma joia rara, que me dá a oportunidade de obter êxito no meu aprendizado. A EJA é o caminho certo para jovens e adultos na disciplina educativa.

Estudar na EJA é muito bom, eu acho um meio que o governo tem para ajudar a nós que precisamos sair da zona do analfabetismo e para quem quer seguir em frente no intuito de amanhã ou depois, se tornar alguém melhor dentro da sociedade. Eu tenho de falar bem da EJA, porque se não fosse a EJA eu jamais poderia dar seguimento em meus estudos e procurando recuperar tudo que eu deixei de aprender há tempos atrás. Hoje, a própria vida nos cobra e se ela cobra não vamos encruzar os braços para ela, temos mais é que dar o nosso melhor.

É ótimo, adianta muito o tempo perdido e ajuda a gente a concluir os trabalhos, à rotina de casa com os estudos.

A EJA é muito importante porque a gente aprende muita coisa, os professores são legais, fazem muitas coisas pra a gente. Eu acredito que tem muita gente amando estudar na EJA.

Pude observar tanto uma visão mais despreocupada como a de jovem de 16 anos, do 7º ano:

É bom estudar na EJA, porque fico o dia todo livre e venho somente a noite.

Como também que muitos/as estão atentos/as para a estrutura da EJA:

Muito boa, porque os professores são atenciosos... os professores ficavam no meu pé e isso me ajudou a aprender melhor e não ficar com dúvida, eu gostei.

Isto é bom, vem a vantagem de estudar duas séries em um ano e a oportunidade de voltar a estudar.

Estão vendo possibilidades concretas de inserção mais qualificada no mundo do trabalho e também pensam em desdobramentos nos estudos:

É com orgulho que estudo na EJA na Escola Marcionílio Rosa, onde tive o privilégio e a oportunidade de participar da família IFBA; muitos achavam que seria impossível chegar onde cheguei em tão pouco tempo. Após 16 anos fora da escola senti muita dificuldade na leitura e principalmente para interpretar, lia e não entendia isso a partir do 2º semestre. Aos poucos estou desenvolvendo e aprendendo muito. Até no trabalho (faxineira), já mudei de função para ser recepcionista numa Unidade de Saúde Básica – Posto de Saúde.

É muito bom, tô aprendendo muitas coisas importantes na minha vida e no meu trabalho. Com esse curso pretendo ir em frente, sair de “cozinheira” para ser arquivadora.

Sim, porque a maioria dos jovens tem sonho de estudar no IFBA, a oportunidade que estamos tendo surgiu da escola com o merecimento dos alunos e do cotidiano da gente, ou seja, do compromisso que temos.

Ser aluno/a da Marcionílio Rosa é visto também de forma positiva:

Essa escola é boa foi à melhor escola que eu estudei. As professoras tratam os alunos com carinho.

A escola é muito competente

Eu acho ótimo o ensino dos professores

Eu acho muito bom o ensino aqui

Um ensino bom e merenda espetacular

A qualidade do ensino é muito boa e me sinto a vontade

Eu me sinto bem aqui

Eu me sinto privilegiada porque esta escola e o seu projeto traz oportunidade

Mas também há críticas:

Médio, tem muitos professores bons, porém, outros que não me ensinaram nada.

Bons professores que tenham responsabilidade com o trabalho e com os alunos. São professores que faltam muito e prejudica os alunos, pois já é pouco tempo que temos aqui.

E apontam também algumas preocupações:

Só na segurança dos alunos na hora de sair da escola.

Segurança, porque isso é fundamental e ter mais autoridade, porque isso que faz ser uma escola de respeito.

E sugestões:

Deveria ter futebol.

Área de lazer e biblioteca para todos os alunos/as.

Mesmo apresentando essa visão realista, mas otimista de EJA, a Marcionílio Rosa passa pelos mesmos problemas recorrentes no cenário geral da EJA no Brasil. Assim como os/as docentes apresentam como desafios a enfrentar, quem é estudante confirma e apresenta suas justificativas. Vejamos algumas declarações de estudantes do primeiro segmento sobre o tempo em que ficaram sem estudar, que girava em torno de um a sete anos:

Desisti por causa das amizades ruins

Desisti um período por nada

Porque eu não queria estudar. Queria ficar na rua com os colegas. A gente ficava soltando pipa...depois, ia pra casa.

Para muitos alunos/as a causa é as drogas e as facções criminosas (Tudo 3 e BDM); más amizades e vandalismo; por não saber o que é precisão mais na frente; preguiça e falta de interesse. Outros não tiveram oportunidade de frequentar a escola e precisava trabalhar para sobreviver. Para as mulheres, apresentam alguns problemas específicos:

Por falta de interesse e muitas vezes porque tem filhos; casar nova (o) e engravidar.

A repetência também é um problema relatado dos próprios estudantes, como esses alunos do 7º ano:

Fiquei quatro vezes na 3ª série.

Perdi duas vezes

Fui reprovado por 4 anos consecutivos.

Cabe aqui a observação de que foram poucas as falas dos alunos/as, do primeiro segmento (anos iniciais – processo de alfabetização), mesmo sendo instigados a participar da

pesquisa mais ativamente. Sendo esse segmento composto, em quase sua totalidade, de idosos e alguns adultos, era possível perceber, quando se recusavam a participar, sentimentos de vergonha e insegurança pela condição de sua escolarização que foi interrompida ao longo das suas vidas. Sobre essa problemática Arroyo (2017, p. 7) vem lembrar que “[esses] itinerários pelo direito a uma vida justa, humana, [...] vêm de longe, da infância-adolescência para as escolas públicas, por direito à justiça, igualdade”. Esse sentimento de direito a ter uma vida digna, mais justa, reconhecendo sua condição de ser humano que merece seu espaço na sociedade, retrata uma itinerância que acompanha esses sujeitos ao longo de suas vidas, carregadas e truncadas de tensão, vítimas de pobreza, exploração em diversos setores, excluídos, com suas identidades de classe, raça, gênero, trabalho, moradia e escolarização; porém, confiantes que esse direito de viver com dignidade, contemple a humanidade.

São muitas as questões e os desafios que enfrentam os espaços escolares destinados à EJA, que precisam ser dialogados para assegurar o direito de continuidade ao estudo que foi negado por muito tempo para os estudantes dessa modalidade de ensino. Passamos a discutir as temáticas que foram mais evidentes durante as observações, as entrevistas e as ações pedagógicas no capítulo a seguir e com isso acrescentar mais elementos para compor o cenário da EJA na Marcionílio Rosa.

4. A DINÂMICA DA EJA NA ESCOLA MARCIONÍLIO ROSA

Para Certeau (1998, p. 38) o cotidiano é inventado através de muitas maneiras [...]. Partindo de outros pressupostos, mas a partir das vivências dos sujeitos em formação, Lawn (2011, p. 89) afirma que: “A experiência é realmente uma forma de entendimento”, porém, este não produz o conhecimento individual disso ou daquilo; ele é principalmente autoentendimento de si para o si. Segundo esse autor, a noção desse si é problemática na opinião de Gadamer, pois, independentemente do que imaginamos que possa ser “ela não é o Eu pensante cartesiano, ela é um fragmento da tradição hermenêutica relacionada à totalidade”. O cotidiano da Marcionílio é construído a partir das dinâmicas interativas, das relações intrínsecas aos sujeitos presentes no espaço escolar.

Ao final do primeiro semestre de 2017, quando solicitada para auxiliar atividades documentais na secretaria da escola, presenciei um interessante diálogo entre a vice-diretora e dois alunos, requerendo o direito de fazer a segunda chamada do processo avaliativo; então, ela afirma: “– Terminamos a semana passada..., por que vocês não vieram? Um deles diz que estava doente e o outro afirma: “– Eu tava guardado”. Guardado.... Onde? “– Na cadeia”! “–Então, você conversa com o professor e ele vai marcar o dia de fazer sua prova”. Resultado, o professor marcou e esperou a semana inteira e o aluno não apareceu. Frente às adversidades existentes no contexto real, vale questionar: O que eles buscam no universo escolar? O cotidiano da EJA é carregado de significados e vivências multidimensionais que articulam como espaço infinito de diversas possibilidades, que se caracterizam como o perfil desses sujeitos. Que sentido a escola tem para o aluno/a? Que relações estão imbricadas no ato de aprender? Como articular esse espaço carregado de adversidade em um ambiente que contemple a aprendizagem dos sujeitos que ali estão? Essas e outras questões cabem aqui para orientar as discussões que procuram entremear situações descritas a partir das observações com as respostas de docentes e estudantes a partir das entrevistas. No Capítulo 3 já foram apresentados muitos aspectos do cenário da EJA em geral e da EJA na Marcionílio Rosa. Mas muitos outros aspectos emergiram das falas e das observações e neste capítulo procuro ampliar a discussão por meio de temáticas específicas.

Convido Ferraço (2005, p. 19) para dialogar conosco:

Se pensarmos cada sujeito como inserido em diferentes contextos de vida, não há como desconsiderar que suas possibilidades de conhecimento estão relacionadas às relações entre esses contextos.

Nesse enfoque a complexidade presente nas práticas do cotidiano da EJA, dos conhecimentos singulares de cada sujeito; das experiências de vida do seu mundo real; das

relações configuradas nesses e em outros contextos que exprimem diversos saberes adquiridos, da/na sua cultura envolvida com tantas outras no decorrer do percurso trilhado das “andanças aprendentes”. Nessa concepção é preciso atender as especificidades singulares de estudantes desta modalidade de ensino, embora com tanta contradição no universo plural apresentado. Vale trazer algumas indagações pertinentes nesse sentido. Que caminhos ou decisões devem ser tomadas? Qual o melhor posicionamento da escola e dos seus profissionais de educação? Certamente não se encontra resposta sem uma reflexão profunda e coletiva sobre a proposta, o currículo e as práticas que dinamizam a prática pedagógica da escola.

O meu olhar como professora da Educação de Jovens e Adultos traz concepções relacionadas às observações das práticas curriculares da Marcionílo Rosa, das aprendizagens e conhecimentos no universo singular de cada sujeito. Nessa concepção precisamos discutir e refletir mais nossa função/condição de professor(a), o currículo, o conhecimento e as propostas que a escola oferece. Então, Arroyo (2017, p. 13) corrobora nessa discussão: “O currículo e os conhecimentos da educação fundamental e média vêm sendo território dessas disputas com maior radicalidade; lutas pelos conhecimentos da educação de pessoas jovens, adultas, passageiros do trabalho em itinerários pelo direito a uma vida justa. Menos injusta, Humana”. É preciso considerar que as vastas experiências de vida do mundo real desses sujeitos, das relações configuradas nos seus contextos, exprimem diversos saberes populares e culturais adquiridos nesta modalidade de ensino, em que discutimos essencialmente o espaço local, considerado como espaço de múltiplas aprendizagens significativas.

Mais uma vez Certeau (1998, p. 201) informa que lugar é, portanto, uma configuração instantânea de diversas posições e isso implica numa condição de estabilidade entre os indivíduos que ali estão, cercado de significados e interpretações relativizadas. Então, o que significa espaço escolar? Para responder esse questionamento convido Sá (2015) referenciando Certeau, que afirma ser através dos relatos do dia a dia na escola, que dizem o que se fabrica e o que faz acontecer nas tramas intrínsecas das redes de ensino.

Para iniciar, trago a discussão de um fenômeno muito discutido na contemporaneidade e que é muito vivo e concreto na Marcionílo.

4.1 REJUVENESCÊNCIA NO ESPAÇO EDUCATIVO DA EJA

Para um docente da Marcionílio Rosa:

A escola procura resolver os conflitos dos educandos mostrando que as pessoas são diferentes, mas precisam ser respeitadas na sua individualidade.

Esses conflitos são gerados principalmente pelas diferenças de idade entre os/as estudantes. Existe um número significativo de adultos e até mesmo de idosos, como já foi sinalizado, frequentando principalmente o primeiro segmento e como diz um docente:

Para muitos adultos [a EJA é] a oportunidade de retorno aos estudos, pois não frequentam a escola há um bom tempo e estão em busca de recuperar o tempo que ficou fora da escola.

Mas, o perfil de estudante da EJA que no início de sua trajetória era predominantemente de adultos, hoje é visto de forma diferente por muitos autores e pelos/as docentes da Marcionílio:

O crescente número de jovens e adolescentes

A realidade da EJA está modificando muito, pois a EJA hoje tem mais jovem do que as pessoas adultas.

Essa modalidade está ficando mais educação de jovens e menos de adultos. Cada ano mais alunos do ensino regular com defasagem passam a fazer parte da EJA.

Esse fenômeno acarreta muitos desafios, na fala de docentes:

O comportamento dos jovens que ainda não compreende bem, porque estão nesse espaço escolar e nesse contexto; e o professor que por sua vez tem estranhamento desse novo perfil de EJA.

Acredito que tem muitas dificuldades, mas o maior desafio é disputar no jovem a vontade de aprender, pois a maioria dos jovens não tem muita vontade de adquirir os conhecimentos necessários para aplicar na sua vida.

Na contemporaneidade, a Educação de Jovens e Adultos vem apresentando um perfil cada vez mais jovem nas escolas públicas do Brasil e para discutir o novo fenômeno desta modalidade de ensino, vejamos o que Brunel (2004, p. 9) nos traz como grande contribuição para este entendimento:

O rejuvenescimento da população que frequenta a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um fato que vem progressivamente ocupando a atenção de educadores e pesquisadores na área da educação. O número de jovens e adolescentes nesta modalidade de ensino cresce a cada ano, modificando o cotidiano escolar e as relações que se estabelecem entre os sujeitos que ocupam este espaço.

Esta mesma autora nos diz que precisamos repensar o espaço da escola na intencionalidade de mudar o que já não é mais útil, aquilo que não acrescenta muito, para então trabalharmos na construção de novas relações imbricadas entre os sujeitos que ocupam o espaço da escola na modalidade EJA (BRUNEL, 2004, p. 23).

Para esta autora, estudar o fenômeno do rejuvenescimento que começou a surgir no âmbito brasileiro a partir da década de 1990, trazendo grande relevância para uma categoria que estava esquecida durante duas décadas na pesquisa nacional, é sobretudo, reconhecer as mudanças que ocorreram durante esse período e discutir coletivamente nas instituições educacionais. Pois, ao final dos anos 1960, imperava o regime militar no país, anos da ditadura, em que ocorreu muitas transformações políticas e sociais na educação. A partir dos anos 1980, um outro olhar começou a surgir nos debates e discussões, embora timidamente.

Para dar sentido a esse fenômeno cada vez mais presente no currículo da EJA, Brunel (2004, p. 11) afirma que através do acolhimento tentou: “[...] dar-lhes voz, constituindo um espaço para dizeres suas “coisas”, seus pensamentos, de mostrarem sua revolta ou indignação frente a um sistema que, a cada dia mais, os exclui”. Se os jovens estão fora do contrato social, então, seu espaço não está definido na sociedade. No entanto sua fala é vetada em diversas situações do cotidiano, e quando lembrada na mídia, geralmente sua imagem ganha a conotação na maioria das vezes com a perversa ligação ao uso de drogas, à prática da violência, às doenças sexualmente transmissíveis e à gravidez indesejada.

Na contemporaneidade, muitos autores discutem o tema juventude que ganha corpo no Brasil, enfocando desafios para a construção de diagnósticos e ferramentas de trabalho entre os jovens. Esses autores trazem diferentes visões a respeito da juventude. Com base em Krauskopf, Helena Abramo (2005, p. 20 - 22) enumera quatro tipos de abordagens à juventude:

- a) A juventude como período preparatório, que aparece na transição entre infância e a idade adulta, que gera políticas centralizadas no preparo para a vida adulta.
- b) A juventude como etapa problemática, que se refere ao sujeito juvenil a partir dos problemas que desafiam a ordem social, o comportamento de risco e transgressão.
- c) O jovem como ator estratégico do desenvolvimento, diz respeito à formação de capital humano e social no enfrentamento dos problemas de exclusão social aguda.
- d) A juventude cidadã como sujeito de direitos, compreendida como etapa singular do desenvolvimento pessoal e social, por onde os jovens passam a ser considerados como sujeitos de direitos.

Dentro desse quadro configurativo de juventude, estão os jovens da EJA, não somente na Marcionílio Rosa, mas em tantos outros espaços da educação brasileira.

Com base nos estudos de Arroyo (2009, p. 99), a educação de jovens e adultos conseguirá tomar novas dimensões a partir do olhar ampliado sobre os educandos. O protagonismo jovem não se encaixa nas trajetórias escolares truncadas, mas das múltiplas lacunas que a sociedade condena como vítimas da violência, do desemprego, das múltiplas facetas de opressão e exclusão social presente nas últimas décadas. Isso pôde ser observado na Marcionílio quando os/as estudantes falaram de suas múltiplas repetências.

É preciso reconhecer que além de ser alunos jovens e adultos, eles sofreram processos de evasão ou exclusão na escola, eles já carregavam as marcas perversas da exclusão social, das trajetórias de negação aos direitos básicos e essenciais à vida, como o afeto, à alimentação; direito à moradia, ao trabalho e à sobrevivência. De fato, as trajetórias escolares, que conseqüentemente foram interrompidas, juntam-se as trajetórias humanas e se reforçam. Nesse viés a EJA como política pública precisa assumir uma nova configuração para a juventude.

Então, como também traz Carvalho (2009) “O processo de juvenilização da EJA, começa a ser observado na década de 1990, e vários fatores vêm contribuindo para o aumento significativo da presença de jovens nesta modalidade de ensino”. Com o novo perfil que a EJA apresenta, é preciso refletir sobre as demandas e exigências por conta da empregabilidade no mercado de trabalho que antecipa o primeiro emprego dos jovens.

Em seu artigo “A juvenilização dos alunos da EJA e do PROEJA”, Delminda J. F. Rodrigues (2010), contribui dizendo que nos últimos 30 anos, o perfil dos que estão nas salas de educação de jovens e adultos (EJA) não é mais o de pessoas que nunca estiveram na escola. Nas salas de EJA, os jovens que tiveram uma passagem breve e com poucas aprendizagens na escola são maioria, como também pudemos ver pelas falas de estudantes da Marcionílio.

Dessa forma, a EJA foi se tornando cada vez mais jovem, nas três últimas décadas, prevalecendo a função de o estudo tornar-se acelerado para os jovens com defasagem na relação idade/série. Sendo assim, temos hoje um número bem elevado de estudantes que foram frutos de vários processos de exclusão escolar, como a repetência, a evasão e o ingresso precoce no mercado de trabalho.

Conforme Rodrigues (2010, p.105-106) ainda que o perfil da EJA não seja o do vestibulando, o aluno de cursos extracurriculares em busca de conhecimentos pessoais; e sim, o jovem, como o adulto, que também fora excluído da escola, mas efetivamente com grandes chances de concluir o ensino fundamental ou o ensino médio.

Existe a expectativa, por parte de muitos estudantes, de conseguir um emprego mais qualificado se conseguir dar continuidade aos estudos. E demonstram com muita sinceridade essas aspirações:

Uma aluna do 9º ano expõe suas dificuldades e expectativas:

Eu mesma estudo na EJA para poder dar uma vida boa para minha mãe, poder ver ela ter tudo que não pôde ter quando era criança. Ter um trabalho para poder seguir a minha vida com minha mãe do meu lado. Fiz de tudo para ela poder vir para a escola, porque eu quero que ela seja uma pessoa muito inteligente, mas ela nunca estudou, mesmo assim nunca deixou faltar nada para mim e meus irmãos. Ela sempre foi pai e mãe. Hoje eu tenho muito orgulho dela ter me colocado em uma escola porque antes ela não tinha o que eu tenho hoje. Sou atrasada um ano na escola, mas vim para a EJA não porque sou atrasada de ano, mas para arrumar um trabalho para ajudar minha mãe nas despesas de casa. Tudo isso hoje eu agradeço a ela. Várias meninas do meu tempo já são mães, não estudam mais, outras já foram embora para outras cidades. Eu quero ser a pessoa que minha mãe quer que eu seja. Quero dar uma vida boa para ela.

Colegas do 9º ano apresentam também suas expectativas:

Técnica de Enfermagem porque eu gosto e tenho interesse.

Pretendo cursar Enfermagem porque é uma coisa muito boa.

Pretendo fazer curso para Polícia, pois gosto de adrenalina e é um sonho que tenho desde criança.

Engenharia Civil, porque é uma profissão que eu gosto muito e admiro.

Ser professora.

Operador de caixa. para poder pagar uma faculdade de dentista.

Ficar em casa e trabalhar.

Policial.

Eu pretendo me profissionalizar em Informática, porque será de grande importância para minha formação

E uma aluna do 8º ano declara:

Pretendo subir na vida arrumando um bom emprego para fazer faculdade, quero ser sexóloga

Como afirma Martins (1997 apud BRUNEL, 2004, p. 27), no Brasil, a categoria jovem, segundo dados estatísticos, apresenta várias circunstâncias históricas que determinam a idade concedida entre “jovem” e “adolescente”. Ser jovem corresponde a faixa etária que se estende

dos 15 aos 25 anos; enquanto que a denominação adolescente abrange aqueles que têm entre 15 e 19 anos e a de jovens os de 20 a 24 anos, o corte seria aos 24 anos.

Vale ressaltar que o protagonismo da juventude visto apenas como uma etapa preparatória para a vida adulta ou um tempo provisório, nas últimas décadas passa a ter um outro olhar, considerando o tempo humano, social, cultural, identitário, que permeia nos mais variados espaços sociais, como por exemplo: na mídia, cinema, nas artes, na cultura e nos movimentos sociais em geral.

Nesse sentido, há preocupação da sociedade e do próprio Estado, que reconhecem a necessidade de elaborar e implementar políticas públicas garantindo a pluralidade dos direitos da juventude; seja no campo ou na cidade. Essas políticas precisam se aproximar do novo equacionamento não apenas para suprir carências de escolarização, mas garantir direitos específicos de tempo de vida dos sujeitos. (ARROYO, 2009, p. 96/97)

Os sujeitos voltam para os percursos escolares, segundo Arroyo (2017, p. 14), para garantir o seu direito ao conhecimento. Mas o que é conhecimento? Esse mesmo autor declara que:

Uma pergunta obrigatória nas diretrizes e currículos de formação. (...) nem sempre presente. Outras crianças, outros adolescentes, jovens e adultos das periferias, dos campos, trabalhadores, pobres, negros, indígenas e quilombolas que vão chegando às escolas públicas e à EJA não lutam apenas pelos conhecimentos escolares a que têm direito. Disputam o direito a conhecimentos ausentes, sobre seu sobreviver, seu resistir. (ARROYO, 2017, p. 14).

São os saberes de outras histórias, implicados socialmente, na raça, na crença, nas suas vivências, a que têm direito para entender e disputar sua emancipação.

Conforme a discussão em Brunel (2004, p. 10), na atualidade o perfil da EJA se encaixa num panorama em que os alunos são mais jovens, muitos deles/as pararam há pouco tempo de estudar ou saíram recentemente no ensino regular, e muitos desses sujeitos trazem consigo um histórico de várias repetências, como foi visto no Capítulo 3.

Diante dessa realidade, em algumas situações os alunos/as perdem o estímulo e o desejo de prosseguir seus estudos. O fator “repetência” de no mínimo dois anos, faz com que o aluno/a apresente um modo de agir diferente dos seus colegas. Esses entre outros fatores são comuns na Marcionílio mediante as observações e nos depoimentos e questionários respondidos pelos alunos em diversos momentos e situações do cotidiano escolar.

Brunel (2004) diz que muitos alunos apresentam problemas de indisciplina no ambiente escolar comprometendo seu avanço no estudo. Para muitos pais a última alternativa de manter o filho/a na escola é a inclusão na EJA. Nesse diálogo, essa mesma autora constata que esses aspectos acima mencionados são novos no campo da educação de jovens e adultos.

Segundo Brunel (2004, p. 19), o reconhecimento de que, os jovens que frequentam a EJA constroem suas histórias e trajetórias de escolarização básica, fogem dos padrões de ensino definidos pela escola regular. Pois, são muitos os fatores pedagógicos, políticos, legais e estruturais que implicam no processo de ensino e na busca de dar continuidade ao estudo cada vez mais precocemente. Com isso, aumenta consideravelmente a procura e o ingresso na EJA nas escolas públicas brasileiras.

Na Marcionílio Rosa o público apresenta um perfil muito jovem, principalmente no 2º segmento, que consiste nos anos finais do ensino fundamental; enquanto isso os adultos e idosos encontram-se principalmente no 1º segmento da EJA, que corresponde à etapa inicial. Conforme um debate que emergiu numa discussão na sala de aula em Ciências, quando substituí o professor, na turma do 8º ano do ensino fundamental, no momento em que abordamos o assunto sobre doenças infectocontagiosas, um jovem começou a falar sobre os cuidados e aprendizagens adquiridas durante o período em que esteve apreendido numa casa de recuperação para menores infratores em Salvador-Ba, no ano de 2017, em consequência da prática de roubo na cidade de Irecê. O jovem deixou todos surpresos e perplexos na sala de aula com a narrativa e descrição minuciosa dos fatos, por sua tranquilidade e serenidade ao relatar sua passagem por aquele lugar, os cuidados e tratamento recebido (que ele considera muito bom, com refeições diversificadas); com acompanhamento médico e todas as condições favoráveis para avaliar a saúde e o bem-estar do menor infrator; a troca de experiência cercada de violência praticada por outros jovens naquele mesmo espaço, entre outros conhecimentos e saberes adquiridos.

Interessante é que não se questionou nada a respeito, até porque era algo desconhecido para todos, porém, ele achou necessário socializar com a professora e os colegas naturalmente. Então, o aluno relatava e descrevia cuidadosamente a abordagem feita pelos policiais, praticada por ele mesmo e pelo comparsa que era seu irmão. O estudante traz na sua narrativa elementos de como procedeu, das suas atitudes naquele momento, do seu procedimento e ação; nomeando quem participou, como, quando, o local onde aconteceram os fatos, ou seja, um bairro periférico da cidade de Irecê.

Uma aluna, bastante jovem resolveu participar do diálogo trazendo outras situações da vida do crime praticada pelos seus dois irmãos, dizendo que um deles continuava preso,

enquanto o outro já tinha sido liberado pela justiça. Questionei o porquê da prisão e como se sentia a mãe nessa situação. Ela respondeu: “– [...] Eles fazem de “tudo”... e minha mãe já acostumou”; e sorriu timidamente. São, entretanto, essas relações que estão intrínsecas à vida fora e dentro da escola de muitos jovens que praticam esses delitos na contemporaneidade.

Ferraço (2005, p. 39) pode fomentar nossas ideias no sentido de que, se entendermos que o modo de pensar, ser e agir diante da complexidade implicada na educação e seu cotidiano, podemos considerar como autores dessa imensa gama complexa que praticam esse cotidiano escolar, que configura para além dos teóricos, pois, pesquisam e escrevem sobre essas temáticas; estão lá esses sujeitos anônimos escrevendo, contando suas vivências cotidianas. Então, são eles que ao usarem novas possibilidades estéticas, inventam outros discursos para a educação contemporânea.

Diante do andamento da aula e das emergências que surgiram, há de se pensar nas condições de vida dessas pessoas, na fragilidade das políticas públicas, na (in)segurança que os cidadãos enfrentam em todos os espaços. São muitos problemas que a escola por si só não dá conta. A espontaneidade dos jovens que retratam a vida do crime desperta na sociedade o sentimento de impunidade, de medo e revolta diante dos fatos abordados, que estão imbricados em suas vidas, em seus contextos e nas relações sociais fora da escola, mas que, refletem nas suas atitudes e modos de ser e viver dentro da escola ou em qualquer ambiente.

Segundo relatos de estudantes da Marcionílio, alguns adultos desistem de estudar porque não se adaptaram aos modos de ser e agir por parte de alguns jovens que não despertavam o sentido de aprender e sim, de atrapalhar o andamento do ensino nas aulas. Estes são alguns dos tantos outros casos semelhantes existentes na escola e que não são registrados ou são apenas discutidos nos momentos destinados ao intervalo. Estão na escola por outros motivos, outros interesses e ideologias. Qual a postura da escola diante dessas situações? Como lidar com essas questões que interferem na aprendizagem dos alunos? As respostas emergem não somente nos diálogos, encontros, nas dinâmicas interativas das práticas pedagógicas do cotidiano escolar, mas na proposta curricular da rede municipal de ensino em Irecê. Lembrando que historicamente na trajetória da EJA, se caracterizava pelo público adulto, em objeção hoje, seu perfil é bem definido pela juventude, com outras configurações e histórias de vida, além de outros interesses e concepções.

Nesse viés é preciso discutir mais sobre a EJA, sobre a formação dos professores/as, da identidade dos sujeitos envolvidos nessa itinerância. Arroyo (2017, p. 28) vem dizer que “A experiência escolar, social da EJA e da docência nunca foi carregada de luminosidades de futuro nem sequer de desconstrução de passados tão pesados”. Acrescenta ainda que esse desenho

persegue as identidades dos docentes de educadores dessa modalidade de ensino, quando é caracterizada como função reparadora dos percursos escolares truncados.

Este trabalho desenvolveu-se principalmente com os alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental. Além das observações da escola em sua totalidade no turno noturno (EJA), outros olhares começaram a despertar outros interesses e preocupações que achei importante investigar. E foi nesta dinâmica de convivência que outras ideias e iniciativas foram surgindo timidamente durante a realização da pesquisa *in loco*, que nortearam minha prática docente cotidiana e o compromisso que tenho como profissional da Educação Básica. Nessa perspectiva, Freire (1983, p. 21) diz: “O profissional deve ir ampliando seus conhecimentos em torno do homem, de sua forma de estar sendo no mundo, substituindo por uma visão crítica a visão ingênua da realidade, deformada pelos especialistas estreitos”. É impossível assumir um compromisso verdadeiro com a realidade, com os homens concretos que, com “ela e nela estão”, com uma consciência ingênua, que através dela possa construir outras linguagens comunicativas.

Esse mesmo autor, (1983, p. 27) contribui afirmando que é impossível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem antes refletir sobre o próprio homem, por isso é necessário fazer um estudo fisiológico/antropológico para chegarmos à compreensão daquilo que fundamenta e sustenta o processo educativo. Como ser inacabado, o homem precisa educar-se constantemente, através de uma autorreflexão pelo fato de estar sempre em mudança.

4.2 UTILIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

E dando continuidade à observação escolar, percebe-se que o espaço físico dessa unidade de ensino foi reconstruído e suas dependências físicas ampliadas desordenadamente de acordo com as necessidades exigidas na comunidade local, pelo crescimento demográfico. Quanto às salas de aulas utilizadas nesse período, apresentam espaço adequado, com boas condições, em suma, são amplas e razoavelmente claras. A maioria tem ventiladores, porém, alguns não funcionam. Há somente uma sala com ar condicionado. As condições de preservação e conservação são ótimas, com paredes decoradas, vibrantes, coloridas e alegres, mobiliário organizado e em bom estado de conservação, apresentando um ambiente prazeroso e agradável. Elementos indispensáveis para nortear as práticas pedagógicas no intuito de garantir um ensino

com mais qualidade e condições favoráveis à aprendizagem significativa. Por tudo isso, a postura do professor não poderá ser neutra e para falar sobre esse assunto, Freire nos diz:

Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo. (FREIRE, 1996, p. 102).

A decisão, a ruptura, o próprio processo de formação muitas vezes, depende do que sou, pretendo e espero da minha ideologia como função social mobilizadora da minha postura diante das demandas, das políticas públicas. A influência do ambiente tem papel preponderante no ensino da EJA, principalmente para aqueles/as que já trazem em suas histórias de vida, as marcas da exclusão e negação.

Quanto aos espaços físicos da Marcionílio, não houve reclamações por parte dos/as docentes, mas não foi feita nenhuma questão específica, apenas foi solicitado que levantassem os desafios encontrados em sua prática. Já entre os/as estudantes este tema foi provocado e alguns deles/as se manifestaram com avaliações positivas sobre os espaços da escola:

*Eu acho legal, tem espaço para tudo
“Excelente! Só tem um problema: tem que colocar ordem”.*

Mas outros/as trouxeram críticas:

*“Não vejo necessidade [de ter mais espaços disponíveis, porque] em alguns lugares os alunos ficam
aprontando.”*

“Sim, porque, por exemplo, na hora do recreio estamos sentados na calçada”.

*“Não tem muito espaço porque quando tem aula vaga eles não colocam a gente pra fazer nada, aí
coloca outro professor pra dar aula”.*

Além das salas de aula, os espaços mais valorizados para compartilhamentos e aprendizagens são o Infocentro e a Biblioteca. Trago inicialmente e fala de Franco, um estudante de 57 anos, aluno do 7º ano:

*“Se tivéssemos acesso ao info centro era muito bom, mas não temos acesso. Se a biblioteca fosse mais
aberta era bom pra nós, pra gente ficar mais informado do mundo com os livros; mas, não temos
muito acesso, aí fica ruim pra aprender muitos assuntos que não acontecem no nosso dia-a-dia e só os
livros tem pra nos ensinar.”*

Essa posição é compartilhada por outros/as estudantes do 8º e do 9º ano:

*“Sim [à importância de utilização do Infocentro] porque estamos no mundo em que as pessoas
precisam de informações para o mercado de trabalho e para aprender no seu dia a dia.”*

*“A sala do info centro eu e meus colegas, ou seja, o 8º ano só usamos uma vez e a biblioteca se foi
muito umas duas vezes, quando a gente fez entrevista lá. O refeitório funciona de vez em quando..”*

*“Seria de grande proveito se esses dois centros educacionais [o Infocentro e a biblioteca] fossem
disponibilizados para os alunos, sempre que houvesse necessidade, mas infelizmente isto não
acontece. Acho que, por falta de vontade tanto dos alunos como da direção da escola.”*

*“Acredito que tem como o info centro e a biblioteca serem mais úteis, basta fazer um planejamento.
Porém, o município não oferece recurso e o centro educacional fica limitado para executar tarefas.”*

Os espaços do Infocentro e da Biblioteca são apontados como espaços importantes para a dinâmica da EJA na Marcionílio talvez porque se pode perceber com mais clareza, seu potencial educativo. É disso que vou tratar a partir de agora, trazendo “achados” das observações para a discussão.

No dia 5 de outubro de 2017, a professora das disciplinas de Inglês e de Ciências não compareceu à escola e os alunos queriam ir embora. Aproveitando a oportunidade para investigação no 9º ano sugeri à coordenadora pedagógica que poderia ficar com eles na sala de aula. Foram sugeridas duas propostas para a turma escolher: a primeira foi a solicitação de uma entrevista com eles, propondo alguns questionamentos sobre minha pesquisa de intervenção, na sala de aula e a segunda opção foi ir para a sala do Info centro, já que o professor de informática estava na escola naquele dia. Todos, por unanimidade, optaram por ir para o laboratório de informática, ou seja, para a sala do infocentro. Diante da decisão tomada pelos dez estudantes, programei uma atividade que seria a digitalização de respostas ao roteiro da entrevista, com o devido consentimento da turma.

Os alunos/as se dirigiram para a sala do infocentro, com o acompanhamento do professor/instrutor e eu. Ao manusear os aparelhos, percebemos a dificuldade que os alunos adultos demonstram ao utilizá-los. Dois deles se recusaram a fazer a atividade proposta e permaneceram na sala usando os computadores nas redes sociais. Um dos alunos (adulto) não sabia sequer utilizar o mouse, sendo necessário ficar alguém ao seu lado todo o período para orientá-lo. Outros foram capazes de digitar frases com apoio de alguém, e ainda duas alunas que conseguiram produzir textos sob orientação. Contudo, cinco alunos “jovens” desenvolveram a atividade com total autonomia. Mesmo diante das dificuldades encontradas com o uso do computador por parte de alguns alunos/as foi possível perceber a vasta experiência de vida, carregada de impedimentos e negação à escolarização, o que de fato provocou a exclusão e o retardamento e conclusão do ensino fundamental. Percebo que o acesso e a permanência na escola no tempo certo de acordo com a idade dos sujeitos, foi marcadaporfatores impeditivos, de negação do direito de estudar. Depois de lerem o roteiro de questões proposto, eles/as responderam digitando nos computadores. Esta foi uma das maneiras que encontrei para aliar a prática pedagógica com a investigação.

No dia 11 de abril de 2017, ao sair da Biblioteca Otacílio Marques Moitinho às 20:30 horas, horário destinado ao intervalo para lanche, observo que muitos alunos aproveitam para conversar em pequenos grupos, outros lancham, enquanto outros jovens entram e saem dos banheiros num ritmo frenético. No momento em que ia dirigir-me para a sala dos professores e degustar o delicioso lanche daquele dia (pão com queijo e iogurte), vejo uma jovem mulher e

um senhor já na terceira idade e um jovem, aproximo-me deles, saúdo e começo a “puxar conversa”, (termo muito usado aqui na nossa região). Pergunto se já lancharam, uns dizem que sim e outros falam que não. Procuo se estão gostando de estudar e somente o senhor responde: “– Depois de mais de trinta anos voltei a estudar...” Faz-se um silêncio e eu quebro aquele momento questionando: “– O que o senhor acha dos jovens seus colegas”? Ele responde: “– Muitos deles não querem nada, só vem bagunçar, mas às vezes eu preciso chamar atenção deles e reclamar”. Acrescento o diálogo afirmando que é um direito que eles têm de reivindicar e expor seu ponto de vista, mesmo na sala de aula, principalmente quando incomoda e atrapalha a aprendizagem.

Nesse diálogo vão surgindo outros assuntos relacionados com outros alunos e suas práticas cotidianas. Nessa dinâmica de conversação Gil, um aluno participante da minha pesquisa, aproxima-se do grupo e começa a falar do espaço da escola, da sua finalidade e significado. Ele afirma: “– Eu tenho um talento comigo, mas não sabia como fazer, hoje com o estudo, tô aprendendo muito e descobri meu potencial artístico”. “– Pró, eu tô no grupo de teatro Art Vida (grupo teatral) e vamos fazer uma apresentação próximo ao Mercado” (mercado popular na cidade de Irecê). Interferi na conversa e pedi que ele solicitasse à direção da Marcionílio Rosa, o transporte para levar os alunos que pretendiam ir ao espetáculo, em reconhecimento e valorização que o evento promove aos estudantes. Ele disse que a direção exigiu o convite e que estava providenciando o transporte. Enquanto isso, o jovem apenas observa a conversa sem nada acrescentar. Nisso, o sinal toca avisando que o intervalo acabou e todos se dirigem para suas respectivas salas de aula.

Dirijo-me para a biblioteca e perto de lá encontro um jovem alto, magro, pele parda, sentado à calçada da biblioteca. Pergunto por que não está na sala de aula e ele responde: “– Não vou porque o professor não me aceita”. “– Por que não lhe aceita? “– Porque demorei de entrar na sala (propositalmente) ”. Pergunto onde mora e responde dizendo que é em uma rua perto da escola (geralmente eles não dizem onde moram) e acrescenta: “– Já perdi cinco anos na escola; um quando era criança e quatro no 6º ano”. Pergunto se ele trabalha e diz: “– Trabalho montando, consertando, refrigerando e ganho R\$ 250,00 (duzentos e cinquenta reais) de um dia para outro”. “– Como você aprendeu esse ofício? ” “– Um dos meus primos trabalha numa empresa de refrigeração e me ensinou”. Terminando a conversa incentivo a prosseguir nos estudos porque ele demonstra talento no trabalho, porém não percebo nenhum interesse em estudar. Ele se levanta, conversa com outro colega que estava escondido e os dois saem caminhando e conversando baixinho. Se aproximam de uma porta que dá acesso à quadra

poliesportiva e começam a gritar palavras obscenas se dirigindo aos jovens que estão jogando bola. Não voltam para a sala de aula e permanecem lá até o horário do intervalo.

No dia 25 de abril de 2017, recebemos o professor Oziel de Língua Portuguesa, do 9º ano, na biblioteca com seus alunos. Visita espontânea. O professor pediu para os alunos escolherem livremente os livros, de acordo com seu desejo e vontade de cada um/a. Eles/as discutem sobre o feriado, somente depois de um tempo, começam a selecionar o tipo de leitura que pretendem fazer. Folheiam, sem interesse pela leitura, pois continuam falando sobre o assunto. Posteriormente chegam alguns alunos para fazerem a segunda chamada. Dois desses alunos que já estavam lá, começam a bagunçar e perturbar (gritando alto, derrubando os livros e lançando pedaços de lápis e alguns objetos metálicos nos colegas), sendo necessário retirá-los do espaço, visto que, não foi suficiente tentar convencê-los a não praticar tais atitudes. A direção da escola foi informada sobre o episódio. Enquanto isso, os demais ficaram fazendo as provas tranquilamente e o professor foi para a sala de aula com os outros alunos.

A cada dia as aulas de leitura na biblioteca vão se ampliando e constituindo um espaço apropriado para a formação de leitores que vão conhecendo diversos gêneros textuais, seus autores e suas escritas, suas épocas e períodos distintos da história, como forma de construir outros saberes relevantes para a formação dos jovens e adultos da Marcionílio Rosa. Para assegurar que este espaço abarque todos os alunos matriculados dessa unidade de ensino, registramos que estive na biblioteca no dia 10 de maio de 2017, a professora Rosana com os alunos do 4º e 5º anos iniciais do ensino fundamental.

Observamos o interesse e a autonomia que os alunos/as exerceram. Logo na entrada do espaço, eles demonstraram vontade de estar ali, cumprimentaram-me e desejei-lhes boas-vindas à turma que logo foi se acomodando e sentando-se ao redor das mesas. A seguir, entra a professora que deixa seus alunos à vontade. Procuo livros que oferecem principalmente imagens, leituras curtas e claras da Coleção Caráter e Cidadania; Coleção Sentimentos e Coleção Pequenas Lições. Observo o desempenho e o interesse dos alunos no ato de ler. Eles se apropriam dos livros, fazem as leituras e trocam simultaneamente. O tempo passou rápido durante duas horas de leitura contínua. Tão rápido que a professora e os alunos nem perceberam o término da aula, somente com o toque da campainha que soou insistentemente para a saída dos alunos na direção da cantina, em fila, para receber a merenda daquela noite. A leitura contagiou a todos que ali se encontravam como um momento rico e propício para a prática da leitura de forma prazerosa. Gostei muito do desempenho, da disposição e do interesse que os alunos demonstraram no ato de ler na biblioteca.

Em busca de aproveitar todos os espaços da escola e também dentre eles fora da sala de aula destacamos a biblioteca como um lugar propício para a leitura que demanda uma ampla diversidade, carregada de inúmeros gêneros literários e tipologias textuais, com assuntos relevantes para qualquer idade, preferência ou assunto desejado. O universo linguístico está presente neste ambiente como forma de interação e comunicabilidade de formação permanente para o ser humano em constante transformação social e cidadã.

Nesse espaço mostraremos um pouco do que foi realizado no Projeto de Leitura – A biblioteca e o infocentro: espaços dinâmicos na formação docente e discente da Educação de Jovens e Adultos. Para desenvolver ações que estão inseridas no projeto de leitura na biblioteca da Marcionílio, apresento a seguir, visitas feitas nas práticas cotidianas da EJA durante o primeiro semestre de 2017.

A professora Marly, que lecionava no 6º e 7º anos do ensino fundamental EJA, foi a primeira a usar este espaço nas suas aulas de Língua Portuguesa. Incentivou seus alunos a buscar interagir e apropriar-se da biblioteca, como um lugar que demarca a identidade dos seus usuários; fonte de construção e transformação social, cultural e espacial; em diversos sentidos, significados e interpretação do seu público leitor.

Adquirir hábitos de leitura demanda a princípio, o contato, o gostar de querer se apropriar e degustar do prazer de ler para aguçar outros mundos e vivências registradas, nos tantos livros que se encontram na biblioteca esperando a oportunidade de serem lembrados e utilizados; tanto para dizer a palavra lida ou escrita de outra forma, ou apenas como um leitor crítico, que amplia seus conhecimentos e formação continuada através da (re)construção de forma lúdica, prazerosa e inovadora, conforme o contexto, o interesse e a realidade de cada aluno/a.

A cada momento que a biblioteca era utilizada, a acolhida era de sensibilidade e integração social e cultural ao local, de mostrar a importância do espaço para eles e para a escola na sua totalidade. Lembrando que, todas as vezes que os alunos/as estiveram na biblioteca tiramos fotos para registrar a visita e a riqueza dos momentos de leitura diversificada que transformou o ambiente numa interação de dinâmica viva, proveitosa e satisfatória como se pode ver nas imagens apresentadas no Apêndice 2.

A professora Marly compareceu com os alunos do 6º ano na biblioteca no dia 14 de março de 2017. Diante da turma que foi vivenciar uma aula de leitura na biblioteca sempre articulei esta e outras turmas da seguinte forma: orientando os alunos/as a utilizarem os livros livremente; a ter cuidado e o zelar pelo acervo bibliotecário; apresentei o espaço como um lugar de aprendizagem que inspira conhecimentos diversos a serem explorados; ajudei os estudantes

na escolha dos livros que eles preferiam; e incentivava a deixar tudo organizado em seu devido lugar.

Então, para desenvolver este projeto tenho consciência que preciso participar ativamente das atividades propostas e encaminhar os discentes juntamente com os docentes para a realização das proposições na intervenção do projeto, de acordo com a realidade da escola, seguindo sua dinâmica curricular, no intuito de contribuir para o crescimento das ações praticadas no contexto escolar da educação de jovens e adultos desta escola.

Não importa se a leitura seja apenas por curiosidade, como fonte de informação ou pesquisa, entretenimento ou aprofundamento dos conhecimentos adquiridos ao longo da história e trajetória de vida dos autores, assimilando às próprias experiências dos alunos/as, que ali se encontravam e do percurso vivenciado em determinadas situações de sua vida coletiva, profissional ou pessoal. A subjetividade se fazia presente naquele contexto leitor. Com isso, a leitura elevava a autoestima dos alunos a apropriar-se da biblioteca com mais intimidade e autonomia. Visto que, o ambiente leitor precisa ser acolhedor e aconchegante para que a leitura possa fluir de forma leve, espontânea e prazerosa.

É sem dúvida um espaço que demarca vida, fatos, acontecimentos, lazer, entretenimento; entre tantos outros que ainda não foram lidos ou ditos, mas que estão ali à espera de serem lembrados, não importa a interpretação que cada leitor possa ter e o olhar implicado ou não nas suas escritas marcadas por autores, períodos, contextos, épocas distintas, remotas e/ou contemporâneas. Realmente, o que corrobora, diz respeito ao que cada aluno busca ou queira relacionar com sua trajetória de vida, aguçando a vontade de conhecer, construir e produzir linguagens comunicativas, comumente marcantes para a história da humanidade; que fortemente demarca o cotidiano das pessoas que por ali passam, seja pela equipe discente, docente, ou por profissionais da educação na construção e produção de conhecimentos preponderantes para si e para a sociedade.

Vale ressaltar que o contato com uma diversidade de livros clássicos, populares, cômicos, bibliográficos, literários, entre outros gêneros, desde a infância ou o início da escolarização das crianças, ao término do ensino fundamental em qualquer que seja a idade (adolescência, fase adulta ou idosa), o espaço biblioteca deverá estar à disposição para visitação e apreciação leitora. Os livros querem ser usados, explorados, discutidos, interpretados, criticados e analisados em qualquer que seja o grau ou nível de escolarização dos seus usuários. À medida que a Biblioteca estava sendo visitada com frequência, os alunos/as iam “tomando gosto” pela leitura de forma prazerosa.

Dia 28 de março recebemos mais uma vez na biblioteca a visita da professora Marly com seus alunos do 6º ano da EJA. A sala de aula fica ao lado esquerdo do pátio com cobertura que dá acesso a outros espaços na escola. Sempre que chegam à biblioteca os estudantes são recebidos com alegria e entusiasmo. Ao entrar olhavam ao redor, se acomodavam, observando o espaço ligeiramente. Outros, entretanto, sentavam, e até levantavam-se rapidamente dirigindo seus olhares para as prateleiras onde estavam empilhados diversos volumes de livros de vários gêneros, épocas e tempos, que se encontram disponíveis para serem lidos. Em todas as oportunidades sempre me aproximava dos alunos/as, orientava-os, oferecendo ajuda na procura dos livros que os interessavam, uns aceitavam e outros não, preferiam escolher de forma autônoma na sua singularidade. Enquanto uns procuravam seus livros e iam se acomodando, outros preferiam locomover-se como se buscassem algo que não encontrariam ali, por isso se inquietavam continuamente, caminhando na sala até terminar a aula. Para alguns, aquele lugar inspirava confiança, tranquilidade e comodidade, que se percebia ao visualizar a expressão facial ou corporal manifestada pelos estudantes na biblioteca.

Existiam pequenos grupos que não demonstravam interesse em ler, apenas conversavam paralelamente sobre outros assuntos cotidianos de seus interesses; alguns assoviavam ou insinuavam brincadeiras desagradáveis, manuseavam livros infantis que provocam sons musicais somente para desconcentrar quem estava lendo. Esses alunos são aqueles que os professores/as consideram indisciplinados pela postura e atitudes exercidas durante as aulas, que na maioria das vezes atrapalham o andamento letivo. Percebia-se que os valores e aspirações eram voltados para outras finalidades que certamente envolviam drogas, roubo, prostituição, entre outras concepções e modos de viver, inseridas nas conversas paralelas dos jovens de forma codificada.

A apresentação do projeto de leitura denominado Resgatando Memórias de Toda a Vida, idealizado pelo professor Oziel foi feita através de slides e com a participação de alunos e professores lendo memórias e poesias de autores literários da nossa história brasileira, além de muitos relatos poéticos, descritivos, contos e recontos de histórias da vida real dos estudantes que tiveram o prazer de compartilhar suas trajetórias de vida com a escola de forma autônoma e consciente das suas vivências com a escola e a modalidade EJA. São histórias carregadas de subjetividade, sofrimento e muitas dificuldades para estudar e desenvolver suas potencialidades. Declamação de poesias que destacam o regionalismo com temas infantis que enfatizam (roça, trabalho, brincadeiras de roda, tecnologia, estudo, recursos educacionais antigos. Textos em prosa e poesia construídos pelos alunos falando das suas memórias para os

estudantes do 8º ano. O aluno Gil produz uma poesia autobiográfica declamada nessa apresentação do Projeto de Leitura, como é mostrado no Apêndice 2.

Todos os alunos participam desse momento. Apresentar sua produção e assistir a dos colegas se misturam nesse contexto rico e ímpar para ampliar os conhecimentos em permanente construção coletiva que traz as histórias de vida de cada um que aceitou participar desse momento. Nessa construção me envolvi com a organização dos trabalhos estéticos, construção de cartazes e mural, além de fornecer o meu TCC “Memórias que constroem histórias” do Curso de Pedagogia, para suporte pedagógico na realização do projeto de leitura na Marcionílio.

É de fundamental importância esse resgate e recorte do passado personificado no presente, revive momentos que deixaram marcas nas vidas dessas pessoas, do ser humano em permanente desenvolvimento e construção humana. Ao final do evento, registramos com fotografias e observamos que somente três alunos não quiseram participar, estes, entretanto estavam em outro local dentro da escola usando drogas. Foi o que se constatou segundo informações da coordenadora pedagógica. E assim finaliza a apresentação do projeto com a participação de 50% dos professores presentes.

A culminância desse projeto se consolidou no dia 27 de novembro, ao final do segundo semestre 2017 com o concurso de redação e premiações para as primeiras classificações. A temática está relacionada às histórias de vida de cada estudante, suas trajetórias e marcas que merecem ser lembradas, contadas em versos e prosa. Como exemplo trago a poesia de cordel com autoria do aluno do 9º ano, Gil, que traz em sua produção as mais remotas memórias carregadas de marcas e desafios e de luta pela continuidade da sua escolarização, o processo de exclusão e a negação ao estudo, assim como tantas outras pessoas, que também guardam em suas lembranças a luta e a conquista de garantir o direito de estudar, mesmo com a idade mais avançada, o desejo de cursar uma faculdade perdura na sua linha de pensamento e de perspectiva de vida.

4.3 A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Durante a realização de uma entrevista na sala de aula com alunos do 9º ano em 2017, duas alunas questionaram o retorno do vice-diretor anterior, alegando ainda que os professores são chatos [...], basta lembrar que esses são os mesmos do ano anterior, mas de certa forma a crítica e as insatisfações recaem sobre os docentes que passam a ser culpados ou responsáveis pelo currículo e transformações advindas de outros fatores implícitos no caminhar educativo.

Lembrando que, ao final desta investigação, precisamente no dia 5 de outubro de 2017, esta mesma aluna, que aparece sob a nome fictício de “Paula” elogia os professores e a escola em seu depoimento:

As professoras tratam os alunos com carinho. Significa que essa escola é boa, foi a melhor escola que eu estudei.

Para Freire (1983, p. 63), o homem vai se lançando através da criação e recriação que integra nas condições do seu contexto e respondendo aos desafios, discernindo, se auto objetivando no seu domínio histórico cultural.

Ao término das aulas, ainda em 2016, observo que algumas professoras saem conversando e percebo que falam daquela aluna que entrara segurada pela mãe como descrevo no item 3.2.2. Uma delas diz: – “Ela estuda aqui desde criança, sua aprendizagem é lenta, ainda não consegue traçar letras, o máximo que faz é círculos contínuos, também apresenta medo de ficar com estranhos, até para ir ao banheiro, tomar água e outras necessidades, precisa ser acompanhada”.

Acompanhar o avanço desses alunos é algo rico e essencial numa pesquisa de intervenção, pois durante esse processo de investigação acompanhei o desenvolvimento desta aluna acima mencionada e sua evolução. Foi promovida para outra turma, já consegue se relacionar com todos na escola (colegas, professores e funcionários), demonstra profunda afetividade, comunicabilidade através de gestos subjetivos marcados pelos fortes abraços e sorrisos, que transmitem entusiasmo e alegria no espaço escolar cotidianamente, pois é uma aluna muito frequente. Ganhou autonomia, se locomovendo sozinha, exercendo sua independência pessoal para transitar no espaço escolar com dinamismo e confiança.

Segundo Freire (1996, p.54), “Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere”. Nesse diálogo percebe-se que o importante não é ser objeto no próprio mundo, mas, ser um sujeito construtor da história desse mundo, seja em qualquer circunstância, mesmo diante das adversidades no campo da economia, da política, da cultura, da ideologia e da sociedade em geral. Ainda reportando ao diálogo entre as docentes, outra professora diz: “– São muitos alunos que apresentam dificuldade ou algum tipo de deficiência física e precisam de cuidados de acordo com suas especificidades, porém, somente dois desses alunos têm laudo médico comprovando o problema diagnosticado”. Então, diante dessas observações ainda discutem o assunto afirmando que muitos alunos apresentam necessidades especiais e são desassistidos, pois a própria família muitas vezes se recusa a levá-los ao médico, mesmo com o encaminhamento partindo da escola. No entanto, não se pode

confirmar a deficiência porque os estudantes que se encontram nesta situação não apresentam diagnóstico médico. Este é um dos tantos desafios que enfrentamos no dia a dia da EJA, que impede ou retarda o aprendizado dos alunos. É o que dizem os docentes em muitos momentos de conversa informal, principalmente na hora do intervalo para o lanche noturno.

Registro aqui outros aspectos que interferem na prática pedagógica de acordo com depoimentos de docentes e que trazem a demanda de políticas específicas para o desenvolvimento da prática docente:

Um dos maiores desafios que focalizo é que precisaríamos de mais tempo para o planejamento anual (semestral) antecipadamente, os conteúdos, porém obedecendo a flexibilidade

A partir de uma proposta curricular da Rede Municipal, como base, pressuposto, para, a partir dessa premissa e de acordo com a disciplina e as adequações peculiares da realidade de cada escola, elaborar sua proposta. Estudar e modificar os conhecimentos.

Deixa muito para o professor decidir, teria que ter acompanhamento extra-sala de aula, para dar apoio ao professor no seu trabalho pedagógico e melhor desenvolvimento da sua prática cotidiana e mais aprendizagem para os alunos.

Turmas com uma diversidade de dificuldades na aprendizagem e na convivência em grupos (convivência social), isto por parte de alguns alunos que não têm nenhuma perspectiva de conquista, sonhos e realizações próprias, estudam por estudar...

Um desafio, trabalhar no período noturno com recursos escassos, apostila, filmes, mídias; e outros espaços educativos. Muitos estão exaustos do trabalho diário.

O tempo de EJA é muito curto. Acredito que bimestre poderia ser substituído.

Mas também apresentam alternativas para ajudar os/as docentes a melhorar sua prática pedagógica, tanto na dinâmica das aulas como na interação com colegas, na integração de conteúdos:

A minha prática pedagógica é de acordo com a necessidade da turma, articulando os conteúdos escolares às experiências de vida e ao cotidiano dos mesmos. Sim, pois as mudanças são importantes para o ensino e a aprendizagem.

De troca de experiência com os demais profissionais da EJA, pois essa troca contribui bastante com a prática pedagógica. Ressaltando ainda, que deveria ter encontros com palestrantes referentes ao trabalho com professores da EJA.

Acompanhamento dos alunos com dificuldade de permanecer na sala, faltosos, desinteressados.

Uma sala de reforço ou de leitura, para despertar nestes alunos o interesse ao seu desenvolvimento pessoal.

Buscar aulas mais dinâmicas, interessantes, que despertem atenção dos alunos.

Até o presente momento a escola enfrentou estas adversidades com experiência e tato. Sugeri uma caderneta de acompanhamento individual dos alunos.

Já ao final do segundo semestre 2017 estive presente com dois professores no momento de planejamento semanal para discutir as práticas cotidianas das suas ações docentes, os quais lecionam as disciplinas de Geografia, História e Ciências, momento rico para este diálogo. A conversa gira em torno das demandas e aprendizagem dos estudantes. O professor Márcio questiona sobre a permanência dos alunos/as até o final das aulas, afirma que “– Alguns alunos assistem aula somente no primeiro horário, depois do intervalo vão embora, quase que, diariamente, a cada dia eles inventam um pretexto”. A seguir aparece a coordenadora pedagógica que discute com os professores sobre os recursos audiovisuais que o professor Márcio agendou, além de cobrar parceria e recursos implicados no projeto de leitura “Memórias”. Fala sobre o agendamento da visita com os alunos/as ao Museu de uma escola privada do município de Irecê. Projeto este elaborado sob a iniciativa do professor Oziel de Língua Portuguesa com os demais colegas, ou seja, todas as turmas estão envolvidas no projeto.

A conversa continua e se estende sobre a cultura local e regional que para muitos professores é reconhecida através de filmes, relatos, entre outros, porém, para alguns alunos são desconhecidos, mas a escola deve fazer esse resgate. E assim, discutem o que precisam e como devem fazer durante a realização do projeto de leitura intitulado “Memórias”.

Respondendo ao questionamento que fiz anteriormente, o professor Márcio responde dizendo: “ – Tento colocar em prática os conteúdos atitudinais, pois, não adianta somente os conceituais ou procedimentais. É importante fazer analogia com a escola, família, religião, o cotidiano, as relações contextualizadas e os conhecimentos diversificados”.

Ainda afirma que na prática sempre traz a reflexão sobre a moralidade, os valores, porque não adianta ter somente conhecimentos científicos, ser bom profissional, mas, ser um profissional acima de tudo honesto. É preciso trabalhar a cidadania sem direcionar os alunos a uma religião tendenciosa, ela precisa ser vista de forma universal em que os valores morais e éticos precisam ser discutidos, dialogados e respeitados no espaço escolar. Como diz um outro docente durante as entrevistas:

Criando uma nova linguagem semântica e uma hermenêutica com os estágios distintos do 6º ao 9º ano. Isso varia de acordo com a sensibilidade de alma dos discentes.

São muitos os projetos desenvolvidos na Marçionílio, mas não existe uma articulação entre eles e nem uma política de planejamento de forma a fazer uma articulação entre eles para alcançar a proposta da Professora Marly de “uma “Educação de Jovens e Adultos Humanizada e Sustentável – Vida Saudável em busca de uma identidade”.

Freire (1983, p. 30) afirma que, o homem está no mundo e com este constrói suas relações, sendo uma das primordiais o ato de refletir, e esse mesmo autor acrescenta: “O homem enche de cultura os espaços geográficos e históricos”. Nessa construção coletiva em que o homem age, constrói e reflete suas ações, ele vai abarrotando o mundo com sua cultura que juntamente com outras culturas transformam o construto humano multicultural no universo terrestre planetário, tornando-se um ser historicamente cultural. Silva (2002, p. 85) afirma que as diversidades de formas culturais do mundo contemporâneo tornaram-se comuns. Gadotti e Romão (2011, p. 40) vêm dizer que incorporar uma abordagem do ensino-aprendizagem baseado em valores e crenças democráticas que procura fortalecer o pluralismo cultural num mundo cada vez mais interdependente, sem matar a cultura trazida pelo aluno/a. Portanto, a educação de adultos deve ser considerada sempre uma educação multicultural, pois desenvolve o conhecimento e a integração na diversidade cultural. Nesse contexto deve ser necessária para a compreensão mútua, contra o processo de exclusão, seja por motivação de raça, sexo, cultura ou outras formas existentes de discriminação. Sendo que essa primeira filosofia que o educador precisa firmar, é a filosofia do diálogo, sem desconsiderar que o pluralismo também é uma filosofia do diálogo, assim reconhece o autor acima referenciado.

A EJA como experiência multicultural, traz tantos desafios, tantas aprendizagens significativas, nas “falas” dos alunos/as, nos seus depoimentos e relatos das práticas cotidianas, implicando saberes norteadores de suas vidas que envolvem tantas outras vidas... E para fomentar essa discussão, convido Arroyo (2017, p. 21) para falar desses itinerários. “Para entender seus significados será necessário começar por vê-los como passageiros, continuando passagens iniciadas bem cedo, na infância”. Eles lutam, caminham em busca do direito à educação.

4.3.1 A Formação continuada

Nas entrevistas e muitas vezes durante as observações, quando o assunto são as políticas necessárias para enfrentar os desafios trazidos pelos problemas intrínsecos à EJA, há unanimidade em uma resposta:

Formação continuada.

Mas torna-se necessário trazer mais elementos para definir essa formação:

Necessitamos de uma formação para uniformizar nossas ações como um planejamento por disciplina, trocas de experiências e atividades.

Módulo para todas as categorias sequencialmente.

A EJA deve ser uma “porta” social-profissional de esperança principalmente para os jovens.

Para qualquer segmento da educação [há necessidade de formação]

Sim, para aprimorar ainda mais a minha prática pedagógica e que a formação ocorra no meu período de trabalho

De troca de experiência com os demais profissionais da EJA, pois essa troca contribui bastante com a prática pedagógica. Ressaltando ainda, que deveria ter encontros com palestrantes referentes ao trabalho com professores da EJA

Reuniões com os participantes para estudar, sugerir, criticar, adequar e melhorar o Projeto Político Pedagógico da Marcionílio para sua aplicação efetiva na sala de aula.

Para que a EJA seja de fato funcional, precisa tornar-se oportunidade social e não fará isso se não for profissionalizante e inclusiva no mercado de trabalho.

Ampliação para a melhoria e qualidade do ensino na EJA, tão importante para as pessoas que precisam estudar nessa modalidade de ensino.

A partir da valorização e da aproximação desse público, com novas estratégias e criação de um sistema que possa atender de modo satisfatório um grupo tão diversificado de estudantes.

Segundo nos informa Saviani (2009, p. 148), se o problema da formação de professores configurou-se a partir do século XIX, isso não quer dizer que esse fenômeno teve início apenas nesse momento. Ora, antes disso já havia escolas tipificadas por universidades desde o século XI. Porém, somente a partir do século XIX houve a necessidade da universalização da instrução elementar que levou à organização dos sistemas nacionais de ensino no país. Daí surgiu o problema de formar professores para atuar nas escolas. Contudo, criou-se as Escolas Normais de nível médio para formar professores primários e atribuiu-se ao nível superior a formação de professores secundários.

A experiência formadora integra três tipos de aprendizagens (existencial, instrumental e cognitiva) resultando em mudanças. Considerada uma dinâmica dialética, não é linear nem acumulativa, pois vem acompanhada por processos de “desaprendizagens”, de mobilização, ansiedades transcorridas pelos sentimentos indecisos, absurdos, de perda.

Conforme Sá e Fartes (2010, p. 13) a formação é um processo que nos compõe, iniciado desde nossos primeiros contatos com o mundo em nossa volta e se desenvolve nas mais variadas dimensões humanas, está enraizada desde a cultura aos aspectos de saberes profissionais e de caráter processual.

A EJA é um campo instigante para a transformação pedagógica, visto que os questionamentos são mais radicais do que a educação infantil e ensino fundamental. De fato, acompanhar as itinerâncias desse público mostra que carregam as vivências coletivas de opressão, exclusão, rejeição e reprovação escolar e social. Além disso, esses sujeitos carregam as experiências e escolhas no limite, no campo da liberdade frente ao universo da droga, da violência e dos valores e ações culturais de luta pela cidadania identitária, da ética e da cultura. (ARROYO, 2009, p. 112)

Para Freire (1996, p. 39), em se tratando de formação permanente dos professores para atuar na EJA, o momento primordial é o da reflexão crítica que este faz sobre sua prática, o que poderá melhorar. É preciso reconhecer como está sendo, agindo, as motivações que me levam a agir assim, procurando perceber o que precisa mudar, promover, articular e, nesse sentido, passa do estado curioso ingênuo para a curiosidade epistemológica. Então, mudar é um ato de coragem, de tomada de decisão, de desligamento com o velho em busca do novo, incessantemente.

Já Arroyo considera que:

Dos cursos de formação, os docentes-educadores esperam a capacitação para entender os significados políticos, pedagógicos, formadores e deformadores desses percursos. Não apenas escolares, mas, humanos, como membros de coletivos” (ARROYO, 2017, p. 29).

O sistema de ensino precisa discutir as políticas que se encaixam nesse parâmetro e buscar possibilidades alternadas que contemplem a diversidade do público da EJA garantindo o direito de aprender de acordo com suas realidades específicas. Fomentando esses liames entre a escola e as relações com jovens e adultos, Borghi e Sá (2012, p. 118) afirmam:

[...] buscamos compreender fenômenos paradoxais como: a escola como espaço de exclusão, na medida em que não consegue prover aprendizagens significativas para os estudantes, mas, ao mesmo tempo, representada pelos jovens como espaço de sociabilidade e proteção, no momento em que facilita o encontro com os colegas [...]

Nessa concepção, a dicotomia que a escola apresenta reflete fortemente a procura cada vez mais crescente de jovens para o ingresso na EJA com a finalidade de continuar os estudos ou por outros motivos como reconhecer que a escola demarca lugar para encontro, sociabilidade, integração segura e acolhedora. Outro fator preponderante, que as autoras

supracitadas trazem, diz respeito às percepções representadas pelos conflitos que geram dicotomia entre a questão de proteção ou de silenciamento implícito ou explícito nas relações existentes nas suas práticas cotidianas. Daí, é importante salientar a negociação para que, de fato haja consenso entre a escola e os alunos, estabelecendo critérios, como alternativas para construir relações motivadoras, que impliquem nos espaços de convivência e na complexidade inerente ao ensino e aprendizagem na educação de jovens e adultos.

Como resultado das observações dessas práticas cotidianas na EJA da Marcionílio, visualizei que precisamos problematizar a formação do professor/a, assegurando-lhes esse direito, já discutido pelos docentes nesse estudo, que é garantir a formação e valorização dos profissionais que atuam na EJA, conforme indica o Plano Municipal de Educação em sua meta 10.

4.4 EXPERIÊNCIAS DE PROFISSIONALIZAÇÃO

No início do ano letivo de 2017, a Secretaria de Educação de Irecê ofereceu à EJA uma educação de cunho profissionalizante, através de parceria firmada com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), onde os jovens, adultos e idosos que desejam aperfeiçoar-se ou aprender um curso profissionalizante e obter uma certificação de formação inicial, possa participar do processo, conforme os critérios estabelecidos pelo IFBA em consonância com as escolas da EJA na Rede Municipal de ensino.

Alguns dos alunos do Curso de Soldagem e de Eletrificação, já trabalham nessas áreas específicas. O IFBA Campus Irecê se propõe em ofertar os Cursos de Formação Inicial (FIC): Instalador Predial de Baixa Tensão, Desenhista de Móveis, Auxiliar de Arquivo e Soldagem. Os cursos são gratuitos na modalidade presencial e realizados em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Irecê. A proposta está consubstanciada nas bases legais da educação profissional e tecnológica LDB 9394/96 atualizada pela Lei 11741/08 e demais normatizações especificamente a Lei 12413/11 que instituiu o PRONATEC. Está pautada nos princípios da justiça social; equidade; cidadania; ética; preservação do meio ambiente; transparência e gestão democrática, instituídos no Projeto Pedagógico Institucional. Projeto Pedagógico de Cursos de Formação Inicial 2017.

A ação conjunta também foi unificada com a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) no projeto “Universidade Aberta da Terceira Idade” (UATI) para proporcionar oportunidades educativas por meio de oficinas e terapias pedagógicas, na UNEB Campus/Irecê para estudantes da EJA. A oferta é de um dia na semana com oficinas de dança, de computação, de violão, capoeira e saúde (assistente social, enfermeira, bioquímico, psicólogo), entre outros profissionais parceiros desse projeto na Educação de Jovens e Adultos no município de Irecê. É o que evidencia a discussão pelos professores e profissionais da EJA, acerca dos estudantes, que justamente por conta do trabalho que exerce exige a certificação de um curso profissionalizante. Nisso Freire (1983, p. 46) contribui dizendo que mudança e estabilidade resultam da ação do trabalho que o homem exerce sobre o mundo. Como um ser de práxis, o homem, quando responde aos desafios que estão no mundo, cria seu próprio mundo, constituído como um mundo histórico cultural.

Esta pesquisa ganha uma nova perspectiva e dimensão a partir do acompanhamento pedagógico que assumi durante a realização dos cursos profissionalizantes ofertados pelo

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), em parceria com a Prefeitura Municipal de Irecê, Secretaria de Educação. Com inserção deste novo desafio que antes era uma proposição, em 20 de julho de 2017, tornou-se uma realidade com o convênio firmado entre as duas instituições que acordam este compromisso de política pública destinado aos estudantes da Educação de Jovens e Adultos.

O desafio é pioneiro ao abraçar este projeto que prima pela promoção e compromisso de uma educação com mais possibilidade de assegurar um ensino de qualidade para que os indivíduos tenham maiores oportunidades de inserção no mundo do trabalho, com outras expectativas e experiências adquiridas na formação inicial da EJA, como afirma o diretor geral do IFBA, em seu pronunciamento no ato da sessão de convênio no auditório deste Instituto, no dia 20 de julho de 2017, às 19 horas.

Diante do cenário atual, há uma mudança repentina que ocorre no currículo desta modalidade da EJA no município de Irecê, visto que, existe uma outra carga horária específica para os cursos profissionalizantes e o deslocamento de um dia semanal para o IFBA, onde acontecem os cursos. Nesse veio, transformam-se as práticas cotidianas discentes e docentes com o surgimento de novas possibilidades de formação inicial continuada para os estudantes, dentro do próprio sistema de ensino, ou seja, o aluno/a participando de curso em exercício discente, com a integração dos cursos profissionalizantes da EJA no Ensino Fundamental em outro espaço (no próprio IFBA). São outros docentes envolvidos na vida dos estudantes da EJA em Irecê que abarcam três escolas da rede municipal de ensino: Escola Joel Americano Lopes, Escola Marcionílio Rosa e Escola Odete Nunes Dourado, todas na sede do município, com 20 vagas para cada curso e oitenta vagas na sua totalidade, dentro de um tempo específico de cinco meses.

E eu acompanhei os estudantes inseridos nos cursos profissionalizantes, não somente os alunos/as da Marcionílio, mas, todos os envolvidos nesses cursos. Além de vivenciar a dinâmica dos cursos, o entusiasmo da maioria com a possibilidade de uma qualificação adicional, pude fazer novas entrevistas, com um roteiro específico para os/as participantes dos cursos.

Da Marcionílio Rosa foram 22 inscritos no total, com idades variando entre 17 e 54 anos, distribuídos pelos cursos de Desenhista de móveis, Eletricista, Soldagem e Arquivista. 10 desistiram do curso, sendo que a maioria devido à evasão da própria escola.

O clima era de comprometimento e confiança em novas perspectivas: de aprender mais, de iniciar uma nova profissão, “acrescentar um diploma no currículo”, entre outras possibilidades. Apenas um entrevistado, um jovem de 19 anos, aluno do 9º ano, fez um curso em uma área já conhecida:

Curso de Eletricista. Porque já trabalho em construção civil e às vezes exige o trabalho de eletrificação.

Alguns encontraram dificuldades para acompanhar o curso:

Em Matemática, para desenhar os objetos. Estou melhor (16 anos, 8º ano)

Não, só tenho dificuldade em informática, mas vou fazer um curso para superar (8º ano. 44 anos).

Nessa dinâmica, em alguns aspectos, ainda me dificulta, principalmente na área de desenho de móveis e ainda não há superação. (9º ano 54 anos).

Só na hora de somar as voltagens. Sim, tô conseguindo superar com o incentivo do professor, ajudando, mostrando, explicando sempre que a gente precisa. (9º ano. 19 anos)

Mas a maioria encara com otimismo:

Nunca houve dificuldade, mas se houver irei superar (8º ano. 18 anos)

Graças a Deus nunca tive problema de dificuldade. Minha família me apoia e ajuda em tudo. Vou até doente para o curso, porque gosto do que estou fazendo (8º ano. 36 anos).

Nenhuma, só a distância. Superei porque agora vou com meu esposo. (9º ano. Não declara idade).

E as aprendizagens são ressaltadas:

Houve aprendizagem sim, desenhei móveis... eu nunca desenhei antes. (8º ano. 16 anos)

Eu sou muito participativa no curso, sempre tiro minhas dúvidas quando eu tenho. Eu já aprendi um pouco como organizar um arquivo (8º ano. Omitiu idade. Fem)

.Participo muito das aulas, questiono, levo um pouco da minha vida profissional e pessoal para discutir de acordo com os assuntos trabalhados pelos professores na sala de aula. Sim, aprendi a me proteger dos riscos de trabalho, o uso da proteção de equipamento individual (IPI), a importância de cuidar e arquivar documentos. (8º ano. 36 anos).

Participo de todas as aulas, faço perguntas, dou exemplos de muitas coisas quando o professor pergunta. Ótimo! Sim, à parte do meio ambiente aprendi muito, assim como arquivar documentos que eu não sabia, o direito do trabalhador, entre outras coisas. (8º ano. 44 anos).

Os cursos profissionalizantes no IFBA prosseguiram durante o segundo semestre de 2017 com um número bem inferior de estudantes em relação ao início do curso. Como acontece nas escolas normalmente, o perfil do público EJA afasta-se temporariamente da escola, com os cursos, não foi diferente. Em conversa informal com um desses que desistiram, perguntei porque ele abandonou o curso e ele respondeu: “– Porque eu não quis mais estudar, só isso”. Os outros não compareceram mais e não foi possível localizá-los. Como alguns alunos/as da

Marcionílio desistiram do curso e que, mesmo sendo, em relação às outras escolas, a que teve o número menor de desistência.

Sobre a qualificação e outras possibilidades de ensino, temáticas tão discutidas na educação contemporânea vejamos o que diz Brunel (2004, p. 40) “A ideia de qualificar o indivíduo para o mercado de trabalho se sobrepõe ao desejo de formar homens que questionem, que produzam novas maneiras de pensar e agir. Homens comprometidos com o social”. Nessa visão o que se propõe não é apenas a oferta da mão de obra qualificada, do homem como mero produtor do mundo capitalista, é bem mais amplo o olhar para esse sujeito, pois, Auxiliar de Arquivo de si mesmo em comunhão com a sociedade e conseqüentemente com o seu contexto real.

Mas como reagiu a Marcionílio diante deste projeto? Os cursos profissionalizantes foram citados nas entrevistas com docentes como uma política específica sobre a prática pedagógica, mas ao mesmo tempo, a saída de estudantes para os cursos profissionalizantes passou a ser um problema para alguns:

[...] infelizmente a falta de alguns alunos que vão para o curso profissionalizante no IFBA, tem prejudicado alguns destes/as, pois toda semana eles estão participando dos cursos e perdem um dia de aula. O que ocasiona um baixo rendimento em determinadas disciplinas.

Quanto à distribuição da carga horária, a coordenadora pedagógica elaborou um horário rotativo para que os alunos não fossem prejudicados em algumas disciplinas. Para o estudante, as aulas na escola são importantes e no curso profissionalizante também. Apenas um demonstrou preocupação com o tempo fora da escola:

Na minha avaliação de certa forma é um pouco preocupante porque estou perdendo um dia de aula a cada semana. Achei muito interessante ao me despertar à curiosidade para minha aprendizagem, mas ainda sou primitivo informaticamente. (9º ano 54 anos).

Mas é um jogo sedutor carregado de atividades simultâneas acontecendo. Entende-se como sendo mais um dos desafios implícitos nas práticas cotidianas dos jovens e adultos que precisam ser desafiados para garantir o direito que lhes fora negado ao longo das suas trajetórias de vida. É preciso reconhecer e não apenas “facilitar”, mas, oportunizar o direito de estudar, que os jovens e adultos têm, conforme a LDB/96

Colaborando com essa discussão, Brunel (2004, p. 86) ainda acrescenta que o trabalho para os jovens não significa apenas garantir um espaço econômico na sociedade, ele precisa adquirir bens de consumo que possa identificar sua autonomia e liberdade.

5. O PROJETO DE INTERVENÇÃO E SUAS POSSIBILIDADES

O Projeto de Intervenção tem por objetivo primordial, conhecer e intervir nas práticas cotidianas da Educação de Jovens e Adultos, na Marcionílio Rosa, que emergiram principalmente a partir de março de 2016. Para orientar a elaboração passamos pelo componente curricular Oficinas, que foram quatro durante o curso do MPED-UFBA. Convido as professoras Inez Carvalho e Roseli de Sá para esclarecerem o significado deste trabalho:

[...] a expectativa é de que os projetos tenham um cunho acadêmico para profissionais e os produtos, os TCCs, pautem-se em pesquisas com intervenção e se apresentem por meio de textos propositivos como unidade textual e sejam preferencialmente produções de equipes, já que traduzem um compromisso social com as Instituições às quais os mestrandos são vinculados (CARVALHO; SÁ, 2016, p. 137).

Para as professoras Verônica Almeida e Roseli de Sá, a intenção é mesmo que os Projetos de intervenção (PI) surjam na relação direta com as atividades curriculares acadêmicas propostas no curso, “bem como, com as produções realizadas e os percursos formativos engendrados pelos mestrandos, nas imanências e emergências do cotidiano”. E ainda recomendam:

É fundamental que este apresente uma relação intrínseca entre o objeto de investigação do pesquisador, decorrente da realidade escolar, que seja construído na interação com os pares da rede de educação e que tenha em seu cerne a concepção de abertura, como uma intervenção articuladora. Salta-se da ideia de intervenção como projeção e aplicação, para a ideia de intervenção como investigação e implicação (ALMEIDA e SÁ, 2017, s/p).

Neste trabalho a minha implicação como docente ao mesmo tempo foi uma condição desafiadora em que procurei envolver a comunidade da Marcionílio em minhas reflexões. Conforme Borghi e Sá (2012, p. 119) “Pensar a escola como espaço de gestão da vida é extrapolar a noção de escola limitada aos conteúdos escolares, é avançar para compreendê-la como espaço de encontro de saberes, identidades, culturas e diferenças”. E complementam:

Arriscamos afirmar que, quando a escola não cumpre a sua tarefa, insistindo em oferecer propostas inadequadas aos estudantes jovens, não só os distancia do desejo de apropriação de conhecimentos socialmente construídos e legitimados, como também os empurra

sutilmente para a busca de alternativas que possam suprir as carências deixadas pela escola. (BORGHI e SÁ, 2012, p. 119-120)

As observações do/no cotidiano da escola e as entrevistas com docentes e estudantes mostraram muitas possibilidades de intervir no espaço escolar, enfocando as problemáticas que foram mais emergentes e que evidenciamos neste texto. Vamos aqui sistematizar esses aspectos:

- Revitalização dos espaços formativos da Biblioteca e do Infocentro, espaços dinâmicos na formação docente e discente da Educação de Jovens e Adultos.

Em busca de aproveitar todos os espaços da escola e também dentre eles fora da sala de aula destacamos esses espaços como propícios para a leitura de mundo, que demanda uma ampla diversidade, no caso da biblioteca, a leitura carregada de inúmeros gêneros literários e tipologias textuais, com assuntos relevantes para qualquer idade, preferência ou assunto desejado e no caso do Infocentro, a linguagem digital, que representa a forma de comunicação da contemporaneidade. O universo linguístico está presente nesses ambientes como forma de interação e comunicabilidade de formação permanente para o ser humano em constante transformação social e cidadã.

Algumas medidas foram adotadas pela Marcionílio no sentido de melhor utilizar os espaços, de promover a socialização e incentivar os estudos. Um desses foi o projeto de utilização do Info Centro; outro, foi o projeto de Leitura na Biblioteca, do qual fui a autora e coordenadora. Através deste projeto de leitura pude vivenciar, junto com os alunos e professoras, alguns momentos de aprendizagens nesses espaços, no entanto, ambos foram encerrados sem que houvesse uma discussão, um comunicado prévio.

Reativar o Projeto de leitura na biblioteca, considerando a importância de se adquirir hábitos de leitura, o que demanda a princípio, o contato, o gostar de querer se apropriar e degustar do prazer de ler para aguçar outros mundos e vivências registradas, nos tantos livros que se encontram na biblioteca esperando a oportunidade de serem lembrados e utilizados; tanto para dizer a palavra lida ou escrita de outra forma, ou apenas como um leitor crítico, que amplia seus conhecimentos e formação continuada através da (re)construção de forma lúdica, prazerosa e inovadora, conforme o contexto, o interesse e a realidade de cada aluno/a.

Encaminhar os discentes juntamente com os docentes para a realização das proposições na intervenção do projeto, de acordo com a realidade da escola, seguindo sua dinâmica

curricular, no intuito de contribuir para o crescimento das ações praticadas no contexto escolar da educação de jovens e adultos desta escola.

Não importa se a leitura seja apenas por curiosidade, como fonte de informação ou pesquisa, entretenimento ou aprofundamento dos conhecimentos adquiridos ao longo da história e trajetória de vida dos autores, assimilando às próprias experiências dos alunos/as, que ali se encontravam e do percurso vivenciado em determinadas situações de sua vida coletiva, profissional ou pessoal. A subjetividade se fazia presente naquele contexto leitor. Com isso, a leitura elevava a autoestima dos alunos a apropriar-se da biblioteca com mais intimidade e autonomia. Visto que, o ambiente leitor precisa ser acolhedor e aconchegante para que a leitura possa fluir de forma leve, espontânea e prazerosa.

A biblioteca é sem dúvida um espaço que demarca vida, fatos, acontecimentos, lazer, entretenimento; entre tantos outros que ainda não foram lidos ou ditos, mas que estão ali à espera de serem lembrados, não importa a interpretação que cada leitor possa ter e o olhar implicado ou não nas suas escritas marcadas por autores, períodos, contextos, épocas distintas, remotas e/ou contemporâneas. Realmente, o que corrobora, diz respeito ao que cada aluno busca ou queira relacionar com sua trajetória de vida, aguçando a vontade de conhecer, construir e produzir linguagens comunicativas, comumente marcantes para a história da humanidade; que fortemente demarca o cotidiano das pessoas que por ali passam, seja pela equipe discente, docente, ou por profissionais da educação na construção e produção de conhecimentos preponderantes para si e para a sociedade.

Muitas crianças que ali estão acompanhadas de suas mães, poderiam também se apropriar desse espaço e utilizar os livros da biblioteca. Seria prazeroso ocupar seu tempo também no mundo fascinante da literatura e inseri-las nesse contexto escolar com atividades lúdicas e significativas, enquanto suas mães estudam e se tranquilizam sabendo que suas crianças têm um espaço destinado para ler e ampliar seus conhecimentos no mundo da leitura e da informação. Esse é um direito que essas mães têm, não somente o acesso à escola, mas, sobretudo condições favoráveis para garantir a sua permanência.

Vale ressaltar que o contato com uma diversidade de livros clássicos, populares, cômicos, bibliográficos, literários, entre outros gêneros, desde a infância ou o (início da escolarização das crianças) ao término do ensino fundamental em qualquer que seja a idade (adolescência, fase adulta ou idosa), o espaço biblioteca deverá estar à disposição para visitação e apreciação leitora. Os livros querem ser usados, explorados, discutidos, interpretados, criticados e analisados em qualquer que seja o grau ou nível de escolarização dos seus usuários.

À medida que, a Biblioteca estava sendo visitada com frequência, os alunos/as iam “tomando gosto” pela leitura de forma prazerosa.

Essas ações também dizem respeito ao Infocentro. Esse espaço também deve ser integrador das ações pedagógicas, do que está proposto no currículo. Mas além desses espaços, é importante observar que muitos outros espaços da escola ficam fechados a noite, impedindo a circulação de docentes e estudantes, como o refeitório, impedindo uma convivência mais saudável da comunidade como um todo.

Em relação a essa revitalização outras ações devem ser adotadas:

-Reativar os projetos de incentivo à leitura: o projeto A biblioteca e o infocentro: espaços dinâmicos na formação docente e discente da Educação de Jovens e Adultos, do qual foi autora e coordenadora e o projeto de leitura Resgatando Memórias de Toda a Vida, idealizado pelo professor Oziel (Ver Apêndice 2)

Sobre esse último projeto, já que o primeiro foi comentado acima, é importante ressaltar como motivou a participação de alunos e professores lendo memórias e poesias de autores literários da nossa história brasileira, além de muitos relatos poéticos, descritivos, contos e recontos de histórias da vida real dos estudantes que tiveram o prazer de compartilhar suas trajetórias de vida com a escola de forma autônoma e consciente das suas vivências com a escola e a modalidade EJA. São histórias carregadas de subjetividade, sofrimento e muitas dificuldades para estudar e desenvolver suas potencialidades. Declamação de poesias que destacam o regionalismo com temas infantis que enfatizam roça, trabalho, brincadeiras de roda, tecnologia, estudo, recursos educacionais antigos. Textos em prosa e poesia construídos pelos alunos falando das suas memórias para os estudantes do 8º ano. O aluno Gil produz uma poesia autobiográfica declamada na apresentação do projeto de Leitura, conforme imagem apresentada no Apêndice 2.

É de fundamental importância esse resgate e recorte do passado personificado no presente, porque revive momentos que deixaram marcas nas vidas dessas pessoas, do ser humano em permanente desenvolvimento e construção humana. Em Lawn (2011, p. 61) a linguagem também pode ser considerada silenciosa, quando os sujeitos utilizam para viajar no mundo do pensamento; nesse enfoque, o pensamento precede à linguagem que por sua vez, sem esse elemento para manifestar o desejo, não existiria. Na discussão promovida pelo projeto de leitura e através da linguagem, alguns jovens dizem que querem apenas terminar o ensino fundamental, poucos querem cursar uma faculdade, enquanto muitos adultos objetivam

aprender a ler e a escrever fluentemente. Algumas senhoras, no ano de 2016, na turma do 3º e 4º ano do ensino fundamental, priorizam aprender para participar das leituras nas suas igrejas. Um senhor com mais de 60 anos de idade diz que o principal objetivo é aprender a ler e escrever para conseguir a carteira nacional de habilitação. As ações e propostas pedagógicas devem aproximar dos conteúdos curriculares oferecidos na educação de jovens e adultos, para que o ensino seja mais significativo e produtivo; pois o estudante procura a escola com o objetivo de aprender a viver melhor.

Os/as docentes, de maneira geral, encontram-se comprometidos/as com a realidade da EJA e buscam alternativas para a gestão de suas práticas pedagógicas, como foi mostrado no Capítulo 4, dando destaque para a necessidade de formação continuada. A esse respeito, este projeto adota como uma de suas ações:

-Desenvolvimento de um programa de formação continuada para os/as docentes da EJA na Marcionílio Rosa com as seguintes características:

-Ser elaborado com a participação de docentes e discentes a partir das discussões deste Projeto de intervenção, uma vez que estão levantados pontos importantes sobre a escola pelas observações e pelas entrevistas. Para isso, será necessário como ações prévias:

- organizar encontros pedagógicos com a participação da coordenação pedagógica e equipe gestora, para discutirmos a temática deste projeto de intervenção;

- socialização do projeto junto aos alunos para levantar possibilidades reorganização dos espaços;

-socialização do projeto para a Secretaria de Educação, a fim de comprometê-la com a execução do projeto.

-Ser realizado no horário de trabalho na escola, como uma atividade formativa para toda a comunidade. Tivemos oportunidade de perceber com a pesquisa que os conteúdos mais relevantes para a aprendizagem dos alunos/as não são apenas aqueles apresentados nos módulos, nos livros, sob a orientação da proposta curricular do município ou de outros documentos legais. A convivência, os debates, as leituras, os cursos ou visitas a museus, as conversas no pátio são também conteúdos importantes para o conhecimento do mundo.

-Contemplar a valorização e a aproximação do público da EJA na Marcionílio, mostrando seu potencial de saberes.

-Considerar a necessidade de reunir os/as participantes para estudar, sugerir, criticar, adequar e melhorar o Projeto Político Pedagógico da Marcionílio para sua aplicação efetiva na sala de aula, como sugere uma docente.

Outra ação ressaltada na pesquisa que merece destaque é o

-Fortalecimento das relações da escola espaços de profissionalização, buscando parcerias como a que foi feita entre a Prefeitura municipal e o IFBA, com a participação também da UNEB.

Como foi mostrado, além de dar oportunidades de iniciação em uma outra profissão, esse projeto mostrou a necessidade de repensar o currículo e a redistribuição das cargas horárias. É de suma importância ter sempre em mente que “Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego etc.)” (GADOTTI, 2011, p. 38 e que o trabalho está vinculado a suas vidas, assim como os estudos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com efeito esta investigação parte de uma pesquisa de Mestrado Profissional em Educação implicada, com vistas a oferecer ao final, propostas de ação em forma de um Projeto de Intervenção, em que discuto as práticas curriculares do cotidiano escolar com os docentes e discentes, partindo do contexto real dos sujeitos envolvidos na Educação de Jovens e Adultos da Escola Marcionílio Rosa. Traçamos um caminho tecido por fios condutores de ampla experiência, construída ao longo das suas histórias de vidas carregadas de subjetividade. A subjetivação entra no corpo do trabalho como existência de condição humana, dos valores imbricados nas itinerâncias dos sujeitos implicados no processo de formação contínua ao longo de suas vidas.

Com a realização desta pesquisa conheci um pouco a trajetória de vida dos jovens e adultos que participaram deste trabalho, bem como, seus sonhos, desafios, sua vida pessoal, as dificuldades que enfrentam para continuar estudando, a superação e o desejo de vencer para conseguir melhores oportunidades de trabalho e de vida, entre tantos outros desafios que superarão no decorrer do tempo. Conclui-se, que para ensinar jovens e adultos é preciso considerar os diversos campos heterogêneos e a diversidade cultural implicada nas trajetórias de vida desses sujeitos. Então, garantir o acesso e a permanência na escola é um direito que o jovem e o adulto tem de concluir sua escolarização, de no mínimo o ensino fundamental e para tanto precisam ser vistos como sujeitos que trazem para o contexto escolar suas histórias de vida, identidades e referências importantes como sujeitos de direito a outros conhecimentos relevantes para a sua formação cidadã.

Portanto, os jovens e adultos precisam ser considerados para além das carências provocadas pelo atraso, repetência, exclusão e evasão. Nessa configuração são legitimados como sujeitos de direito e produtores de cultura. Cabe à escola, respeitar as peculiaridades desses indivíduos, o percurso que fazem de si mesmos, para avançar suas potencialidades em qualquer tempo, lugar e idade.

Com base nas observações deste público, encontrei muitos conhecimentos e saberes culturais presentes nos relatos dos sujeitos, nas suas concepções de vida, processos, que direcionam este projeto; nas percepções empíricas no campo das ideias sincronizadas com os fundamentos teóricos, que enriqueceram este Projeto de Intervenção das práticas pedagógicas do cotidiano escolar.

Nos enunciados e argumentos dos estudantes, a escola representa um bem precioso e necessário para a construção de uma cidadania com mais oportunidades de inserção mais qualificada no exigente mundo de trabalho contemporâneo. Um trabalho que continuará ao longo de uma jornada desafiadora que merece uma atenção especial por parte dos governantes e da própria sociedade, para esses sujeitos que precisam ter de fato, a garantia de acesso e continuidade na sua formação escolarizada; garantidos pela legislação vigente na educação brasileira, dentro dos princípios éticos, morais, sociais, políticos, estéticos e identitários, que foram discutidos nesta pesquisa visando contribuir fundamentalmente para as políticas públicas que permeiam na Educação de Jovens e Adultos no município de Irecê.

E assim caminha a educação de jovens e adultos, para alguns a sensação de recuperar o tempo perdido, para outros a busca de conquistar o seu lugar na sociedade como cidadão consciente dos seus deveres e direitos, de participar das decisões políticas e sociais, com mais autonomia e conhecimento gera a partir das demandas e necessidades da própria realidade do contexto em que cada um/a está inserido.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Veronica D.; SÁ, Maria Roseli G. B. de. *Concepções de Intervenção do Mestrado Profissional em Educação: tessituras curriculares de uma pesquisa*. Trabalho apresentado no GT 12 – Currículo, na 38ª Reunião da ANPED. São Luis – Ma: **Anais da 38ª Reunião da ANPED**, 2017.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 18ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. (Série Prática Pedagógica).
- ANDRÉ, Marli; PRINCEPE, Lisandra. O lugar da pesquisa no Mestrado Profissional em Educação. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 63, p. 103-117, jan./mar. 2017.
- ANDRÉ, Marli. A Formação do Pesquisador da Prática Pedagógica. **PLURAIIS - Revista Multidisciplinar**, v. 1, p. 30-41, 2016.
- ARROYO, Miguel. Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública: In: Soares, L. et al. (Org.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- ARROYO, Miguel. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA**: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- BORGHI, Idalina Souza Mascarenhas; SÁ, Maria Roseli Gomes Brito de. **Tramas das relações na escola: trajetórias escolares de jovens da EJA**. Educação e Contemporaneidade – Revista da FAEEDBA, v. 21, n. 37. Salvador, UNEB, jan/jun. 2012, p. 117-126.
- BAHIA, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. *Projeto Pedagógico de Cursos de Formação Inicial e Continuada*. Irecê, 2017.
- BRASIL. **Estatuto do Idoso**: Lei nº 10.741, de 01 de outubro de 2003. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.
- BRASIL. **Política Nacional do Idoso**. Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994.
- BRASIL. *Plano Nacional de Educação (PNE) Plano Nacional de Educação 2014-2022* [recurso eletrônico]: Lei nº. 13.00 de junho de 2014. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.
- BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. D. O. U. de 23 de dezembro de 1996.
- BRASIL. *Constituição (1988) Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. Reexame do Parecer CNE/CEB nº 23/2000, que institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos – EJA, nos aspectos relativos à duração dos cursos e idade mínima para ingresso nos cursos de EJA; idade mínima e certificação nos exames de EJA; e Educação de Jovens e Adultos desenvolvida por meio da Educação a Distância. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnologia. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRUNEL, Carmem. **Jovens cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

CARVALHO, Maria Inez S. S. (Org). **Desvelando a Rede**: cenário das escolas municipais de Irecê. 1 ed. Irecê, BA, Carneiro Artes Gráficas, 2005.

CARVALHO, Maria Inez S. S. *O A-con-tecer de uma formação. Educação e Contemporaneidade - Revista da FAEEBA*, V. 17, n. 29. Salvador, UNEB, jan/jun de 2008, p. 159-168.

CARVALHO, M. I.; SÁ, M. R. G. B. Uma introdução à discussão sobre trabalhos de conclusão de curso dos mestrados profissionais em educação como dimensão fundante da formação. In: CARVALHÊDO, J. L. P; CARVALHO, M. V. C. de; ARAÚJO, F. A. M. (Org.). **Produção de conhecimentos na Pós-Graduação em Educação no Nordeste do Brasil**: realidades e possibilidades. Teresina: EDUFPI, 2016, v. 1, p. 137-150.

CARVALHO, Roseli Vaz. *A Juventude na Educação de Jovens e Adultos: uma categoria provisória ou permanente?* IX Congresso Nacional de Educação – **EDUCERE** III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia – 26 a 29 de outubro de 2009 – PUCPR.

CARVALHO, Rosa Malena. *Educação Física Escolar na Educação de Jovens e Adultos*. In: CARVALHO, Rosa Malena. (Org). **Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos**: Educação Física 1. Ed. Curitiba, PR: 2011.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

EITERER, Carmem; REIS, Sônia Maria A. O. *Educação de Jovens e Adultos: entre regulação e emancipação*. In: SOARES, Leôncio; SILVA, Isabel de Oliveira e. **Sujeitos da educação e processos de sociabilidade – os sentidos da experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 179-215.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. *Currículo, formação continuada de professores e cotidiano escolar: fragmentos de complexidade das redes vividas*. FERRAÇO, Carlos Eduardo (Org). **Cotidiano escolar, formação de professores(as) e currículo**. São Paulo: Cortez, 2005. (Série cultura, memória e currículo; v. 6). p.15-42.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Tradução de de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. (Coleção Educação e Mudança vol. 1).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

FREITAS, Maria Virgínia de (Org.). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. 2ª ed. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (Orgs). **Educação de Jovens e adultos: teoria, prática e proposta**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; PIERRO, Maria Clara. **Preconceito contra o analfabeto**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; SOARES, Leôncio José Gomes. História da alfabetização de adultos no Brasil. *In*: ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz. **Alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva de letramento**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

HERMANN, Nadja. **Hermenêutica e educação**. Rio de Janeiro DP&A, 2002. (O que você precisa saber sobre).

IRECÊ, *Plano Municipal de Educação*. Projeto de Lei do Executivo Nº. 11/2015. Diário Oficial do Município 003. Ano IV – Edição nº. 00401 Caderno I. Disponível em: <https://pt.wiki.org/wiki/Irece>. visualizado em: 20/12/2017.

JORNAL DA PREFEITURA MUNICIPAL DE IRECÊ. *Educação - 07 de fevereiro – 2017*. Disponível em <https://irece.ba.gov.br/noticia/educacao-de-jovens-e-adultos-tem-matriculas-abertas>. Acesso em fevereiro de 2017.

LAWN, Chris. **Compreender Gadamer**. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011 (Série Compreender). [Tradução de Hélio Magri Filho].

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. [Reimpr.]. Rio de Janeiro: E.P.U., 2015.

MOREIRA, Antonio Flávio; TOMAZ, Tadeu (orgs.). **Currículo, Cultura e Sociedade**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Currículo: campo, conceito e pesquisa**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Criação curricular e formação continuada no cotidiano escolar. *In*: FERRAÇO, Carlos Eduardo (Org). **Cotidiano escolar, formação de professores(as) e currículo**. São Paulo: Cortez, 2005. (Série cultura, memória e currículo); v. 6). p. 43 – 67.

RODRIGUES, Delminda Joia Faria. **A juvenilização dos alunos da EJA e PROEJA**. 2010.

RODRIGUES, Andréa Gabriel Francelino; CARVALHO, Eulália Raquel Gusmão Neto. **Revista da FAEEBA. Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v.21, n. 37, p.127-136, jan./jun. 2012.

SÁ, Maria Roseli G. B. de. *Narrativas curriculares e o cotidiano como espaço aprendente*. In: RIOS, Jane Adriana V. P.. (Org.). **Políticas, práticas e formação na educação básica**. Salvador: EDUFBA, 2015, v. 1, p. 229-246.

SÁ, Maria Roseli G. B. de. *Currículo, formação e saberes profissionais: (re) valorização epistemológica da experiência: uma Introdução*. In: SÁ, Maria Roseli G. B. de; FARTES, Vera Lúcia Bueno (Orgs). **Currículo, formação e saberes profissionais: (re) valorização epistemológica da experiência**. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 13-16.

SÁ, Maria Roseli G. B. de. *Que experiências nos fazem professores? Desafios à docência universitária no acompanhamento de percursos formativos de professores em exercício*. In: RIBEIRO, M. L; MARTINS, E. de S; CRUZ, A. R. S. da. **Docência no Ensino Superior: desafios da prática educativa**. Salvador: EDUFBA, 2011b. Cap. IX, p. 187 – 199.

SÁ, Maria Roseli G. B. de; FARTES, Vera Lúcia Bueno (Orgs). **Currículo, formação e saberes profissionais: (re) valorização epistemológica da experiência**. Salvador: EDUFBA, 2010.

SAVIANI, Dermeval. *Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro*. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 40 jan./abr. 2009.

SAVIANI, Dermeval. **A lei da educação: LDB: trajetória, limites e perspectivas**. 13. ed. rev. atual. ampl. Campinas-S.P: Cortez Editores Associados, 2016. (Coleção Educação contemporânea).

SANCEVERINO, Adriana Regina. *Mediação pedagógica na educação de jovens e adultos: exigência existencial e política do diálogo como fundamento da prática*. **Revista Brasileira de Educação**. v. 21, nº 65, abr/jun, 2016 p. 455-475.

SOARES, Leôncio; SILVA, Isabel de Oliveira e. (orgs.) **Sujeitos da Educação e processos de sociabilidade: os sentidos da experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. (Estudos em EJA).

SOUZA et. al. *Rejuvenescimento da Educação de jovens e adultos – EJA: práticas de inclusão ou exclusão?* Departamento de Fundamentos da Educação - UFSM. Santa Maria-RS (Brasil). **Revista Iberoamericana de Educación / Revista Ibero-americana de Educação**. ISSN: 1681-5653. Nº 59/2 – 15/06/12.

VIDAL, Jose. O que é etnografia. Disponível em: <https://www.grupoescolar.com/pesquisa>. Acesso em 20 de março de 2018.

SITES:

<https://www.portal.mec.gov.br>

<http://www.gramatica.net.br/origem-das-palavras/etimologia-de-conhecimento/>. Visualizado em: 20/11/2016.

<https://oglobo.com> – Por Paula Ferreira (2017).

8. APÊNDICES

8.1 APÊNDICE 1

QUADRO DE RESPOSTAS A ENTREVISTAS

FALAM OS/AS DOCENTES

ROTEIRO GERAL DE ENTREVISTA PARA DOCENTES DA EJA NA MARCIONÍLIO ROSA
<p>1. PRINCIPAIS DESAFIOS ENCONTRADOS ATUALMENTE NA EJA DA ESCOLA MARCIONÍLIO ROSA</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Um dos maiores desafios é a dificuldade de aprendizagem da grande maioria, isso implica em não aplicar os conteúdos inerentes a cada ano/série. ▪ A frequência é muito irregular. ▪ Em alguns alunos o trabalho dificulta na frequência irregular. ▪ A falta de compromisso com os estudos. ▪ A falta de acompanhamento da própria família. ▪ Falta de autoestima, atrofiamentos diversos de condutas, déficit em virtudes domésticas e disciplinares, falta de objetivo na vida, alma comprometida com dependências psicoativas e outras limitações ontológicas e sociais. ▪ Baixa frequência – desinteresse e falta de motivação. ▪ Evadem sem nenhuma justificativa. Acredita-se que seja em busca de trabalho, viajam ou mesmo acomodação por parte de alguns. ▪ Turmas com uma diversidade de dificuldades na aprendizagem e na convivência em grupos (convivência social), isto por parte de alguns alunos que não têm nenhuma perspectiva de conquista, sonhos e realizações próprias, estudam por estudar. ▪ O tempo de EJA é muito curto. Acredito que bimestre poderia ser substituído. ▪ O crescente número de jovens e adolescentes; O fluxo dos alunos que evadem e se desestimulam com frequência. ▪ Para muitos, representa uma chance de melhoria de vida tanto no campo pessoal quanto profissional. ▪ A realidade da EJA está modificando muito, pois a EJA hoje tem mais jovem do que as pessoas adultas. ▪ Acredito que tem muitas dificuldades, mas o maior desafio é disputar no jovem a vontade de aprender, pois a maioria dos jovens não tem muita vontade de adquirir os conhecimentos necessários para aplicar na sua vida. ▪ A escola procura resolver os conflitos dos educandos mostrando que as pessoas são diferentes, mas precisam ser respeitados na sua individualidade. ▪ Para muitos adultos a oportunidade de retorno aos estudos, pois não frequentam a escola há um bom tempo e estão em busca de recuperar o tempo que ficou fora da escola. ▪ Essa modalidade está ficando mais educação de jovens e menos de adultos. Cada ano mais alunos do ensino regular com defasagem passam a fazer parte da EJA. ▪ O comportamento dos jovens que ainda não compreende bem, porque estão nesse espaço escolar e nesse contexto; e o professor que por sua vez tem estranhamento desse novo perfil de EJA.
<p>2. O QUE MOTIVA O/A ESTUDANTE A PROCURAR ESSA UNIDADE DE ENSINO E POSSÍVEIS RAZÕES PARA PERMANECER OU NÃO NA ESCOLA</p>

- A aceleração dos níveis escolares,
- A proximidade da sua residência e a comodidade de conhecer o ambiente escolar.
- Para muitos a escola é aconchegante e a gestão se esforça bastante quanto à empatia do processo.
- A organização da escola
- Motivação – escola próxima à residência
- A procura no início do ano letivo é excelente,
- Na sua maioria desinteressada, sem compromisso com a escola

3. NECESSIDADES FORMATIVAS DE DOCENTES PARA ENFRENTAR OS DESAFIOS

- Precisamos de uma formação para uniformizar nossas ações como um planejamento por disciplina, trocas de experiências e atividades.
- Módulo para todas as categorias sequencialmente.
- O perfil e o nível dos docentes da rede, é de compromisso, e lealdade às demandas pedagógicas, porém,
- a EJA deve ser uma “porta” social-profissional de esperança principalmente para os jovens.
- Para qualquer segmento da educação [há necessidade de formação
- Sim, para aprimorar ainda mais a minha prática pedagógica e que a formação ocorra no meu período de trabalho
- De troca de experiência com os demais profissionais da EJA, pois essa troca contribui bastante com a prática pedagógica. Ressaltando ainda, que deveria ter encontros com palestrantes referentes ao trabalho com professores da EJA.

4. POLÍTICAS PÚBLICAS NECESSÁRIAS A UM EFETIVO DESENVOLVIMENTO DA EJA NA MARCIONÍLIO ROSA

- Reuniões com os participantes para estudar, sugerir, criticar, adequar e melhorar o Projeto Político Pedagógico da Marcionílio para sua aplicação efetiva na sala de aula.
- Para que a EJA seja de fato funcional, precisa tornar-se oportunidade social e não fará isso se não for profissionalizante e inclusiva no mercado de trabalho.
- Nesse sentido precisa reconstruir todas as estruturas em muitos sentidos.
- Ampliação para a melhoria e qualidade do ensino na EJA, tão importante para as pessoas que precisam estudar nessa modalidade de ensino.
- As políticas públicas que possam melhorar a estrutura física e a compra de equipamento para melhorar o nível de aprendizagem dos educandos.
- Formação continuada.
- A partir da valorização e da aproximação desse público, com novas estratégias e criação de um sistema que possa atender de modo satisfatório um grupo tão diversificado de estudantes.

5. POLÍTICAS MAIS ESPECÍFICAS SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

- Trabalho com projetos interdisciplinares. Projeto voltado para a EJA como Educação Especial e diferenciada.
- Além das discussões dos centros de excelência
- classificação por aptidões profissionais, além de estímulo e motivação para a criação do próprio negócio (um jovem falou) [...]. Parceria com as empresas, indústrias ou mesmo orientação para a vida na zona rural. (Relação educ e trab)
- Políticas públicas voltadas para o ensino profissional no mercado de trabalho com qualificação.
- Cursos profissionalizantes.
- Oficinas diversas (produção textual); pinturas, teatro, músicas, etc.; jogo estudantil (1 vez semanal); trabalhos artesanais; jogos diversos a partir de oficinas.
- É motivar, valorizar esse público tão diverso com aulas diversificadas para que os mesmos continuem frequentando a escola e não desistam.

- Motivação dos alunos com ludicidade.
- Música, som, esporte, lazer e conhecimento (cultural e cognitivo).
- Acompanhamento dos alunos com dificuldade de permanecer na sala, faltosos, desinteressados. *Uma sala de reforço ou de leitura, para despertar nestes alunos o interesse ao seu desenvolvimento pessoal. *Buscar aulas mais dinâmicas, interessantes, que despertem atenção dos alunos.
- Sugerir uma caderneta de acompanhamento individual dos alunos.
- A minha prática pedagógica é de acordo com a necessidade da turma, articulando os conteúdos escolares às experiências de vida e ao cotidiano dos mesmos.
- Por uma “Educação de Jovens e Adultos Humanizada e Sustentável – Vida Saudável em busca de uma identidade”
- O que fazer com a história que me cabe e que me toca no sentido da cidadania e da escola
- a cultura local, que precisa ser discutida, resgatada, preservada e valorizada, pois muitos alunos/as não conhecem alguns fatos históricos e o patrimônio da cultura imaterial do município de Irecê
- A escola é um espaço cultural e educacional que precisa despertar nos alunos esta realidade.
- Tento colocar em prática os conteúdos atitudinais, pois, não adianta somente os conceituais ou procedimentais. É importante fazer analogia com a escola, família, religião, o cotidiano, as relações contextualizadas e os conhecimentos diversificados”. Ainda afirma que na prática sempre traz a reflexão sobre a moralidade, os valores, porque não adianta ter somente conhecimentos científicos, ser bom profissional, mas, ser um profissional acima de tudo honesto. É preciso trabalhar a cidadania sem direcionar os alunos a uma religião tendenciosa, ela precisa ser vista de forma universal em que os valores morais e éticos precisam ser discutidos, dialogados e respeitados no espaço escolar.
- Relaciono bem com essa diversidade a partir do diálogo, do escutar e do compreender de forma significativa, sobre a necessidade de frequentar a escola, seja para aprender ou somente para estar na sala de aula.
- faz-se necessário, dinâmicas psicopedagógicas.
Buscamos dialogar cotidianamente à medida que as ocorrências vão aparecendo, e nas Reuniões Pedagógicas e Conselhos de Classe.
- práticas cotidianas das suas ações docentes
- Demandas e aprendizagens dos estudantes
- Alguns alunos assistem aula somente no primeiro horário, depois do intervalo vão embora, quase que, diariamente, a cada dia eles inventam um pretexto
- Um desafio, trabalhar no período noturno com recursos escassos, apostila, filmes, mídias; e outros espaços educativos. Muitos estão exaustos do trabalho diário.

6. SOBRE OS PROJETOS DESENVOLVIDOS NA ESCOLA

- Penso que houve um considerável avanço, principalmente com as mudanças propostas neste ano, sendo mais atrativo aos estudantes. No geral, a EJA, com suas peculiaridades é um espaço de reinserção do aluno a um mundo mais amplo de oportunidades.
- Buscamos estratégias antes adotadas somente no ensino regular, como contato com a família e metodologia mais condizente com os jovens. A adoção de projetos que envolvem o alunado e permita aos mesmos se sentirem valorizados.
- A cada ano a EJA passa a ser vista com muito mais clareza como um segmento com suas peculiaridades e especificidades e tratada com seriedade por todos os sujeitos que fazem parte da mesma.

FALAM OS/AS ESTUDANTES

ROTEIRO GERAL DE ENTREVISTA PARA ESTUDANTES DA EJA NA MARCIONÍLIO ROSA
1. Tempo de estudos na Marcionílio Rosa
De um grupo de 5 alunos do 7º ano (entre 15 e 21 anos), o período compreende entre quatro meses de estudo até cinco anos que estuda na Marcionílio. Entre alunos do 1º segmento, 6 alunos, estudam na escola entre 1 e 3 anos
2. Como vê a EJA
Masc 15 anos: É bom estudar na EJA, porque fico o dia todo livre e venho somente a noite.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>8º ano:</u> ▪ Muito boa, porque os professores são atenciosos... os professores ficavam no meu pé e isso me ajudou a aprender melhor e não ficar com dúvida, eu gostei. ▪ Isto é bom, vem a vantagem de estudar duas séries em um ano e a oportunidade de voltar a estudar. ▪ Eu acho que a EJA tem sim uma grande beleza, em termos de dar possibilidade a todos que não puderam terminar os estudos e ter um futuro melhor. ▪ É com orgulho que estudo na EJA na Escola Marcionílio Rosa, onde tive o privilégio e a oportunidade de participar da família IFBA; muitos achavam que seria impossível chegar onde cheguei em tão pouco tempo. Após 16 anos fora da escola senti muita dificuldade na leitura e principalmente para interpretar, lia e não entendia isso a partir do 2º semestre. Aos poucos estou desenvolvendo e aprendendo muito. Até no trabalho (faxineira), já mudei de função para ser recepcionista numa Unidade de Saúde Básica – Posto de Saúde. ▪ É muito bom, tô aprendendo muitas coisas importantes na minha vida e no meu trabalho. Com esse curso pretendo ir em frente, sair de “cozinheira” para ser arquivadora.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>9º ano:</u> ▪ A EJA me ajudou muito, pois está me dando a oportunidade de recuperar o tempo perdido. Quando eu chegar a pegar o meu diploma vou lembrar de quem me ajudou a conseguir realizar meus estudos. ▪ Estudar é a melhor coisa na vida porque tudo que você tem que fazer nesse mundo precisa de estudo para poder ser alguma coisa na vida”. Eu mesma estudo na EJA para poder dar uma vida boa para minha mãe, poder ver ela ter tudo que não pode ter quando era criança. Ter um trabalho para poder seguir a minha vida com minha mãe do meu lado. Fiz de tudo para ela poder vir para a escola, porque eu quero que ela seja uma pessoa muito inteligente, mas ela nunca estudou, mesmo assim nunca deixou faltar nada para mim e meus irmãos. Ela sempre foi pai e mãe. Hoje eu tenho muito orgulho dela ter me colocado em uma escola porque antes ela não tinha o que eu tenho hoje. Sou atrasada um ano na escola, mas não vim para a EJA não porque sou atrasada de ano, mas para arrumar um trabalho para ajudar minha mãe nas despesas de casa. Tudo isso hoje eu agradeço a ela. Várias meninas do meu tempo já são mães, não estudam mais, outras já foram embora para outras cidades. Eu quero ser a pessoa que minha mãe quer que eu seja. Quero dar uma vida boa para ela. ▪ Estudar na EJA para mim é uma nova oportunidade de avançar. ▪ O estudo na EJA é bom porque faz dois anos em um só, também tem o curso profissionalizante para os alunos da escola. Já tem dois anos que eu estudo na EJA e achei muito bom. As professoras tratam os alunos com carinho. Significa que essa escola é boa foi a melhor escola que eu estudei ▪ Para mim é um privilégio estudar na EJA, porque tá me dando uma grande oportunidade que talvez nunca teria pra frente. Para mim os principais desafios na minha jornada é estudar, passar de ano e me formar como sempre sonhei. Fem. 27 anos. ▪ Estudar na EJA é muito bom, eu acho um meio que o governo tem para ajudar a nós que precisamos sair da zona do analfabetismo e para quem quer seguir em frente no intuito de amanhã ou depois, se tornar alguém melhor dentro da sociedade. Eu tenho de falar bem da

EJA, porque se não fosse a EJA eu jamais poderia dar seguimento em meus estudos e procurando recuperar tudo que eu deixei de aprender há tempos atrás. Hoje, a própria vida nos cobra e se ela cobra não vamos encruzar os braços para ela, temos mais é que dar o nosso melhor

- A EJA é uma joia rara, que me dá a oportunidade de obter êxito no meu aprendizado. A EJA é o caminho certo para jovens e adultos na disciplina educativa.
- É ótimo, adianta muito o tempo perdido e ajuda a gente a concluir os trabalhos, à rotina de casa com os estudos.
- Sim, porque a maioria dos jovens tem sonho de estudar no IFBA, a oportunidade que estamos tendo surgiu da escola com o merecimento dos alunos e do cotidiano da gente, ou seja, do compromisso que temos.
- A EJA é muito importante porque a gente aprende muita coisa, os professores são legais, fazem muitas coisas pra gente. Eu acredito que tem muita gente amando estudar na EJA.

3. O que a escola Marcionílio Rosa representa para o/a estudante

1º segmento:

Uma aluna diz que quer aprender mais a ler; um aluno diz que está se sentindo confortável; outro aluno sugere dividir a turma e uma aluna não conseguiu responder.

▪ 7º ano:

- As Escolas Tenente Wilson e Luiz Viana Filho que eu aprendi mais coisas e agora melhor com a professora Marly
- Representa muitas coisas boas
- Me representa bastante, pois hoje eu corro atrás do tempo perdido que eu tento recuperar
- Representa futuro, que eu seja uma pessoa bem sucedida e que eu influencie meus filhos no futuro
- Representa estudo e que eu venha pra aprender
- A qualidade do ensino é muito boa e me sinto a vontade
- Eu me sinto bem aqui
- Eu me sinto privilegiada pq esta escola e o seu projeto traz oportunidade
- Para mim, vejo como uma oportunidade.
- Para arrumar emprego e viver bem.
- A qualidade do ensino é muito boa e me sinto a vontade
- Eu me sinto bem aqui
- Eu me sinto privilegiada pq esta escola e o seu projeto traz oportunidade
- Para mim, vejo como uma oportunidade.
- Para arrumar emprego e viver bem.

▪ 8º ano:

- Um ensino bom e merenda espetacular
- Um ambiente para as pessoas aprenderem

▪ 9º ano:

- A escola é muito competente
- Eu acho ótimo o ensino dos professores
- Eu acho muito bom o ensino aqui
- Ensino muito bom
- Médio, tem muitos professores bons, porém, outros que não me ensinaram nada.
- Bons professores que tenham responsabilidade com o trabalho e com os alunos. São professores que faltam muito e prejudica os alunos, pois já é pouco tempo que temos aqui.
- Ótimo, porque para os professores ensinarem é porque tem muita competência. Nada, [de crítica ou sugestão] o mais importante já estão fazendo que é um bom ensino, já é suficiente
- Bom, pois aprendi muito com os professores e com meus colegas também.
- Só na segurança dos alunos na hora de sair da escola.
- Ótimo!
- Segurança, porque isso é fundamental e ter mais autoridade, porque isso que faz ser uma escola de respeito.
- É um ensino bom. Para mim não precisa de nada.
- Muito bom.

<ul style="list-style-type: none"> ▪ Deveria ter futebol. ▪ Ela ensina muita coisa ▪ É uma escola boa ▪ O ensino é mil. ▪ Área de lazer e biblioteca para todos os alunos/as. ▪ Representa meu conhecimento e minha qualificação no futuro ▪ Representa recomeço ▪ Uma escola de muitas lembranças boas e muito popular ▪ Representa muita coisa essa escola, é boa e gosto muito ▪ Ela representa muita coisa na minha vida, pois ensina muitas coisas ▪ A escola para mim é um lugar onde você aprende a respeitar e tratar as pessoas bem. ▪ Essa escola é boa foi à melhor escola que eu estudei. As professoras tratam os alunos com carinho.
<p>4. Dinâmica das salas de aulas na Marcionílio Rosa</p>
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>7º ano:</u> ▪ Geografia é a matéria que eu mais gosto porque aprendi muita coisa que eu não sabia sobre o mundo. O professor Márcio, porque é um dos professores que é mais simples para ensinar a matéria.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>8º ano:</u> ▪ Minha matéria é Geografia e também História. Admiro o professor Ery... muito legal às aulas dele e eu aprendo muito com ele. ▪ Eu gosto muito da disciplina de História e Geografia é o professor que tenho grande admiração é o professor Ery, o professor Márcio e a professora Ylma.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>9º ano:</u> ▪ Português, e eu admiro muito, o professor desta disciplina porque ele esforça muito pelos alunos, faz o possível, pede para ler, para não se prejudicar e ajuda também em outros assuntos. ▪ Português e o professor também. Porque ele é competente e sabe lidar com seus alunos, é “chatinho” às vezes e muito admirável, dedicado aos seus alunos. ▪ Português e Geografia. Tenho grande admiração pelo professor Oziel.
<p>5. Sobre Repetência</p>
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Do 1º segmento:</u> ▪ Apenas dois alunos não são repetentes. Uma aluna não quis responder, um respondeu que perdeu o ano apenas uma vez e os outros se recusaram a responder. Quatro vezes na 3ª série, um ano e dois meses sem estudar. Chegou um momento em minha vida que parei de estudar por nada ▪ Fiquei sete anos sem estudar, parei porque estava adoentada e faltava muito às aulas e porque a escola não aceitava, então acabei desistindo ▪ Perdi duas vezes ▪ Tem 15 anos e foi reprovado por 4 anos consecutivos
<p>6. Interrupções e desistências nos/dos estudos na EJA</p>
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Desisti por causa das amizades ruins ▪ Desisti um período por nada ▪ Porque eu não queria estudar. E porque você não queria estudar? “–Porque eu não queria estudar. Queria ficar na rua com os colegas. A gente ficava soltando pipa...depois, ia pra casa. (15 anos. Masc)
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>1º segmento:</u> ▪ Ficaram sem estudar entre um a sete anos. ▪ Para muitos alunos/as a causa é as drogas e as facções criminosas (Tudo 3 e BDM); mau amizade e vandalismo ▪ Por não saber o que é precisão mais na frente; preguiça e falta de interesse ▪ Por falta de interesse e muitas vezes porque tem filhos; casar nova (o) e engravidar

<ul style="list-style-type: none"> ▪ Drogas, falsas amizades e falta de interesse; outros não tiveram oportunidade de frequentar à escola e precisava trabalhar para sobreviver; vícios, amizades ruins e falta de oportunidade ▪ Acho que é porque não querem mais estudar
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>1º segmento:</u> ▪ Uma aluna diz que não gosta de estudar (jovem de 17 anos); outra porque casou cedo e teve que trabalhar; outro aluno porque teve dificuldade para aprender e o último se recusou a responder.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>9º ano:</u> ▪ Porque nos anos atrás eu e minha família ▪ Sim, causou muito prejuízo e agora vou até o fim. ▪ 3 respondem que o maior prejuízo foi não conseguir arumar emprego [por falta de escolarização] ▪ 1 responde que causou prejuízo para as aprendizagens futuras
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>8º ano.</u> ▪ 15 anos. Fem: ▪ Por conta do meu trabalho.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>9º ano.</u> ▪ 19 anos. Masc: ▪ Não respondeu ▪ <u>9º ano.</u> ▪ 16 anos. Masc: ▪ Tava ocupado
<p>7. Utilização dos espaços na Escola</p>
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>7º ano:</u> ▪ Excelente! Só tem um problema: tem que colocar ordem. ▪ Sim, porque, por exemplo, na hora do recreio estamos sentados na calçada. Precisa ter mais cuidado e ensinamento de qualidade com a EJA eu vejo assim. ▪ Se tivéssemos acesso ao info centro era muito bom, mas não temos acesso. Se a biblioteca fosse mais aberta era bom pra nós, pra gente ficar mais informado do mundo com os livros; mas, não temos muito acesso, aí fica ruim pra aprender muitos assuntos que não acontecem no nosso dia-a-dia e só os livros tem pra nos ensinar. (Franco, 57 anos).
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>8º ano:</u> ▪ Sim [à importância de utilização do Infocentro] porque estamos no mundo em que as pessoas precisam de informações para o mercado de trabalho e para aprender no seu dia a dia. ▪ A sala do info centro eu e meus colegas, ou seja, o 8º ano só usamos uma vez e a biblioteca se foi muito umas duas vezes, quando a gente fez entrevista lá. O refeitório funciona de vez em quando... ▪ Seria de grande proveito se esses dois centros educacionais [o Infocentro e a biblioteca] fossem disponibilizados para os alunos, sempre que houvesse necessidade, mas infelizmente isto não acontece. Acho que, por falta de vontade tanto dos alunos como da direção da escola. Acredito que tem como o info centro e a biblioteca serem mais úteis, basta fazer um planejamento. Porém, o município não oferece recurso e o centro educacional fica limitado para executar tarefas.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>9º ano:</u> ▪ Eu acho que há alunos que não respeitam nem a própria sala de aula onde é o meio do conhecimento. ▪ Não [à utilização de todos os espaços], porque não vejo necessidade em alguns lugares os alunos ficam aprontando ▪ Sim, refeitório nem muito porque tem espaço suficiente para lanchar, mas a quadra poliesportiva deveria utilizar mais (prática de esporte), porque é bom para a saúde para aprender mais ▪ Eu acho legal, tem espaço para tudo ▪ Não tem muito espaço porque quando tem aula vaga eles não colocam a gente pra fazer nada, aí coloca outro professor pra dar aula

<ul style="list-style-type: none"> ▪ Eu acho que não...[há utilização adequada dos espaços] ▪ Na verdade eu acharia que a biblioteca e a sala dos computadores deveriam ter mais participação das pessoas para aprender mais. Tem muitos alunos que não sabem mexer direito, então esses computadores, deveria ter aulas para os alunos aprender. Na biblioteca a mesma coisa, os professores têm que tirar um dia para os alunos lerem e não ser prejudicados em leituras mais na frente. (20 anos. Fem) ▪ Acho que é muito bom [utilizar todos os espaços] porque nós precisamos aprender cada vez mais. ▪ Eu acho muito bom [utilizar todos os espaços] porque esses dados dão mais aprendizagem para os alunos. ▪ Eu acho que tanto uma como a outra [o Infocentro e a biblioteca] será de grande importância para a formação e desenvolvimento de todos nós nessa escola. Trata-se do útil e o agradável. Referente aos espaços ainda nos deixam a desejar, até porque não temos o devido acesso a eles.
<p>8. Relações e Convivência na Marcionílio Rosa</p>
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>8º ano:</u> ▪ Falta respeito entre os jovens (15 anos, masc)
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>9º ano:</u> ▪ Eu acho que falta muita solidariedade entre as idades das pessoas. É um ambiente onde acolhe todas as idades, mas falta muito respeito ▪ São várias coisas boas, mas há falta de respeito principalmente com os mais velhos. ▪ Há muito respeito entre os jovens, adultos e idosos. Também há paz e muito incentivo para nós alunos mais jovens ▪ Alguns deles respeitam os mais velhos, a aprendizagem está ótima e eu aprendi muitas coisas ▪ É bom para aprender a respeitar os idosos e você ter mais visão de vida
<p>9. Sobre a relação com o mundo do trabalho</p>
<ul style="list-style-type: none"> ▪ 2 não trab. 1 não resp. Uma é babá e faz “bico” em escritório; uma trabalha em casa de família, é cozinheira. Trabalha 9 hs por dia; lamenta não estar trabalhando “em coisa melhor”. ▪ Eu estudo primeiro, trabalho depois ▪ O estudo é o futuro. ▪ Eu acho [difícil estudar e trabalhar ao mesmo tempo], porque chegar em casa cansado e depois estudar
<p>10. Como vêem o mundo</p>
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>7º ano:</u> ▪ Aluno de 37 anos: Para mudar o mundo teremos que ter novos pensamentos, por exemplo, século XXI; tem fome, roubo e viciados em drogas. Pai mata filho e vice-versa; nós temos que buscar Deus para mudar esta situação.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>8º ano:</u> ▪ Muitos jovens entrando para o mundo do crime (16 anos fem) ▪ Sou uma pessoa calma, mas, muito chata para as pessoas que não entendem um pouco de mim. (15 anos, masc)
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>9º ano:</u> ▪ Compreendo que o mundo é um jogo onde os mais espertos se encaixam, porque o mundo é o de “ver” e não o de “ser”. ▪ Muita violência ▪ Mais dignidade e honestidade sem falsidade nem inveja, nem morte, só plantando coisas boas, ajudando uns aos outros. ▪ Quero primeiro terminar os estudos, me formar e muitas coisas. ▪ Eu acho que o mundo que vivemos tem que melhorar muito...
<p>11. Continuidade dos estudos após a EJA</p>
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>8º ano:</u> ▪ Para vencer os níveis mais difíceis e ter um emprego melhor ▪ Porque sei que o melhor para mim e por conta dos meus sonhos

<ul style="list-style-type: none"> ▪ Pretendo subir na vida arrumando um bom emprego para fazer faculdade, quero ser sexóloga ▪ Sim, porque quero o melhor para mim e um futuro bom ▪ Porque quero aprender e ter um bom futuro
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>9º ano:</u> ▪ Técnica de Enfermagem porque eu gosto e tenho interesse ▪ Pretendo cursar Enfermagem porque é uma coisa muito boa ▪ Pretendo fazer curso para Polícia, pois gosto de adrenalina e é um sonho que tenho desde criança. ▪ Engenharia Civil, porque é uma profissão que eu gosto muito e admiro ▪ Ser professora ▪ Operador de caixa. para poder pagar uma faculdade de dentista ▪ Ficar em casa e trabalhar. ▪ Policial ▪ Eu pretendo me profissionalizar em Informática, porque será de grande importância para minha formação
<p>Roteiro de Entrevista específico para estudantes da EJA na Marcionílio Rosa que participaram de Cursos Profissionalizantes do IFBA em 2017</p>
<p>1. De qual curso participa e porque o escolheu</p>
<ul style="list-style-type: none"> ▪ 8º ano. 16 anos ▪ Curso de Desenhista de móveis. Para aprender mais e pra trabalhar. ▪ 8º ano. 18 anos: ▪ Curso de arquivista. Fui convidada e selecionada pela escola. ▪ 8º ano. Omitiu idade: ▪ Curso de arquivista. Fui convidada e selecionada pela escola. ▪ 8º ano. 36 anos. fem: ▪ Curso de arquivista. Porque gosto de organização, de escrever, de me profissionalizar e crescer na vida. ▪ 8º ano. 44 anos. fem: ▪ Curso de Auxiliar de Arquivo. Porque achei muito importante pra mim. Para arranjar um trabalho nessa profissão.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ 9º ano 54 anos: ▪ Curso de Desenhista de móveis. É porque pretendo me profissionalizar e não quero perder essa oportunidade. ▪ 9º ano. Omitiu idade: ▪ Curso de Desenhista de móveis. ▪ Porque queria adquirir mais experiência e também acrescentar um diploma no currículo. ▪ 9º ano. 19 anos. Masc: ▪ Curso de Eletricista. Porque já trabalho em construção civil e às vezes exige o trabalho de eletrificação. ▪ 9º ano. 17 anos. fem: ▪ Curso de Auxiliar de Arquivo. Eu achei muito importante para mim e estou gostando muito, mudou a minha vida.
<p>2. Dificuldades e superações</p>
<ul style="list-style-type: none"> ▪ 8º ano. 16 anos: ▪ Em Matemática, para desenhar os objetos. Estou melhor ▪ 8º ano. 18 anos: ▪ Nunca houve dificuldade, mas se houver irei superar. ▪ 8º ano. Omitiu idade: ▪ Não encontrei dificuldade, mas, se houver posso superar. ▪ 8º ano. 36 anos. fem:

<ul style="list-style-type: none"> ▪ Graças a Deus nunca tive problema de dificuldade. Minha família me apoia e ajuda em tudo. Vou até doente para o curso, porque gosto do que estou fazendo. ▪ 8º ano. 44 anos. fem: ▪ Não, só tenho dificuldade em informática, mas vou fazer um curso para superar.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ 9º ano 54 anos. masc: ▪ Nessa dinâmica, em alguns aspectos, ainda me dificulta, principalmente na área de desenho de móveis e ainda não há superação. ▪ 9º ano. Omitiu idade. fem: ▪ Nenhuma, só a distância. Superei porque agora vou com meu esposo. ▪ 9º ano. 19 anos. Masc: ▪ Só na hora de somar as voltagens. Sim, tô conseguindo superar com o incentivo do professor, ajudando, mostrando, explicando sempre que a gente precisa. ▪ 9º ano. 17 anos. fem: ▪ Eu superei, pois teve umas dificuldades, mas, a gente conseguiu.
<p>3. Participação e Aprendizagens</p>
<ul style="list-style-type: none"> ▪ 8º ano. 16 anos: ▪ Participação boa. Houve aprendizagem sim, desenhei móveis... eu nunca desenhei antes. ▪ 8º ano. 18 anos fem: ▪ Normalmente, não converso muito, mas se houver dúvidas pergunto sim. Ainda não aprendi muita coisa, mas acredito que melhoras virão. ▪ 8º ano. Omitiu idade. fem: ▪ Eu sou muito participativa no curso, sempre tiro minhas dúvidas quando eu tenho. Eu já aprendi um pouco como organizar um arquivo. ▪ 8º ano. 36 anos. fem: ▪ Participo muito das aulas, questiono, levo um pouco da minha vida profissional e pessoal para discutir de acordo com os assuntos trabalhados pelos professores na sala de aula. Sim, aprendi a me proteger dos riscos de trabalho, o uso da proteção de equipamento individual (IPI), a importância de cuidar e arquivar documentos. ▪ 8º ano. 44 anos. fem: ▪ Participo de todas as aulas, faço perguntas, dou exemplos de muitas coisas quando o professor pergunta. Ótimo! Sim, à parte do meio ambiente aprendi muito, assim como arquivar documentos que eu não sabia, o direito do trabalhador, entre outras coisas.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ 9º ano 54 anos masc: ▪ Na minha avaliação de certa forma é um pouco preocupante porque estou perdendo um dia de aula a cada semana. Achei muito interessante ao me despertar à curiosidade para minha aprendizagem, mas ainda sou primitivo informaticamente. ▪ 9º ano. Omitiu idade fem: ▪ Boa, sou muito participativa. Achei o professor um pouco mal humorado... Eu achei sem graça não aprendi quase nada, só noção de alguns desenhos. ▪ 9º ano. 19 anos. Masc: ▪ Ele pergunta e a gente responde, trocando conhecimento. Às vezes tenho dúvida, então eu anoto para não esquecer. Achei ótimo! Uma experiência a mais. Sim, pois já faço instalação elétrica sozinho. ▪ 9º ano. 17 anos. fem: ▪ Eu fico bem comportada prestando atenção na aula. Eu aprendi como organizar um arquivo.
<p>Roteiro de Entrevista específico para estudantes da EJA na Marcionílio Rosa que se inscreveram e desistiram de Cursos Profissionalizantes do IFBA em 2017</p>
<p>1. De qual curso participou e porque o escolheu</p>
<ul style="list-style-type: none"> ▪ 8º ano. 15 anos. Fem: ▪ Curso de soldagem. Eu fui convidada e quis fazer este curso.

<ul style="list-style-type: none"> ▪ 9º ano. 19 anos. Masc: ▪ Eletricista. Porque é a área que faz parte do meu cotidiano, trabalho na construção civil. ▪ 9º ano. 16 anos. masc: ▪ Curso de soldagem. Para aprender alguma coisa importante
2. Dificuldades encontradas
<ul style="list-style-type: none"> ▪ 8º ano. 15 anos. Fem: ▪ Nunca houve dificuldades, mas se encontrar posso superá-las.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ 9º ano. 19 anos. Masc: ▪ Foi mais a parte de aprender a somar as voltagens e a separar as instalações por comandos. ▪ 9º ano. 16 anos. masc: ▪ As aulas teóricas.
3. Aprendizages
<ul style="list-style-type: none"> ▪ 8º ano. 15 anos. Fem: ▪ Achei muito bom, sim estou aprendendo muitas coisas que eu ainda não sabia.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ 9º ano. 19 anos. Masc: ▪ Muito bom, pois aprendi a fazer algumas coisas básicas, algo que é simples e que eu nem imaginava que era fácil. ▪ 9º ano. 16 anos. masc: ▪ O curso é bom.
4. Planos para o futuro
<ul style="list-style-type: none"> ▪ 8º ano. 15 anos. Fem: ▪ Meus planos é me formar, fazer uma boa faculdade e arrumar um bom emprego.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ 9º ano. 19 anos. Masc: ▪ Meus planos para o futuro é ter um bom emprego e ser independente. ▪ 9º ano. 16 anos. masc: ▪ Continuar estudando.

APÊNDICE 2

PROJETO DE LEITURA



**ESCOLA MUNICIPAL MARCIONÍLIO ROSA
PROJETO DE LEITURA**

**A Biblioteca e o Infocentro: espaços dinâmicos na formação docente e
discente da Educação de Jovens e Adultos**

**IRECÊ
2018**

FICHA TÉCNICA

DIRETORA: NORMÂNDIA PIMENTEL

VICE-DIRETORA: JIRLÂNDIA RIBEIRO

COORDENADORA PEDAGÓGICA: LEILIANE GAMA

PROFESSORES: EDIVALDO SEIXAS, EMERSON CARLOS, MARIA DA CONCEIÇÃO CANA VERDE, MARIA ROMILDA BATISTA, MARILENE MARQUES, MÁRIO FERREIRA, PEDRO CORREIA, ROCY ROCHA, ROSÁLIA GOIS E OZEMAR AQUINO.

PROJETO ELABORADO POR: ROSÁLIA GOIS DE SOUZA³

APRESENTAÇÃO

A linguagem não deve ser considerada apenas como um meio de comunicação, ela é também uma forma expressiva, silenciosa, em que os pensamentos viajam. Lawn (2011)

O foco desse projeto de leitura intitulado “**A biblioteca e o infocentro: espaços dinâmicos na formação docente e discente da Educação de Jovens e Adultos**”, prima pela inclusão e pelo acesso à Biblioteca Otacílio Marques Dourado Sobrinho, inaugurada no ano 2000, na Escola Municipal Marcionílio Rosa, localizada no bairro Boa Vista no município de Irecê-Ba. Proporcionar um ambiente agradável e prazeroso para a realização das práticas de leitura e escrita requer uma acolhida satisfatória para que a reciprocidade nas dinâmicas interativas entre os sujeitos/objetos, frequentes, naqueles espaços sejam compreendidos como possibilidades no mundo desconhecido/conhecido. Despertar o interesse, a necessidade de praticar atividades de letramento, representa ainda um dos grandes desafios gritantes na educação. O Projeto prevê uma articulação formadora de caráter permanente, entre os docentes e discentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), emergindo do Projeto de Intervenção Educação de Jovens e Adultos: formação continuada de professores e professoras implicados na rejuvenescência dos discentes.

A EJA precisa ter sua própria identidade, de tempo, espaço e lugar para garantir de fato o direito de aprender com dignidade, conforme a proposta curricular de educação municipal. Com “um

³ Professora da Rede Municipal de Irecê e de João Dourado-BA, Pedagoga pela UFBA; Licenciada em Letras pela FACIBA; Pós-Graduada em Currículo Escolar pela UFBA; Mestranda no Curso Profissional em Educação, Programa: Educação, Currículo, linguagens e Inov. Pedagógicas. (UFBA) rosaliagois@yahoo.com.br

olhar para além” dessa condição de sujeito-aprendiz, referente aos docentes e discentes, no campo da formação, da pesquisa e estudo das práticas curriculares há grande preocupação com os índices elevados de analfabetismo funcional no município. Para tanto é preciso ampliar o investimento e a qualidade das ações educativas para os jovens e adultos. São dados estatísticos fornecidos pelo Plano Municipal de Educação de Irecê (2015 – 2025). Diante das dificuldades que muitos alunos e alunas apresentam na leitura e na escrita, é de grande relevância não apenas discutir e refletir como comumente fazemos no cotidiano das práticas curriculares nas escolas. Assim, segundo indagações advindas pelos docentes e equipe educativa, nasce o desejo de elaborar e implementar esse Projeto de Intervenção, que tem como objetivo desenvolver uma pesquisa na linha de Currículo, linguagens e inovações pedagógicas, através do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Educação (FACED), o Curso de Mestrado Profissional em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Visando a formação de leitores conscientes e sua função social no campo das ciências humanas o mundo tornou-se cada vez mais exigente. Tornar-se um leitor competente não é necessariamente, ler milhares de livros, basta assumir o compromisso de ler para saber, conhecer, divertir e construir conhecimentos para si mesmo e para a sociedade. Utilizar a biblioteca como espaço dinamizador e construtor de saberes relevantes intrínsecos entre a leitura e a escrita, requer atitude que fomente o estímulo, a criatividade e sensibilidade dos alunos, valorizando os conhecimentos advindos das suas experiências de vida, embarcando numa viagem concernente ao complexo mundo da leitura. Lembrando que, com a abertura da biblioteca e do infocentro no turno noturno para os jovens e adultos, haja possibilidade de assumir uma nova postura em função das diversas linguagens que a escola deve oferecer em consonância com a realidade local.

Este projeto de leitura em parceria com o Infocentro na Escola Municipal Marcionílio Rosa, evoca a intencionalidade de fornecer aos alunos e alunas da EJA, um ambiente virtual com redes de relações que poderão estar conectadas, nesta escola com outras turmas e possivelmente interligada a outras escolas da Rede Municipal de Educação de Irecê. A base fundamental prima pela divulgação das produções, da análise crítica, da discussão refletida nos conhecimentos construídos coletivamente, nesses espaços interativos com o uso das inovações tecnológicas adaptadas para o grau e nível de conhecimentos de cada aluno ou aluna. O atendimento deve ser diferenciado para cada segmento de ensino, considerando as particularidades e especificidades dos sujeitos. Contudo, todas as atividades nesses ambientes, terão em sua “linha de frente”, os professores que, de acordo com as necessidades dos alunos, no campo da singularidade, abriga o universo plural no mesmo espaço. Nesse laboratório virtual e digital

deve haver compartilhamento dos conteúdos e projetos desenvolvidos na proposta curricular em conformidade com outros recursos tecnológicos utilizados pela/na escola.

Como resultado desse Projeto de Leitura na Biblioteca e no Infocentro espera-se construir jornais, textos informativos, lúdicos, poéticos, entre outras produções, de acordo com os projetos e atividades desempenhadas pelos docentes na sua prática pedagógica, desde que contemple assuntos prioritários da realidade local ou globalizante na esfera virtual. Interligar as conexões e estabelecer redes interativas que visam circular essas novas linguagens inovadoras traz a perspectiva de uma educação caminhando em busca de tantas outras possibilidades que precisamos para garantir o acesso, a permanência e um aprendizado com qualidade na rede de ensino. Que haja suporte e apoio da escola na sua totalidade, pois não pode haver dicotomia numa mesma escola quanto às suas práticas e relações curriculares no seu interior. Não desconsiderando as singularidades, a cultura, as questões sociopolíticas e as demandas que divergem nesse ambiente plural, a procura de construir saberes e conhecimentos e sua própria identidade de tempo/lugar/espço e produções conforme a realidade e as ações desenvolvidas nesse processo de ensino e aprendizagem.

Visto que, esse projeto de leitura está conectado ao espaço de interação informatizada com abrangência as emergências que surgem no campo das ciências, nas diversas possibilidades de linguagens comunicativas. Pretende-se constituir um elo de inserção ao acesso e uso dos recursos tecnológicos visando interação virtual em outras turmas e compartilhamento de outros ambientes virtuais. Lembrando que, a Escola M. Marcionílio Rosa possui outros espaços que poderiam ser utilizados aos estudantes da EJA – a saber, a quadra poliesportiva, construída na escola, mas, com utilização primordial para a comunidade no turno noturno. Aproveitar esse público jovem que tanto prima pelo esporte, como forma de interação nas práticas de saberes e conhecimentos relevantes para si mesmo e para a sociedade. Para muitos, apenas lazer, para outros, o início de uma vocação profissional a caminho das possibilidades e construção identitária no universo de múltiplas escolhas, descobertas, oportunidades e invenções planetárias.

O projeto tem como objetivo central desenvolver ações condizentes ao estudo ofertado aos estudantes e professores, com acompanhamento e orientação para leitura na biblioteca, seguido de produção escrita no Infocentro, conforme às atividades complementares dos docentes no processo curricular que pressupõe a construção do “fazer pedagógico” acompanhado pela coordenadora pedagógica ou nas dinâmicas organizadas conforme assegura a política dessa unidade de ensino, no seu Projeto Político Pedagógico (PPP). “No cotidiano escolar, percebemos a pouca (ou nenhuma) utilização da biblioteca como espaço educativo e

informacional que promove leituras, análises, debates e encontros entre livros e indivíduos.” Esse documento ainda diz que a biblioteca é considerada como palco de “punição”, pois em algumas situações, quando os alunos atrapalham a aula alguns professores enviam para a biblioteca sem aviso prévio. Esses fatos acontecem no turno diurno, visto que, em 2016 esse espaço era fechado para a Educação de Jovens e Adultos.

IMPORTÂNCIA DA IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO

Há uma análise crítica sobre a real importância e função da biblioteca dentro da escola e sua ressignificação, conforme aparece no PPP dessa escola. Então, a biblioteca poderá contribuir muito para a Formação Continuada dos Professores, nessa proposta e desenho curricular. Com a utilização do espaço bibliotecário, os professores e estudantes terão acesso e orientação nos trabalhos e atividades propostas para desenvolver outras linguagens comunicativas e informações essenciais para a formação desses sujeitos. Portanto, esse projeto tem como suporte básico os fundamentos implicados na Pesquisa Investigativa do Projeto de Intervenção do Mestrado em Educação, veiculado nas práticas pedagógicas do cotidiano escolar, que prima pela busca da compreensão da Pedagogia do A-con-tecer (termo cunhado por Inez Carvalho), professora adjunta da Universidade Federal da Bahia, imbricado nas demandas curriculares. Para Barbosa (1994, p. 140), “Quanto mais diversificados e significativos, mais estimulantes serão as situações de leitura e contato com a escrita”. Nessa lógica cabe a reflexão de considerarmos as diversas situações de aprendizagens, cada vez mais próxima da realidade dos alunos e alunas, para que, de fato, a leitura seja atrativa, prazerosa e envolvente. Embora, não seja somente para o leitor, mas, sobretudo, para a escola e a sociedade que precisam interpretar não somente o que está escrito, assim contempla Bonilla (2005, p. 18). “A contemporaneidade exige que se pensem os processos de significação, de aprendizagem, de cidadania, de produção de cultura e conhecimento, o que se apóia na disponibilização de informações, mas vai além dela”. A informação e a comunicação nas sociedades contemporâneas estão em todos os espaços com uma gama incomparável de contribuições necessárias à vida humana em diversas situações. Vale lembrar que a escola precisa priorizar as principais demandas e desafios, buscando transformá-las em conhecimentos básicos e fundamentais à vida dos cidadãos; considerando o lugar, o tempo e o espaço para a ampliação desses saberes evocados no processo de construção cultural e social.

Conforme Hermann (2002, p. 37), o homem deve compreender o mundo dentro de um projeto interpretativo que se efetua pela linguagem que faz um elo intrínseco entre o sujeito e o mundo. Para tanto, é necessário ter a consciência do significado que o mundo representa para a

humanidade. A coordenadora da Educação de Jovens e Adultos deste município, afirma sobre a formação continuada, que a Rede Municipal de Educação propõe para 2017. O processo dar-se-á a partir de um levantamento de dados da realidade de cada escola partindo da necessidade e preferência de cada professor ou professora. A partir dessa premissa, organizará a Formação Continuada da Rede Municipal de Ensino de Irecê.

Nesse enfoque é importante discutir o tema proposto para este ano de 2017, que traz a seguinte abordagem: Educação, Humanização e Sustentabilidade. É pertinente discutirmos a função social que a escola adota, então: Que conceito de educação a escola propõe? Que tipo de sujeito desejamos? Que sociedade queremos? Qual a importância da leitura e escrita para nossos alunos? Pelas observações das práticas cotidianas do “fazer pedagógico” e pelas rodas de conversas em diversos momentos e situações, a equipe dos profissionais da EJA demonstra afinidade nas relações interpessoais, sem se preocupar com a função que cada membro exerce, mas sim, com a escala de valores subjetivos que contribui para a organização curricular presente nas ações que envolvem a comunidade escolar. Logo, investir numa política concernentemente leitura e escrita na escola, pressupõe uma vasta abertura a diversas possibilidades que o mundo precisa ver e ouvir mediante a carência de aprender a ler e interpretar para a maioria dos brasileiros.

Segundo análise sobre a unidade entre o pensamento e a linguagem, Hermann (2002, p.68), vem dizer que conhecer é compreender e essa compreensão só poderá realizar-se através da linguagem, que configura como elemento básico da compreensão. E ainda acrescenta: “Assim, o mundo é mundo não só pelo que a linguagem dá acesso, mas a linguagem só tem sua verdadeira existência pelo fato de que nela se representa o mundo”. Nessa perspectiva de pensamento, a linguagem é consagrada como fio condutor de todas as práticas do discurso e da palavra dita ou falada, representada pela interpretação que o outro tem de si mesmo e do mundo em que habita. A autora supracitada, afirma que Gadamer defende a tese de que os animais embora vivam no mundo, possuem um habitat que consideramos ambientes, pois eles não têm mundo, preferencialmente por não possuir a tal estimada – linguagem. Dessa forma a linguagem torna-se um elemento imprescindível nas relações humanas desde a época mais remota aos nossos dias. Logo, através do seu uso, da própria interpretação e da forma comunicativa, o homem se transformou em um sujeito cultural e socialmente mutável, inacabado, capaz de transcender limites e ir além do que é visível.

OBJETIVO GERAL

- Construir uma rede de relações imbricada no ato de ler e escrever com autonomia, despertando a curiosidade e a importância da leitura para o cidadão que busca ampliar seus conhecimentos através das diversas linguagens comunicativas e informações tecnológicas, visando à inserção ao universo informatizado para atender as especificidades e exigências do mundo contemporâneo.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Motivar professores e alunos para utilizar a biblioteca como espaço de diversas leituras e informação comunicativa;
- Disponibilizar o acervo cultural de acordo com a necessidade e proposta curricular docente;
- Orientar e estimular a prática da leitura e da escrita como elemento de formação contínua;
- Fortalecer o desenvolvimento da autoestima dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem da EJA;
- Desenvolver habilidades de leitura e escrita com exploração de recursos tecnológicos e virtuais;
- Apreciar o ato de ler e descobrir diversas possibilidades de leitura;
- Divulgar no ambiente virtual os conhecimentos adquiridos na biblioteca
- Adquirir hábitos de leitura e práticas de produção textual no ambiente virtual;
- Ler com prazer e autonomia;
- Ser capaz de reconhecer a diversidade de textos no nosso cotidiano;
- Aprender a valorizar o tempo destinado para a prática leitora;
- Construir afetividade com o grupo de leitura;
- Ser solidário com a turma ou grupo de estudo;
- Inserir-se com autonomia no mundo virtual desde as mais simples atividades e/ou sua complexidade;
- Ter zelo e cuidado com o acervo bibliotecário e computadores;
- Organizar e aproveitar o tempo destinado a leitura e escrita;
- Compartilhar e publicar suas produções.

METODOLOGIA APLICADA

Criar um clima propício para a prática da leitura e escrita na Biblioteca ou no Infocentro, é sem dúvida, uma necessidade ímpar para que o docente ou discente utilize, explore e perceba o ambiente como espaço dinamizador da cultura viva imbricado nas relações de saber, de troca de experiências, de construção individual ou coletiva dos conhecimentos, tanto nas redes sociais como em outros recursos educativos. Quanto ao campo metodológico desse projeto, prioriza-se a abordagem tipo etnográfica com levantamento de dados nas proposições de leitura de mundo e convencional; nas observações, entrevistas, análise de documentos, fotografias e encaminhamentos para a construção das experiências trazidas ou adquiridas na escola com a participação dos alunos e alunas, dos professores e professoras ou em outros contextos. Considerando a ideologia, as práticas sociais, as redes de relacionamento estejam inerentes ao aprender a ser, a fazer e a viver situações reais nesses ambientes interativos e organizados.

CONTEÚDOS INSERIDOS

A partir da proposta curricular em rede de ensino municipal, dos temas geradores, das necessidades dos alunos de acordo com suas especificidades e das reais situações de aprendizagem em cada ano/turma. Com base no planejamento pedagógico, nas abordagens e sentidos para uma aprendizagem com êxito, a estimativa é que, a leitura possibilite aos estudantes novas formas de pensar, de viver e enfrentar o mundo com tanta informação, comunicação e tecnologia cada dia mais ampla em todos os ambientes. A larga gama do acervo disponível ao acesso do aluno e de todos que sentirem a necessidade de revisitar, ler e interpretar os sentidos da vida, da sociedade e do planeta. Conforme os projetos desenvolvidos e a proposta que cada professor elege de acordo com sua área específica e o nível de escolarização dos estudantes. Como o perfil dos alunos indica o fortalecimento para o campo do trabalho, é interessante que os conteúdos precisam estar de acordo com a profissão ou função que executa no próprio trabalho desses jovens e adultos.

Freire (1996, p. 90), “Não devo pensar apenas sobre os conteúdos programáticos que vêm sendo expostos ou discutidos pelos professores das diferentes disciplinas [...]”. É preciso que o discurso e os vários conteúdos possam emergir nas situações reais, das prioridades e demandas existentes na pluralidade de ideias, pensamentos, abertos ao diálogo, à participação coletiva e ao senso crítico implicado no posicionamento dos alunos, nas suas reivindicações, que comumente se ouve no interior das escolas; mas que, nem sempre são levadas a sério ou consideradas como parte fundamental do processo curricular.

A formação docente contempla também o atendimento às reais situações de vida do público EJA, visando uma práxis pedagógica cotidiana que ampara os sujeitos trabalhadores ou não, suas vivências implícitas conforme apresentam nas entrevistas realizadas na Escola supracitada, no campo investigativo que deve ser consideradas como riqueza sociocultural, fortalecendo os componentes curriculares.

Para Carvalho (2011, pp. 61/62), a educação permanente precisa garantir princípios básicos e fundamentais, incorporando-se no processo de formação em qualquer momento de sua vida. Logo, pensar a educação como formação contínua que transforma a vida das pessoas na sua cultura, na ética, nos valores e anseios para cada indivíduo, que sustenta em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver e aprender a ser.

Conforme os conteúdos abordados nas práticas cotidianas do “fazer pedagógico”, cada professor/professora planeja suas ações correspondentes ao ato de ler e escrever, no levantamento de hipóteses, na troca de experiências e na articulação da dinâmica das ações do próprio letramento.

Como dizia Freire (1996, p.27), faz parte da tarefa do docente, não ensinar apenas conteúdos, mas também ensinar a pensar certo. O que significa pensar certo ou errado? Relativizando a leitura, o contexto cultural, os indivíduos e os conhecimentos e diversos saberes; o modo de aprender, a descobrir, ser e sentir, diz muito ao tipo de homem e sociedade que a escola concebe e propaga. Quanto ao estado de pertencimento, subjetivo aos estudantes, o ambiente proporciona aprendizagem significativa? Como construir hábitos de leitura e de escrita, nas mais diferentes tipologias textuais e linguagens comunicativas? Embora, não apenas a Biblioteca deve ser visualizada como espaço leitor, sua ampliação se estende para outros espaços dentro da escola. Uma vez que, há uma configuração entre a troca de experiências nas discussões e reflexões fundamentadas nos teóricos e na epistemologia proposta pelas diretrizes curriculares da rede de ensino, que deve ser contextualizada, para que, de fato tenha sentido para os estudantes. Pois, há outros ambientes dentro da escola que precisam ser explorados, utilizados como forma de pertencimento do próprio currículo escolar e do uso como norteadores das práticas do cotidiano escolar. Caso contrário, desperta sentimento de exclusão, de fragmentação nas unidades de ensino.

AValiação DO PROJETO

Compreendido como um projeto permanente que articula as práticas e os saberes condizentes ao aprendizado e a formação continuada dos docentes e discentes, esse processo precisa ser refletido, avaliado constantemente; se, ampliando, modificando, construindo ou desconstruindo ações inovadoras durante a caminhada e o percurso em movimento mutável e inacabado.

Consta-se que são diversas as práticas de leitura, tanto no espaço da Biblioteca como no Infocentro; desde as dinâmicas de grupo, apresentações cênicas, as oficinas, as exposições, os estudos dialogados, dirigidos, compartilhados; nas rodas de conversa, nas interações relacionais do ambiente conectado à virtualidade e suas diversas formas de dizer a palavra e sua hermenêutica ao mundo, na condição de homem-realidade, homem-mundo, como no pensamento de Freire (1983, p. 17).

Ao longo dessa jornada de (des)construção coletiva, os sujeitos aprimoram seus conhecimentos, em favor das políticas públicas quanto ao atendimento das reais situações do contexto, das experiências e da necessidade de ampliar suas visões de mundo. A construção de sua própria identidade e legitimação articulada em tantas outras vidas na formação cidadã, da equidade e do empoderamento na legitimidade enquanto ser humano em qualquer que seja a área das ciências e tecnologia contemporânea.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, José Juvêncio. *Alfabetização e leitura*. – São Paulo: Cortez, 1994. – 2. ed.rev– (Coleção Magistério. 2º grau. Série formação do professor; v. 16)

BONILLA, Maria Helena Silveira. *Escola aprendente: para além da sociedade da informação*. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

CARVALHO, Rosa Malena (organizadora). *Educação Física Escolar na Educação de Jovens e Adultos*. Ensino Fundamental de Jovens e Adultos: Educação Física. 1 ed. Curitiba, PR: 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

_____. *Educação e mudança* / Paulo Freire: tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, Coleção Educação e Mudança vol.1.

HERMANN, Nadja. *Hermenêutica e Educação*. – Rio de Janeiro DP&A, 2002. – (O que você precisa saber sobre).

IRECÊ, *Plano Municipal de Educação*. Projeto de Lei do Executivo Nº. 11/2015 Diário Oficial do Município 003. Ano IV – Edição nº. 00401 | Caderno I

LAWN, Chris. *Compreender Gadamer*. 3.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011 – (Série Compreender). [Tradução de Hélio Magri Filho].

ROSA, Escola Municipal Marcionílio. *Projeto Político Pedagógico*. Irecê- BA, revisado em 2016.

APÊNDICE

Vale salientar que as imagens representam um passado que constitui no presente sensações semelhantes ao tempo ocorrido, de forma que, permaneça viva na memória de quem participou dos momentos registrados através dessas linguagens expressivas como dispositivo significativo no/do processo de formação. Relevante para redimensionar ações reflexivas da/na prática cotidiana entre docente/discente contemporaneamente. Contanto que, essa linguagem imagética traga em sua essência as experiências vivenciadas no contexto escolar durante o percurso desse trabalho de pesquisa in loco, torna-se um valioso dispositivo para realização do Projeto de Intervenção na Educação de Jovens e Adultos da Marcionílio Rosa. Portanto, as fotos selecionadas revelam momentos marcantes concernentes a diversas etapas de atividades e experiências propostas no currículo da escola e nas suas práticas cotidianas, durante o percurso desta pesquisa para o Curso de Mestrado Profissional em Educação. São algumas fotos que deixam suas marcas indicativas de momentos importantes na construção deste trabalho.



Figura 1 – Leitura na Biblioteca Otacílio Marques Dourado Sobrinho – 2017



Figura 2 – Leitura na mesma Biblioteca -2017



Figura 3 – Leitura na Biblioteca – 2017



Figura 4 – Leitura na Biblioteca – 2017



Figura 5 – Professora e alunos na Biblioteca Otacílio Marques Dourado Sobrinho – 2017



Figura 6 – Momentos de Leitura dos alunos da EJA da Marcionílio – 2017



Figura 7 – Momentos de muita concentração na Biblioteca da Marcionílio – 2017



Figura 8 – Biblioteca Otacílio Marques D. Sobrinho – 2017



Figura 9 – Docente pesquisadora selecionando livros para os alunos – 2017



Figura 10 – Evento na escola: Encontro da Família com a Escola – 2016



Figura 11 – Família e Escola, com presença do Secretário de Educação de Irecê –2016



Figura 12 – Culminância de Projeto de Leitura na Marcionílio Rosa – 2016



Figura 13 – Participação do pessoal de apoio no Projeto Cultural – 2016



Figura 14 – Culminância do Projeto Afro -2016



Figura 15 – Encontro com a Família – 2016



Figura 16 – Projeto Literário – Túnel do Tempo – 2016



Figura 17 – Curso Profissionalizante (IFBA) – Auxiliar de Arquivo – 2017



Figura 18 – Desfile Sete de Setembro – 2017



Figura 19 – Curso Profissionalizante (IFBA) Desenho de Móveis – 2017



Figura 20 – Curso Profissionalizante – Soldagem no (IFBA) – 2017



Figura 21 – Curso de Eletricista no (IFBA) – 2017

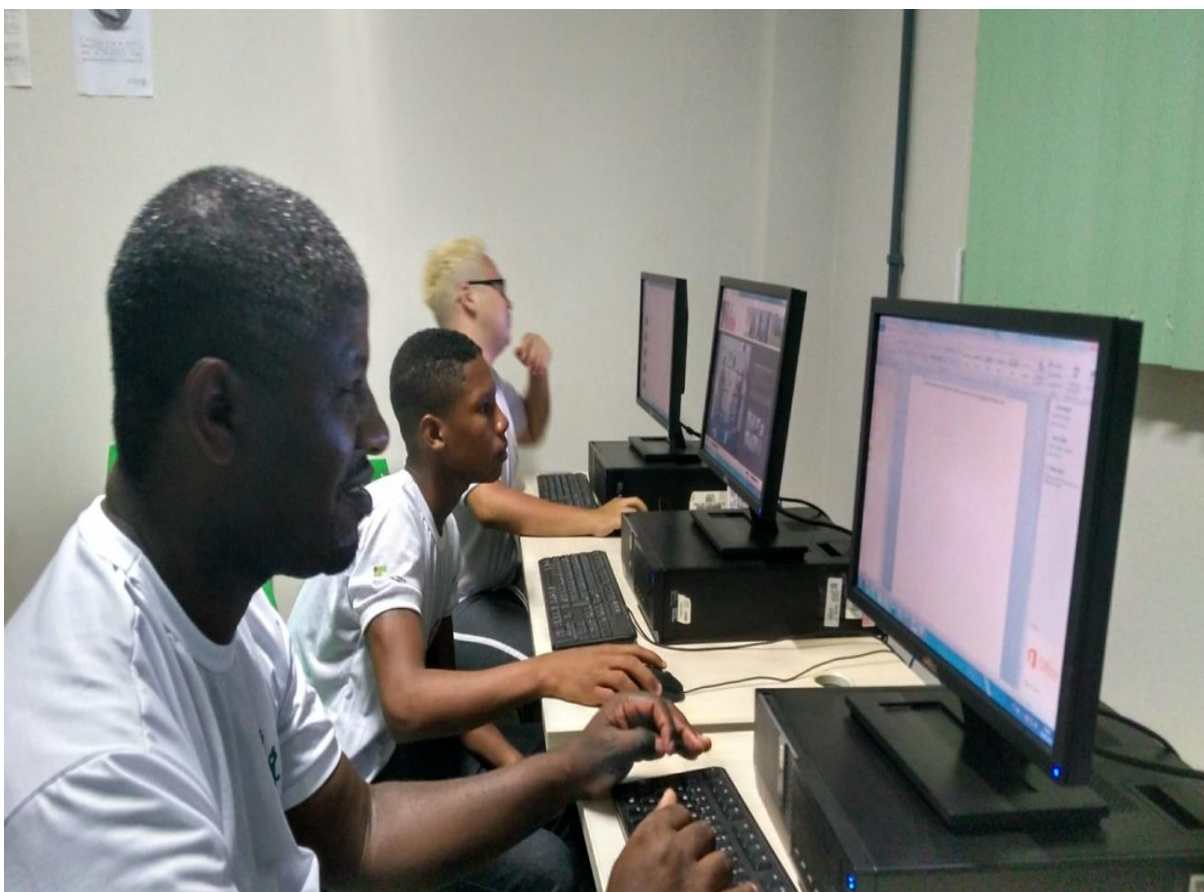


Figura 22 – Laboratório de Informática no (IFBA) – 2017



Figura 23 – Culminância do Projeto Memóriasna Marcionílio – 2017



Figura 24 – Professor e alunos na Culminância do Projeto Memórias – 2017



Figura 25 – Visita ao Museu – 2017



Figura 26 – Formatura dos Cursos Profissionalizantes (IFBA) no Espaço UFBA (IRECÊ) – 2017